

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF

Francielli de Barros Delazari

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA- práticas pedagógicas exitosas
da Escola Estadual Benedito Valadares da cidade Raul Soares-MG

Belo Horizonte

2024

Francielli de Barros Delazari

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA- práticas pedagógicas exitosas
da Escola Estadual Benedito Valadares da cidade Raul Soares-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientadora: Professora Doutora Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz.

Belo Horizonte

2024

D343e Delazari, Francielli de Barros
2024 Educação física escolar inclusiva – práticas pedagógicas exitosas da Escola Estadual Benedito Valadares da cidade Raul Soares - MG. – 2024.
148 f. : il.

Orientadora: Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 120-130

1. Inclusão - Teses. 2. Educação Física escolar – Teses. 3. Acessibilidade - Teses. 4. Práticas pedagógicas - Teses. 5. Educação inclusiva - Teses. I. Diniz, Isabel Cristina Vieira Coimbra. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 371.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA/MP

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA FRANCIELLI DE BARROS DELAZARI

Realizou-se, no dia 27 de junho de 2024, às 09:00 horas, Sala virtual: <https://us02web.zoom.us/j/84416258780?pwd=ioQUtA2EVwNS3PpsXW0BQYULHydEaq.1>, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 28ª (vigésima oitava) defesa de dissertação, intitulada *EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS DA ESCOLA ESTADUAL BENEDITO VALADARES DA CIDADE RAUL SOARES-MG*, apresentada por FRANCIELLI DE BARROS DELAZARI, número de registro 2022669376, graduada no curso de EDUCAÇÃO FÍSICA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz - Orientador (UFMG), Prof(a). Deyliane Aparecida de Almeida Pereira (Instituto Federal de Mians Gerais), Prof(a). Ivana Montandon Soares Aleixo (EEFFTO).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

A versão final da dissertação, devidamente corrigida, deverá ser entregue até 60 dias após sua defesa.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de junho de 2024.

Documento assinado digitalmente
gov.br ISABEL CRISTINA VIEIRA COIMBRA DINIZ
Data: 28/06/2024 16:12:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Isabel Coimbra (Doutora)

Documento assinado digitalmente
gov.br DEYLIANE APARECIDA DE ALMEIDA PEREIRA
Data: 28/06/2024 16:38:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Deyliane Aparecida de Almeida Pereira (Doutora)

Documento assinado digitalmente
gov.br IVANA MONTANDON SOARES ALEIXO
Data: 01/07/2024 09:17:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Ivana Montandon Soares Aleixo (Doutora)

*Aos alunos que me ensinaram o
verdadeiro significado da inclusão, à
minha família e aos colegas de profissão.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas e instituições que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Primeiramente, agradeço a Deus, cuja orientação e bênçãos estiveram presentes em cada etapa deste trabalho. Sua graça e misericórdia foram fontes de inspiração e fortalecimento, guiando-me nos momentos de desafio e iluminando meu caminho rumo à conclusão deste estudo.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a minha orientadora, Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz, pela orientação constante, pelo apoio acadêmico e pela paciência ao longo de todo o processo de pesquisa. Seu conhecimento e direcionamento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Também expressei minha gratidão à professora Deyliane Aparecida de Almeida Pereira, que, além de integrar a banca examinadora, desempenhou um papel fundamental em minha jornada acadêmica. Desde minha graduação, ela tem sido uma mentora presente, orientando-me também durante uma pós-graduação, compartilhando informações sobre processos seletivos do PROEF e contribuindo enormemente na qualificação do mestrado. Obrigada por toda disponibilidade e dedicação.

Sou grata também aos demais membros da banca examinadora, Professoras Ivana Montandon, Tatiana Boletini e Cassia Lima por dedicarem seu tempo e expertise na avaliação deste trabalho e contribuições para seu aprimoramento.

À minha família, em especial aos meus pais e minha irmã, pelo apoio incondicional, compreensão e incentivo ao longo de toda a minha jornada acadêmica.

Aos amigos e demais pessoas que de alguma forma colaboraram ou me apoiaram durante este período, meu sincero agradecimento.

Também gostaria de estender meus agradecimentos aos participantes da pesquisa, cuja colaboração e generosidade forneceram os dados essenciais para esta investigação. Suas perspectivas e experiências foram de imenso valor e contribuíram significativamente para os resultados alcançados.

E agradeço imensamente a Escola Estadual Benedito Valadares, por ser

uma instituição acolhedora e por ter me dado a oportunidade de crescer não só profissionalmente, mas também pessoalmente, através da inclusão.

Gratidão também aos professores e colegas do programa de mestrado, que compartilharam conhecimentos, experiências e incentivaram meu crescimento acadêmico e profissional.

Por fim, expresso minha gratidão à Universidade Federal de Minas Gerais e a UNESP pela oportunidade de realizar este mestrado e pelo suporte oferecido ao longo dessa jornada.

A todos vocês, meu mais profundo agradecimento por fazerem parte desta jornada e por tornarem este trabalho possível.

“Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança.”

(FREIRE)

RESUMO

O estudo teve como propósito narrar ações pedagógicas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para a inclusão de alunos com deficiência, com o intuito de elaborar um Caderno de Práticas Pedagógicas Exitosas: por uma Educação Física Escolar Inclusiva, em formato digital (PDF). Tratou-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, embasada em narrativas. Para fundamentar o estudo, foram realizadas revisões bibliográficas. Para a construção do edifício teórico foram realizados levantamentos bibliográficos pertinentes ao tema, como conceitos de inclusão escolar, Educação Física escolar inclusiva, história da Educação Física adaptada, capacitismo, leis brasileiras que amparam ações de inclusão e de acessibilidade, formação docente no campo da Educação Física escolar no Brasil e sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Houve também a análise documental da Escola estudada: o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI). A pesquisa envolveu cinco professores da Escola Estadual Benedito Valadares, localizada em Raul Soares, MG, entrevistados pela autora do estudo. As entrevistas iniciaram em dezembro de 2023, e finalizaram em fevereiro de 2024. Entre os entrevistados estavam a diretora da escola, duas professoras de apoio, o vice-diretor e professor de Educação Física, e a professora de Educação Física dos anos iniciais. Além disso, o trabalho incluiu uma autonarrativa docente, fornecendo uma perspectiva pessoal sobre o tema abordado. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada com número CAAE 71806923.5.0000.5149. Um dos objetivos do estudo foi o enumerar fatores que contribuem ou dificultam as práticas de ensino com alunos com deficiência na Educação Física Escolar. Procurou-se também identificar as dimensões da acessibilidade no contexto escolar. Concluiu-se por meio desta pesquisa que a instituição analisada demonstra efetivamente práticas pedagógicas inclusivas exitosas. De acordo com as pessoas entrevistadas, os alunos com deficiência participam de todas as atividades regulares, têm acesso às atividades suplementares através da sala de recursos, materiais adaptados e/ou professores de apoio. A instituição de ensino também está equipada com recursos que garantem a acessibilidade física, incluindo rampas de acesso e banheiro adaptado, proporcionando um ambiente inclusivo e seguro para todos os alunos, independentemente de suas necessidades especiais. Essas adaptações são essenciais para assegurar que todos tenham igual oportunidade de aprendizado e participação nas atividades escolares. A pesquisa apontou que a gestão escolar contribui significativamente para o sucesso da inclusão na instituição. Além disso, o Plano de Desenvolvimento Individual elaborado pela instituição auxilia os docentes no conhecimento sobre os alunos com deficiência. O estudo também apresentou propostas de unidades didáticas e planos de aula, destacando as adaptações que podem ser implementadas para facilitar a inclusão de estudantes com deficiência.

Palavras-chave: Educação Física; inclusão; alunos com deficiência; abordagens pedagógicas bem-sucedidas.

ABSTRACT

The study aimed to narrate successful pedagogical actions by Physical Education teachers at Benedito Valadares State School for the inclusion of students with disabilities, with the intention of developing a Notebook of Successful Pedagogical Practices: for an Inclusive School Physical Education, in digital format (PDF). This was a qualitative research study with a descriptive-interpretative approach, based on narratives. To underpin the study, literature reviews were conducted. For the construction of the theoretical framework, bibliographic surveys relevant to the topic were carried out, such as concepts of school inclusion, inclusive school physical education, the history of adapted physical education, ableism, Brazilian laws that support inclusion and accessibility actions, teacher training in the field of school physical education in Brazil, and the National Common Curricular Base (BNCC). There was also a documentary analysis of the studied school: the school's Political-Pedagogical Project (PPP) and the Individual Development Plans (IDP). The research involved five teachers from the Benedito Valadares State School, located in Raul Soares, MG, interviewed by the author of the study. The interviews began in December 2023 and were concluded in February 2024. Among those interviewed were the school principal, two support teachers, the vice-principal and physical education teacher, and the physical education teacher for the early years. Additionally, the work included a self-narrative from the teacher, providing a personal perspective on the addressed topic. The research was submitted to the Research Ethics Committee of Federal University of Minas Gerais (UFMG), registered on the Plataforma Brasil, and approved with the number CAAE 71806923.5.0000.5149. One of the objectives of the study was to enumerate factors that contribute to or hinder teaching practices with students with disabilities in school physical education. It also sought to identify the dimensions of accessibility in the school context. The research concluded that the analyzed institution effectively demonstrates successful inclusive pedagogical practices. According to the interviewees, students with disabilities participate in all regular activities, have access to supplementary activities through the resource room, adapted materials, and/or support teachers. The educational institution is also equipped with resources that ensure physical accessibility, including access ramps and adapted restrooms, providing an inclusive and safe environment for all students, regardless of their special needs. These adaptations are essential to ensure that everyone has equal opportunities for learning and participation in school activities. The research pointed out that school management significantly contributes to the success of inclusion in the institution. Moreover, the Individual Development Plan developed by the institution assists teachers in understanding students with disabilities. The study also presented proposals for didactic units and lesson plans, highlighting the adaptations that can be implemented to facilitate the inclusion of students with disabilities.

Keywords: Physical Education; inclusion; students with disabilities; successful pedagogical approaches.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1- Fachada da Escola Estadual Benedito Valadares	49
Figura 2- Localização da Escola Estadual Benedito Valadares, Raul Soares- MG..	50
Figura 3- Pátio/ quadra da escola	51
Figura 4- Playground/ parquinho da escola	51
Figura 5- Jardim sensorial da escola (Produto educacional do mestrado de uma docente da instituição)	52
Figura 6- Biblioteca da escola	52
Figura 7- Sala de informática da escola	53
Figura 8- Refeitório da escola	53
Figura 9- Sala de aula da escola	54
Figura 10- Banheiros da escola	55
Figura 11- A educação inclusiva representada nos muros da escola	56
Figura 12- A educação inclusiva representada nos muros da escola	57
Figura 13- A educação inclusiva representada nos muros da escola	57
Figura 14- A educação inclusiva representada nos muros da escola	58
Figura 15- Sala de recursos da escola	60
Figura 16- Rampas de acesso na escola	64
Figura 17- Rampa de acesso ao bebedouro e playground	65
Figura 18- Rampa da entrada da escola	66
Figura 19- Rampa da entrada da escola	67
Figura 20- Rampa da entrada da escola	68
Figura 21- Rampa de acesso à biblioteca da escola	69
Figura 22- Rampa de acesso à sala de recursos	70
Figura 23- Entrada da sala de recursos	71
Figura 24- Banheiro adaptado para PCDs	72
Figura 25- Banheiro adaptado para PCDs	73
Figura 26- Cella Braille adaptada, punção para escrita Braille adaptada e atual	74

Figura 27- Reglete para escrita Braille	75
Figura 28- Cella Braille	76
Figura 29- Soroban adaptado	77
Figura 30- Soroban atual	78
Figura 31- Impressora Braille	78
Figura 32- Caderno em Braille elaborado na sala de recursos (música Aquarela)...	79
Figura 33- Um dos livros em Braille da biblioteca da escola	80
Figura 34- A educação inclusiva representada nos muros da escola	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Sujeitos da pesquisa/ falas mais marcantes	98
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE- Atendimento Educacional Especializado
APAE- Associação de pais e amigos Excepcionais
BNCC- Base Nacional Comum Curricular
CNE/CEB- Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica
E.E.B.V- Escola Estadual Benedito Valadares
EFA- Educação Física Adaptada
EPT- Esporte para Todos
FADIP- Faculdade Dinâmica em Ponte nova
IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LDB- Lei de diretrizes e bases
LDBEN- Lei de diretrizes e bases da educação nacional
MEC- Ministério da Educação e Cultura
PAEE- Plano de Atendimento Educacional Especializado
PCD- Pessoa com deficiência
PDI- Plano de desenvolvimento individual
PIP- Plano de intervenção pedagógica
PPP- Projeto Político Pedagógico
PROEF- Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional
PROUNI- Programa Universidade para todos
PUC-RS- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SAI- Serviço de Apoio à Inclusão
SRE- Superintendência regional de ensino
TCLE- Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TDAH- Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade
TGD- Transtorno Global do Desenvolvimento
TOD- Transtorno desafiador opositor
UFES- Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais
UFU- Universidade Federal de Uberlândia
UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP- Universidade Estadual Paulista
USP- Universidade de São Paulo

Sumário

1 MEMORIAL	16
Objetivos.....	19
1.1.1 Objetivo geral.....	19
1.1.2 Objetivos específicos.....	19
1.1.3 Produto educacional.....	19
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	21
2.1 Universo da Pesquisa.....	21
2.2 Participantes.....	22
2.3 Materiais e Métodos.....	23
2.4 Procedimentos para a coleta e análise dos dados.....	23
2.5 Aspectos Éticos.....	24
3 A DANÇA DOS CONCEITOS: ESCOLA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA ..	26
3.1 Educação e inclusão.....	27
3.1.1 Integração x Inclusão educacional.....	30
3.1.2 O capacitismo como barreira atitudinal na educação.....	33
3.2 Educação Física e inclusão.....	35
3.2.1 História da Educação Física adaptada no Brasil.....	38
3.2.2 Capacitismo na Educação Física.....	40
3.3 O chão da escola e a Educação Física: a acessibilidade em cena.....	42
3.4 A formação do Licenciado em Educação Física no âmbito das Ações Afirmativas.....	45
4 O CENÁRIO DA ESCOLA ESTADUAL BENEDITO VALADARES	49
4.1 Caracterização da instituição.....	49
4.2 A Trajetória de Luz da Escola Estadual Benedito Valadares na promoção da inclusão.....	56
4.3 Práticas pedagógicas inclusivas exitosas na instituição.....	60
4.4 Narrativas docentes.....	84
4.5 Intersecção dos discursos.....	97
4.6 Autonarrativa docente: Minha jornada na Docência na Escola Estadual Benedito Valadares.....	101
4.6.1 Práticas inclusivas exitosas no campo da Educação Física Escolar: uma experiência compartilhada.....	104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS	119
REFERÊNCIA DA FIGURA 2	128
ANEXO 1	129
DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA	129
ANEXO 2	130
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	130

ANEXO 3	133
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO	133
ANEXO 4	134
PDI (PLANO DE DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL) CRIADO E UTILIZADO PELA E.E.B.V	134
APÊNDICE	143
ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	143



1 MEMORIAL

Sempre estudei em escola pública e em 2012 me formei no Ensino Médio. De modo geral, sempre me interessei pela área da Educação, mas inicialmente queria cursar Licenciatura em Matemática. Isso porque eu tinha facilidade em aprender e ensinar cálculos. Sendo assim, a minha relação com a “docência” começou há muito tempo, pois desde o Ensino fundamental eu já trabalhava com aulas particulares para os meus colegas de sala que ficavam de recuperação.

Em 2013 ingressei com bolsa integral pelo PROUNI (Programa Universidade para todos), na Faculdade Univértix (Matipó) no curso de Licenciatura em Educação Física. A escolha do curso foi porque eu queria ser professora, e Educação Física era a única licenciatura da instituição. Acabei me apaixonando pelo curso e mesmo sendo aprovada em Matemática na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no mesmo ano, optei por prosseguir com a Educação Física. Em 2015, no último período da faculdade, fui monitora da disciplina Anatomia Humana II.

Antes de me formar, em 2015, prestei meu primeiro concurso público estadual para o cargo de professora de Educação Física para a Superintendência Regional de Ensino (SRE) de Ponte Nova- MG, e com a classificação comecei a lecionar em 2016, em uma escola da zona rural com condições ruins: ambiente carente, repleto de indisciplina, violência e assédio. O fato de ter saído da faculdade me sentindo despreparada colaborou para que esse fosse um ano bem difícil. Sinto que não sabia, de fato, qual era o papel da Educação Física na Educação, além de não saber lidar com tanta indisciplina, sobretudo como trabalhar com os alunos que tinham alguma deficiência. Tudo isso me fez por vezes pensar em desistir, já que não via o porquê de atuar em uma área que os alunos, comunidade e demais profissionais desvalorizavam. A experiência nessa escola fez com que eu me decepcionasse com a licenciatura, e esse foi o fator que mais me motivou a cursar uma Pós-graduação lato sensu à distância na área da saúde: Atividade Física e Saúde, na Faveni, e o bacharelado em Educação Física no ano seguinte.

Em 2017 comecei a lecionar em outra instituição, local que trabalho até hoje e que me fez gostar novamente da área escolar. Nessa escola, as condições de trabalho são bem diferentes: é um local com pouca indisciplina e afastamento dos estudantes, e um ambiente inclusivo que me faz querer estudar mais sobre a



inclusão no contexto da Educação Física Escolar. Essa instituição é referência em inclusão por contar com espaços e materiais adaptados às necessidades dos alunos, além de haver estudos e planejamentos individuais e servidores comprometidos com a verdadeira inclusão. Sinto também que os meus colegas de trabalho compreendem o papel da Educação Física e a disciplina é incluída em vários projetos. Por isso, a docência voltou a ser o meu foco enquanto profissional.

Em 2018 fiz Pós-graduação lato sensu em Docência do Ensino superior na Univértix, mesma instituição que me formei na licenciatura e bacharelado em Educação Física. Neste mesmo ano realizei outro concurso do estado para professora de Educação Física (SRE de Ponte Nova) e com ele efetivei nesta escola em 2020.

Em 2019 concluí a segunda Licenciatura em Matemática, porém nunca atuei na área, por ter percebido que me identifico mais com a Educação Física Escolar.

Nesse contexto, na expectativa de uma qualificação da prática docente, e devido ao meu interesse em atuação no ensino superior, desde 2020, busquei ingressar em cursos de mestrado. Em 2020 fui aprovada no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente, na Faculdade Dinâmica em Ponte nova (FADIP). No entanto, por motivos financeiros não ingressei, visto que buscava uma bolsa integral, e por ter ficado em segundo lugar, consegui 50% do curso.

Em 2021 passei novamente pelo processo seletivo da FADIP no mesmo curso, e fui aprovada e contemplada com um desconto, mas novamente buscava a bolsa integral e por isso não ingressei. No segundo semestre de 2021 ingressei na especialização A Moderna Educação: metodologias, tendências e foco no aluno, na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) *online*. No final do mesmo ano, por meio de uma professora da faculdade que estudei, tive acesso ao edital do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Unesp. Felizmente fui aprovada, pois é a possibilidade da realização de um sonho.

Como aluna mestranda do PROEF, logo nas primeiras disciplinas deste curso, o meu interesse foi ampliado pelo entendimento que a pesquisa contribui para a produção do conhecimento no campo da Educação Física escolar. Um conhecimento que pode melhorar a qualidade da docência no chão da escola e consequentemente a vida da sociedade.

De modo geral, a minha expectativa neste curso de Mestrado Profissional é



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

compreender como posso somar na produção do conhecimento do campo da Educação Física escolar e levar esse conhecimento aos meus alunos, ajudando em sua formação integral, com foco no tema da inclusão social.

Desde o início de minha carreira como professora com a Educação Física escolar me deparei com inúmeros desafios, mas o tema da educação inclusiva é um dos que mais me chamou a atenção. O fato de já ter trabalhado com vários alunos com algum tipo de deficiência, na época me despertou para duas questões: será que os alunos com deficiência se sentem incluídos nas aulas de Educação Física? E será que esses alunos de fato assimilam o conteúdo ministrado?

Durante o processo de escolha do tema eu tive muitas dúvidas, mas uma única certeza: a Educação Física escolar inclusiva. Inicialmente pensei na percepção dos alunos quanto à sua inclusão nas aulas de Educação Física.

Ao apresentar o primeiro seminário na disciplina Seminários de Pesquisa do PROEF, a fala do professor Tarcísio me acendeu uma nova ideia: “O tema inclusão mexe com toda a infraestrutura de um local”. E este comentário me estimulou a pesquisar sobre acessibilidade e inclusão na Educação Física no contexto da escola.

Durante o segundo encontro da disciplina Seminários de pesquisa, levantei uma suposição de que a falta de inclusão, muitas vezes, é devido a barreira atitudinal entre professor e aluno. Ou seja, na minha percepção, muitos professores consideram um “fardo” trabalhar com alunos com deficiência. No entanto, o professor da disciplina, José Ângelo, levantou outra hipótese. Ele nos alertou sobre a possibilidade de que muitos professores não têm formação adequada para saber lidar com toda a diversidade presente nas escolas. Diante disso, me lembrei de como foi difícil (e ainda é) o meu início na docência, ao me deparar com alguns alunos com deficiência que eram um desafio para mim. Adaptar as aulas, incluir todos os alunos nas atividades e estimular os colegas a cooperarem passou a ser foco das minhas aulas, e nem sempre obtinha sucesso.

Quando o assunto é educação inclusiva são várias as inquietações que surgem na docência: Os alunos com algum tipo de deficiência estão realmente sendo incluídos ou foram apenas integrados no ambiente regular de ensino? Eles estão se desenvolvendo ao máximo dentro de suas limitações e potencialidades? Compreendem a Educação Física? Somos insensíveis perante a invisibilidade desses alunos ou estamos despreparados para lidar com a diversidade que



encontramos nas escolas?

Por outro lado, trabalhar em uma instituição considerada na região referência em inclusão me fez questionar: Porque a Escola Estadual Benedito Valadares (E.E.B.V) é considerada uma escola inclusiva?

Por esse motivo, esta pesquisa pretende relatar as experiências inclusivas exitosas e os planos de ação da escola. Sendo assim, a problemática dessa pesquisa está voltada para “Educação Física Escolar Inclusiva- práticas pedagógicas exitosas dos anos finais da Escola Estadual Benedito Valadares”. A pergunta geradora então é: Quais práticas pedagógicas tornam a Escola Estadual Benedito Valadares em uma instituição inclusiva?

O presente estudo visa, então, contribuir para uma Educação Física inclusiva e significativa, analisando a atuação profissional, experiências exitosas, acessibilidade da escola estudada e a inclusão nas aulas de Educação Física no chão da escola.

Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Narrar ações pedagógicas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para inclusão de alunos com deficiência.

1.1.2 Objetivos específicos

Enumerar fatores que contribuem ou dificultam as práticas de ensino com alunos com deficiência na Educação Física Escolar;

Identificar as dimensões da acessibilidade no contexto escolar.

1.1.3 Produto educacional

Além desta dissertação, um dos objetivos do mestrado profissional é desenvolver um produto educacional. Acredito que esta pesquisa resultou em um produto significativo- um Caderno de Práticas Pedagógicas Exitosas: por uma



Educação Física Escolar Inclusiva, no formato PDF. O recurso educacional trata-se de um e-book que aborda questões referentes à Inclusão e Educação, Inclusão e Educação Física, Capacitismo e Acessibilidade no contexto educacional. Além disso, o documento incorpora a experiência pessoal da autora sobre a inclusão em algumas unidades didáticas. O caderno visa compartilhar experiências pedagógicas inclusivas. A opção pelo formato digital deve-se à eficiência dos e-books na busca rápida por informações específicas, além do menor custo associado.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 Universo da Pesquisa

O presente trabalho refere-se a um estudo com abordagem qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, a partir de (auto) narrativas. Em uma perspectiva qualitativa, o conhecimento transcende a mera interpretação de dados isolados e estáticos, evitando ser apenas uma análise descritiva ou explicativa, como destacado por Oliveira *et al.* (2020). Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa aborda o conjunto de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando assim um âmbito mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não se limitam à mensuração de variáveis específicas.

Quanto a natureza da pesquisa, a escolha do método deve-se ao fato de que segundo Nunes, Nascimento e Luz (2016), muitas técnicas ou métodos para resolver problemas são classificados como pesquisa descritiva. Enfatizam também que a maior contribuição deste tipo de pesquisa é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida. E ainda, que ocorre na pesquisa descritiva o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos sem a interferência do pesquisador. Para Moreira e Caleffe (2008) a pesquisa descritiva é um estudo amplamente usado na educação e nas ciências comportamentais.

Segundo Gil (2008), pesquisas descritivas:

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2008, p. 47).

Gil (2008) aponta ainda que as pesquisas descritivas, junto com as exploratórias, são comumente conduzidas por pesquisadores sociais interessados na aplicação prática de seus estudos. Elas são frequentemente requisitadas por diversas organizações, tais como instituições educacionais, empresas comerciais, partidos políticos, entre outras.

Quanto ao procedimento, foi utilizado a técnica de estudo de caso no âmbito da pesquisa-ensino. De acordo com André (2013), Os estudos de caso têm aplicabilidade na avaliação e pesquisa educacional ao examinar minuciosamente



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

uma unidade social, considerando suas diversas facetas e sua evolução orgânica. Dentro das abordagens qualitativas e no âmbito das situações escolares, os estudos de caso que empregam técnicas etnográficas, como observação participante e entrevistas aprofundadas, permitem a reconstrução dos processos e das interações que moldam a vivência cotidiana na escola.

De acordo com Moreira e Rizzatti (2020), a pesquisa em ensino engloba a geração de conhecimento e a busca por respostas às questões relacionadas ao processo educativo, incluindo o ensino, a aprendizagem, o currículo e o contexto escolar, bem como o papel e a formação contínua dos professores. Esclarecem também que a pesquisa-ação é direcionada para a resolução de problemas específicos dentro de uma comunidade. Geralmente realizada no ambiente educacional, como a sala de aula, busca-se ativamente soluções para desafios práticos enfrentados por educadores. Essa abordagem é mais participativa do que a pesquisa tradicional e frequentemente é realizada em colaboração com membros da comunidade.

2.2 Participantes

A pesquisa foi realizada com cinco professores da Escola Estadual Benedito Valadares, localizada na cidade de Raul Soares- MG. Entre os docentes pesquisados, um está exercendo a função de diretor da escola, outro atualmente ocupa o cargo de vice-diretor, além de ser professor de Educação Física, embora não esteja ministrando aulas nesta escola no momento, mas ainda é um docente efetivo nos anos finais. Duas professoras atuam como apoio nos anos finais, enquanto uma é responsável pelo ensino de Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, o trabalho também inclui minha auto narrativa docente.

O estudo apresentado buscou narrar ações pedagógicas consideradas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para a inclusão de alunos com deficiência. A pesquisa nos possibilitou refletir sobre os fatores que contribuem ou dificultam as práticas de ensino com alunos com deficiência na Educação Física Escolar.

2.3 Materiais e Métodos

Para a construção do edifício teórico foram realizados levantamentos bibliográficos e documentais sobre conceitos de inclusão escolar, Educação Física escolar inclusiva, história da Educação Física adaptada e capacitismo. Além disso, levantamos as leis brasileiras que amparam ações de inclusão e de acessibilidade. Discutimos ainda sobre a formação docente no campo da Educação Física escolar no Brasil e sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no contexto da inclusão de alunos com deficiência. Houve também a análise documental da Escola estudada: o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e os Planos de Desenvolvimento Individual (PDI).

Para a obtenção de dados, além da auto narrativa, foram empregadas entrevistas desenvolvidas pela autora deste estudo. Foram conduzidas um total de quatro entrevistas: uma destinada à diretora, outra ao vice-diretor, que também é profissional de Educação Física, uma terceira para a professora de Educação Física dos anos iniciais e, por fim, uma entrevista para as duas professoras de apoio mais experientes da instituição. As perguntas abordaram questões relacionadas à Educação inclusiva na Escola Estadual Benedito Valadares.

As entrevistas foram empregadas tanto como uma estratégia metodológica principal quanto como um suporte, conforme destacado por Manzini (2012). No que diz respeito à entrevista semiestruturada, DiCicco-Bloom e Crabtree (2006) afirmam que é tipicamente estruturada com um conjunto inicial de questões abertas predefinidas, enquanto outras questões surgem durante o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. De acordo com Manzini (2012), a entrevista semiestruturada tem sido bastante empregada na investigação das questões pertinentes ao ambiente escolar, pois oferece um formato mais adaptável e interativo, adequado para explorar a diversidade de participantes presentes na escola e para coletar dados relevantes para a compreensão dos processos educacionais.

2.4 Procedimentos para a coleta e análise dos dados

A diretora da escola envolvida assinou a declaração de autorização da



escola para participação da pesquisa. A participação dos professores foi realizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e do Termo de autorização de uso de imagem e depoimento. Para resguardar a identidade dos sujeitos nenhum nome foi revelado.

A coleta de dados iniciou-se em dezembro de 2023, mesmo mês que as entrevistas foram marcadas, e finalizou em fevereiro de 2024. Todas as pessoas convidadas aceitaram participar da pesquisa. Uma das entrevistas ocorreu em dezembro de 2023, duas entrevistas em janeiro de 2024 e as duas últimas em fevereiro de 2024. A coleta de dados ocorreu na Escola Estadual Benedito Valadares. A autora do trabalho explicou aos participantes os procedimentos da pesquisa, e gravou o áudio da entrevista pelo *Online Voice Recorder*. Durante as entrevistas, a autora permaneceu no ambiente apenas com o participante da pesquisa. A entrevista mais longa durou cerca de 50 minutos, e a mais curta, cerca de seis minutos.

Para consultas sistemáticas e recuperação nos momentos necessários, os áudios das entrevistas foram salvos e transcritos pelo *riverside transcription*, revisados, mantidos em sigilo e armazenados em arquivo tipo *word* e reprodutor multimídia, nos computadores pessoais das pesquisadoras, estando, portanto, sob suas responsabilidades. Após a defesa da dissertação, os dados serão excluídos.

Das entrevistas dos participantes foram produzidas as anotações de campo expandidas, que foram transcritas, digitadas e analisadas, durante a elaboração das discussões dos dados deste estudo. No desenvolvimento do trabalho, a primeira narrativa foi da diretora da escola, seguidas das narrativas das duas professoras de apoio mais experientes da instituição. Em seguida, as falas do vice-diretor e professor de Educação Física e depois a entrevista da professora de Educação Física dos anos iniciais. Por fim, a autonarrativa da autora do trabalho.

2.5 Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, cadastrada na Plataforma Brasil e aprovada com número CAAE 71806923.5.0000.5149.

A participação dos envolvidos ocorreu de forma voluntária e não houve risco



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

à segurança e ao bem-estar dos sujeitos da pesquisa. Os participantes poderiam sair da pesquisa a qualquer momento, e esta decisão não traria nenhum tipo de penalidade. Além disso, eles foram resguardados de qualquer constrangimento seja por imagens ou pelas declarações nas entrevistas. Reitero a confidencialidade dos dados e o anonimato dos participantes da pesquisa, portanto, saliento que não houve riscos para os sujeitos envolvidos referente à exposição de suas identidades.



3 A DANÇA DOS CONCEITOS: ESCOLA, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Incluir a todos é papel da educação e direito dos alunos. Acolher a diversidade presente em nossa sociedade, conscientizar os estudantes de sua importância e educá-los politicamente para que sejam autônomos é dever da escola. Para Freire (2008):

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceitos e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características. (FREIRE, 2008, p.5)

A inclusão no contexto escolar refere-se à garantia que todos os alunos tenham acesso à educação, ao aprendizado significativo, à igualdade de oportunidades e ao respeito e valorização das diferenças individuais, identidades e experiências. Uma educação inclusiva busca garantir que todos tenham a oportunidade de aprender e crescer em um ambiente enriquecedor.

Para uma Educação Física escolar inclusiva, é necessário promover a participação ativa e significativa de todos os estudantes, independentemente de suas habilidades, características físicas, intelectuais, sensoriais, emocionais ou condições de saúde. Desta forma, a Educação Física torna-se um componente curricular, capaz não só de propiciar conhecimentos, mas torna-se também uma ferramenta para promover a inclusão e o respeito entre todos os estudantes. Isso implica em criar um ambiente acolhedor, adaptado e flexível, onde cada aluno se sinta valorizado e capaz de contribuir de acordo com suas capacidades individuais.

Para isso, é preciso compromisso por parte de toda a comunidade escolar, incluindo professores, diretores, pais e alunos. Quando todos trabalham em prol de um ambiente inclusivo, os benefícios vão além dos muros da escola.

No entanto, sabe-se que são muitos os desafios da educação pública no Brasil, o que afeta diretamente a inclusão de alunos com deficiência. Problemas que vão desde a falta de acessibilidade nas escolas, até a formação docente insuficiente.



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

São muitas as instituições com estrutura precária e falta de materiais. Também há lacunas nos cursos de formação básica de professores e pouco incentivo para formação continuada.

É notório que a formação docente desempenha um papel crítico na promoção da inclusão educacional. Professores bem preparados são essenciais para criar ambientes escolares inclusivos, onde todos os alunos tenham a oportunidade de aprender e prosperar. Destaca-se, então, a importância da implementação de políticas públicas que valorizem o profissional e invista em formação inicial e continuada com princípios e práticas da inclusão. É fundamental que o governo também garanta que as escolas estejam equipadas com os recursos necessários.

3.1 Educação e inclusão

A Educação de qualidade é um direito de todos e por meio dela é possível o desenvolvimento humano em todas as suas esferas: cognitiva, física, motora, emocional, social e cultural. Paulo Freire defende em a *Pedagogia do oprimido* (1987), uma educação libertadora em que os sujeitos tenham sua própria visão do mundo. Em a *Pedagogia da Autonomia* (2011) ele escreve que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

A Constituição Federal de 1988 garante que todos devem ter acesso a uma educação de qualidade. A Lei nº 9.394/96 estabelece a gratuidade do ensino público e a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

De acordo com Vago (2012):

A educação pública de qualidade é condição indispensável para a construção e a realização de um País democrático e socialmente justo. Partilho do entendimento de que não há possibilidade de pensar alternativas para os graves problemas sociais sem a participação da escola pública (VAGO, 2012, p.61).

No entanto, durante muito tempo, vários grupos foram excluídos do âmbito educacional. As mulheres, que tinham a obrigação de cuidar do lar, os povos escravizados e os pobres, que tinham a função de sustentar os brancos e ricos e as pessoas que tinham alguma deficiência, seja física ou intelectual, que eram vistas como seres incapazes de estudar e trabalhar. Para Freire (2020):



A classe dominante tomou-a para si como um dos mecanismos capazes de reproduzir a sociedade dos poucos que sabem e podem e dos muitos que permanecem excluídos e proibidos de ser, saber e poder. (FREIRE, 2020, P.120)

Em passos lentos a educação foi se transformando e vários grupos foram aos poucos sendo incluídos, apesar de continuarem sofrendo preconceito e sendo a minoria. Entretanto, as pessoas com deficiência continuaram sendo negligenciadas e segregadas. A educação das mesmas acontecia apenas nas APAE's (Associações dos Pais e Amigos dos Excepcionais), que são escolas criadas em 1954 destinadas aos alunos com algum tipo de deficiência. Sendo assim, apesar de representar um avanço na escolarização, a criação de escolas especializadas fez com que as pessoas com deficiências continuassem excluídas da sociedade e não socializassem com as pessoas sem deficiência.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional enfatiza no artigo 88 que “A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade”. Garante, então, o compromisso do poder público com a educação especial.

O artigo 9º da Lei de diretrizes e bases (LDB) de 1971, estabelecia apenas que os alunos com deficiências físicas ou mentais e os superdotados deveriam receber tratamento especial. Observa-se que pouco ou nada era feito para que as diferenças fossem respeitadas e os alunos fossem realmente incluídos no sistema de ensino.

Em 1994, na Conferência Mundial de Educação Especial, originou-se a Declaração de Salamanca Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais que reconhecia “a necessidade e urgência do providenciamento de educação para as crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino” (UNESCO, 1994).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 representa um progresso para a inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência. Ela estabelece:

atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

todos os estudantes, formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado. Por isso, há tantos alunos invisíveis nas escolas, mesmo com a lei garantindo a inclusão.

Uma das formas de garantir que todos sejam incluídos no ambiente escolar, é oferecendo acessibilidade, adaptação de currículos, e diferentes estratégias de ensino, de forma que as diferentes dificuldades, habilidades e estilos de aprendizagem sejam atendidos. De acordo com a LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015, art 3º, acessibilidade é a:

Possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados, de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida (BRASIL, 2015, p.1).

Assegurar que todas as pessoas tenham seus direitos e limitações respeitadas é papel da educação e da sociedade. E para que essa esteja cada vez mais ciente da importância da inclusão, é essencial que os alunos típicos convivam e aprendam a respeitar as diferenças. Para Capellini (2001), com a inclusão, os alunos sem deficiências podem desenvolver o respeito as diferenças, cooperação e solidariedade numa sociedade heterogênea.

Incluir é dever e uma forma de respeito ao ser humano. Apenas uma educação inclusiva é capaz de garantir o direito de todos ao exercício da cidadania e de desenvolvimento das potencialidades, evitando que as pessoas com deficiência evadam do âmbito educacional e voltem a ser apagadas da sociedade, fato que ocorreu durante muito tempo.

3.1.1 Integração x Inclusão educacional

Como citado anteriormente, durante muito tempo a educação de alunos com deficiência foi segregada às escolas especiais. Com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), muitos alunos com deficiência foram inseridos na educação regular. No entanto, houve a democratização do acesso ao ambiente escolar, mas muitas vezes o desenvolvimento pleno não foi garantido. Ou seja, houve a integração dos alunos com deficiência, mas com muita frequência a



verdadeira inclusão não ocorre.

Tanto a integração quanto a inclusão são conceitos relacionados à participação de alunos com deficiência nas escolas, mas eles têm abordagens distintas. No contexto da integração, o foco está na adaptação do aluno ao ambiente escolar existente. Isso, muitas vezes, envolve a colocação de alunos com deficiência em turmas regulares, mas sem necessariamente ajustar o currículo ou o ambiente para atender às suas necessidades específicas. Neste modelo, os alunos com deficiência podem enfrentar desafios significativos para se adaptarem ao ambiente existente sem suporte adicional.

De acordo com Borges, Pereira e Aquino (2012), o termo integração foi divulgado no Brasil após os anos setenta. Os autores enfatizam que nesse modelo, o aluno continua segregado mesmo inserido na turma regular, visto que muitas vezes ocorre apenas alguns momentos de socialização com os outros alunos ditos “normais”. Além disso, a inserção desse aluno depende da condição do mesmo, visto que alguns são encaminhados para escolas especiais, com a alegação que a escola não é preparada para atendê-los. Ou seja, a integração na escola ocorre apenas para aqueles que consigam adaptar-se à turma regular. Em encontro a essa abordagem, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) aponta que:

O que tem acontecido em nome dessa suposta socialização, é uma espécie de tolerância da presença do aluno em sala de aula e o que decorre dessa situação é a perpetuação da segregação, mesmo que o aluno esteja freqüentando um ambiente escolar comum (BRASIL, 2006, p. 73).

Em contrapartida, a inclusão vai além da simples presença física do aluno na sala de aula regular. A inclusão defende a ideia de ajustar o ambiente educacional para acomodar todas as necessidades dos alunos, promovendo uma participação plena e igualitária. Isso significa adaptar o currículo, oferecer suporte adicional quando necessário e criar uma cultura escolar que valorize a diversidade.

A inclusão reconhece e valoriza a diversidade, e busca garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades, tenham acesso às mesmas oportunidades educacionais, garantindo, assim, a participação significativa e equitativa de todos eles. Para Mantoan (2008), a inclusão resulta de uma abordagem educacional diversificada, democrática e desafiadora. Isso gera uma transformação na escola, gerando uma crise na identidade institucional e, conseqüentemente, afetando a identidade dos professores, enquanto a identidade



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

dos alunos passa por uma redefinição. O aluno em uma escola inclusiva é visto como um sujeito diferente, cuja identidade não está presa a modelos ideais, permanentes ou essenciais.

Segundo Freire (2008), o conceito de inclusão no âmbito educacional refere-se a garantia que todos os alunos, independentemente das suas características e diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade e experiências significativas. De acordo com Stainback e Stainback (1999, p. 21), a educação inclui a todos independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural.

Para Stainback e Stainback (1997):

O fim gradual das práticas educacionais excludentes do passado proporciona a todos os alunos uma oportunidade igual para terem suas necessidades educacionais satisfeitas dentro da educação regular. O distanciamento da segregação facilita a unificação da educação regular e especial em um sistema único. Apesar dos obstáculos, a expansão do movimento da inclusão, em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo a práticas cada vez mais inclusivas (STAINBACK e STAINBACK, 1997, P.44).

É possível relacionar os conceitos de integração e inclusão com os de igualdade e equidade, respectivamente. Igualdade na educação significa tratar todos os alunos da mesma maneira, independentemente de suas necessidades individuais ou circunstâncias. Na prática, isso pode se traduzir em fornecer os mesmos recursos, oportunidades e métodos de ensino para todos os alunos. No entanto, a abordagem igualitária pode negligenciar as disparidades entre os alunos, pois não leva em consideração as diferentes necessidades, habilidades e desafios que cada um pode enfrentar. Alunos com deficiências, por exemplo, podem não receber o suporte necessário para alcançar seu potencial máximo. Isso porque, muitas vezes ele necessita de materiais educacionais e tempo diferentes da maioria. Portanto, nota-se uma aproximação do termo à educação integrativa.

Por outro lado, a equidade na educação implica reconhecer as diferenças individuais entre os alunos e buscar corrigir as desigualdades, proporcionando recursos e apoio adicional a quem mais precisa. Isso pode incluir as adaptações no currículo e em materiais realizados pelos docentes (entre eles, professores de apoio)



para atender às diferentes habilidades dos alunos. Dessa forma, a equidade busca garantir que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades para atingir seu potencial, mesmo que isso envolva tratamentos diferenciados. A equidade é, então, uma “possibilidade das diferenças serem manifestadas e respeitadas, sem discriminação” (SPOSATI, 2002, p. 5).

Em resumo, enquanto a igualdade busca tratamento uniforme, a equidade na educação procura garantir que cada aluno receba o suporte necessário para superar seus desafios, ou seja, reconhece que cada aluno é único e se desenvolve de formas distintas, tratando-se, portanto, de uma educação inclusiva. Desta forma, Sousa-Santos (2003), destaca que há a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não resulte em desigualdades.

3.1.2 O capacitismo como barreira atitudinal na educação

O capacitismo refere-se à discriminação ou preconceito contra pessoas com deficiência, perpetuando a ideia de que ter uma deficiência é inferior ou anormal. Para Dias (2013), é a concepção social que a pessoa com deficiência é menos apta ou incapaz de gerenciar a própria vida. De acordo com Marchesan e Carpenedo (2021) o capacitismo surge numa cultura que despreza as diferenças e exalta a aptidão para a produção do mundo industrializado exigido por classes dominantes, buscando servir aos interesses políticos e econômicos.

Infelizmente, o capacitismo pode estar presente em vários setores da sociedade, incluindo nas escolas. A pressão para que os alunos com deficiência se enquadrem em padrões considerados "normais" pode criar um ambiente onde suas necessidades individuais não são atendidas, perpetuando a ideia de que a normalidade é desprovida de diversidade.

Alunos com deficiência podem enfrentar desafios também para participar de atividades extracurriculares, eventos escolares ou interações sociais devido à falta de suporte e adaptações. Ou ainda, antes mesmo da entrada dos filhos na escola, algumas famílias já experimentam os efeitos das barreiras atitudinais. Conforme observado por Lima e Silva (2008), argumentos convencionais das escolas que mascaram barreiras atitudinais tentam disfarçar ações discriminatórias sob o pretexto da benevolência, ao afirmarem: estamos agindo no melhor interesse do



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

aluno. Essa forma de negação, embora nem sempre seja expressa de maneira direta, é sutil e carrega consigo uma atitude de rejeição, o que contraria os princípios da inclusão.

Sousa e Farias (2019) destacam ainda que o capacitismo se manifesta também através de práticas super protetoras, quando pessoas com deficiência não experimentam obstáculos maiores, por excesso de cautela de pais e educadores, o que impossibilita as possibilidades de desenvolvimento destas pessoas. Cunha (2014), afirma o mesmo, quando enfatiza que a proteção com crianças com deficiência muitas vezes, impede interações sociais, temendo que tais interações possam ser traumáticas. No entanto, aponta ainda que é importante que a escola compreenda e reconheça as preocupações e inseguranças das famílias.

Somado a isso, o currículo escolar pode não ser adaptado para incluir experiências, perspectivas e contribuições de pessoas com deficiência. Isso pode contribuir para a marginalização e a invisibilidade desses grupos na educação. A presença do aluno na escola regular, muitas vezes, é apenas para que ele socialize, não havendo a preocupação em desenvolvê-lo ao máximo. Na perspectiva de Santos e Souza (2021), a cultura capacitista nas escolas dificulta a aprendizagem do aluno com deficiência e contribui para o fracasso escolar. Para Mendes (2004), é crucial educar crianças com deficiência junto com seus colegas em escolas inclusivas, não apenas para oferecer oportunidades de socialização e combater estereótipos sobre limitações, mas também para ensinar aos alunos habilidades e conhecimentos essenciais para sua vida futura, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Pessoas com deficiência (PCDs) podem ser alvos de *bullying*, de falas e expressões capacitistas no âmbito escolar e fora dele, o que cria um ambiente hostil e prejudicial. Atitudes depreciativas e estereótipos negativos podem ser difundidos, contribuindo para a exclusão social. De acordo com Ribas (1994), refere-se a uma representação ou imagem que criamos das pessoas com deficiência, muitas vezes associada ao uso indiscriminado de termos como "excepcional", "inválido", "louco", "aleijado", "anormal", entre outros.

Combater o capacitismo nas escolas requer um compromisso coletivo para criar ambientes inclusivos e acessíveis. Isso envolve a implementação de políticas inclusivas, formação para educadores, promoção da conscientização e a garantia de



que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades para aprender e participar plenamente da vida escolar, sem sofrer nenhum dano e/ou preconceito. Alunos com deficiência, muitas vezes, precisam de recursos e apoios adicionais para garantir uma educação inclusiva. A falta de profissionais capacitados, arquitetura adequada, equipamentos adaptados e métodos de ensino personalizados podem resultar em barreiras significativas ao aprendizado.

3.2 Educação Física e inclusão

Historicamente, a Educação Física também foi marcada pela exclusão. A disciplina passou a ser componente curricular apenas em 1996, pela LDBEN Nº 9.394, pois antes era considerada atividade. Sua história foi marcada por mudanças e movida por motivos políticos de cada época. Assim como a Educação como um todo, a Educação Física era guiada pelas classes dominantes, que queriam formar cidadãos submissos ao sistema capitalista, pessoas fortes para a guerra ou ainda atletas. Durante muito tempo, o professor foi visto como treinador e o aluno como atleta. Sendo assim, pessoas menos habilidosas para o rendimento esportivo, mulheres e pessoas com alguma deficiência ficaram de fora das aulas de Educação Física.

A Educação Física escolar passou por inúmeras fases. Júnior (2003) destaca cinco tendências da Educação Física no Brasil. Até 1930, a Educação Física Higienista; de 1930 a 1945, a Militarista; de 1945 a 1965, a Pedagógica; pós 64, a Competitivista e por último, a Educação Física Popular.

Segundo Filho (1991), para os higienistas a Educação Física tinha a função de formar corpos fortes e saudáveis que iriam contribuir para o desenvolvimento do país, e visava ainda multiplicar a população branca, acentuando assim o racismo. O militarismo usufruía da prática de hábitos higienistas e de exercícios sistematizados para o desenvolvimento da força, além de ser baseada no patriotismo. Os primeiros professores, eram, então, os militares. As mulheres tinham que ser fortes e saudáveis para gerarem filhos capazes de defender o país.

Andrade (1999), aponta que durante os anos de 1930, o Brasil também experimentou uma transformação marcante, caracterizada pelo processo de industrialização e urbanização. Nesse cenário, a educação física desempenhava o



papel de aprimorar o trabalhador, visando melhorar sua eficiência produtiva, estabelecendo uma conexão entre a eficácia corporal e a produtividade laboral.

Segundo Júnior (2003), a Educação Física Pedagogicista defende uma Educação Física que promove a educação integral.

A Educação Física Competitivistista é marcada pelo tecnicismo, com alunos sendo vistos como atletas, com o intuito de ter êxito nas competições e sob um conceito de concorrência e rendimento. Neste cenário, tanto as pessoas com deficiência quanto aquelas com habilidades menos desenvolvidas também enfrentavam significativas barreiras à participação, devido aos aspectos segregadores da prática esportiva. De acordo com Darido (2004):

É nesta fase da história que fatores tais como o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o fim justificando os meios estão mais presentes no contexto da Educação Física na escola. Os procedimentos empregados são extremamente diretivos, o papel do professor é bastante centralizador e a prática, uma repetição mecânica dos movimentos esportivos (DARIDO, 2004, P.7).

E a Educação Física Popular está relacionada a ludicidade e cooperação.

Até o movimento renovador na década de 80 pouco se falava de uma Educação Física crítica. De acordo com Darido (2001) com a ruptura da esportivização, novas abordagens foram sendo criadas para a Educação Física, sendo as mais citadas as de psicomotricidade, desenvolvimentista, construtivista, crítico-emancipatória e crítico-superadora. Essas novas práticas passaram a considerar o desenvolvimento global do indivíduo (BRACHT, 1999).

A Educação Física como mera atividade foi sendo substituída pela cultura corporal, apesar de ainda hoje, haver influência de todas as fases. Assim como em toda a Educação, a Educação Física busca a formação de cidadãos autônomos e políticos. Para González e Fensterseifer (2010):

A EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (GONZÁLEZ E FENSTERSEIFER, 2010, p. 12).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), utilizada atualmente, enfatiza que a Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos e o movimento humano como parte da cultura, dispostos nas unidades temáticas: Brincadeiras e



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura.

Hoje em dia existe a preocupação de muitos em realizar aulas reflexivas, críticas e inclusivas. Nas aulas de Educação Física deve-se buscar a formação integral do aluno, a inclusão e a cooperação. A Educação Física é, portanto, uma disciplina que aborda a cultura corporal de movimento através de jogos, brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas, danças, capoeira, entre outros. Os conteúdos da Educação Física fazem parte da cultura vivida, e a presença da disciplina de Educação Física na escola é relevante e justificada (VAGO, 2009). Segundo Vago (2012, p.68/69) é preciso conduzir a Educação Física Escolar para cultivar “o humano direito ao corpo” e considerá-la “como um tempo de enriquecer a experiência humana”.

No entanto, ainda hoje, nas aulas de Educação Física, a exclusão torna-se evidente, principalmente quando o professor preza pela técnica e competição. Algo que não deveria ocorrer, visto que o papel da Educação Física Escolar é ofertar conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento e propiciar o desenvolvimento pessoal e integral dos alunos, e não fomentar a competição e o desempenho atlético, fato que muitas vezes colabora para atitudes excludentes.

A falta de locais, recursos apropriados e atividades adaptadas à todas as necessidades, também, faz com que muitos estudantes com alguma deficiência não participem das aulas e, portanto, não compreendam o papel da Educação Física escolar e não desenvolvam as habilidades referentes à essa disciplina. Para Vago (2012), é preciso pensar maneiras de acolher todos os corpos, e respeitar as formas de expressão dos protagonistas: crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Apesar de ser componente curricular, a Educação Física ainda é, muitas vezes, vista apenas como atividade prática. Isso porque alguns alunos podem ser dispensados das aulas. A dispensa pode ocorrer quando o aluno trabalha por mais de seis horas diárias, quando a mulher tem filho, quando o aluno está cumprindo o serviço militar e para pessoas com mais de 30 anos (Brasil, 2003). Ou ainda, quando atestados médicos apontam impossibilidade por razões de saúde. Nota-se, portanto, que apesar dos avanços, a Educação Física ainda é vista apenas como uma prática desprovida de outros benefícios e de capacidade crítica e reflexiva, além de reforçar a exclusão de pessoas com deficiência. Como aponta Salerno e Araújo (2004), nas aulas de Educação Física nas escolas, ainda existem dispensa de alunos que



apresentam deficiência, ou há a atuação passiva dos mesmos, participando apenas como espectadores ou auxiliares.

Portanto, a inclusão é mais que cumprir diretrizes legais e preencher documentos. Trata-se de uma abordagem educacional que vai além do pedagógico, pois além de promover a equidade, oferece a possibilidade de desenvolver empatia, aceitação da diversidade, e desenvolve seres humanos (professores e alunos) mais conscientes e inclusivos em nossa sociedade. Busca-se, então, o bem-estar e coloca o aluno como centro do processo educativo.

Neste sentido, a Educação Física escolar precisa desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento global, não apenas dos alunos com deficiência, mas de todos. Ela é uma parte essencial do currículo, que contribui para o crescimento físico, emocional, social e cognitivo dos mesmos. É ambiente para a celebração da diferença e combate a qualquer forma de discriminação, seja de gênero, habilidade, orientação sexual, etnia, ou qualquer outra característica.

3.2.1 História da Educação Física adaptada no Brasil

A Educação Física Adaptada (EFA) refere-se à prática de atividades físicas e esportivas adaptadas para atender às necessidades específicas de pessoas com diferentes tipos de deficiência ou limitações físicas, sensoriais, cognitivas ou intelectuais. Como documentado por Mauerberg-DeCastro (2005), a origem da EFA remonta às iniciativas que visavam integrar pessoas com deficiência em atividades esportivas, especialmente durante o período pós-guerra e entre as décadas de 1950 e 1970. Nos Estados Unidos e na Europa, o termo Educação Física Adaptada foi adotado, enquanto na França, o termo "reeducação psicomotora" foi utilizado.

Conforme observado por Gorgatti e Gorgatti (2005), o esporte adaptado é caracterizado como a modificação ou criação específica de esportes para atender às necessidades individuais de pessoas com deficiência. Duarte e Werner (1995) descrevem-no como o processo de ajustar regras, equipamentos e ambientes esportivos para permitir a participação de pessoas com deficiência.

Segundo Silva e Drigo (2012), a prática dos esportes adaptados emergiu por influência médica como uma das formas de reabilitação para os ex-combatentes no cenário após a Segunda Guerra Mundial. Isso significa que, mesmo que um soldado



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

retorne "deficiente" após servir seu país, com o apoio do Estado, ainda poderá ser reconhecido como um herói de guerra, um membro produtivo da sociedade ou até mesmo um atleta.

Cidade e Freitas (2009) destacam que o esporte adaptado no Brasil teve seu início na década de 1950 com Robson Sampaio de Almeida, na cidade do Rio de Janeiro, e Sérgio Serafim Del Grande, em São Paulo. Ambos eram deficientes físicos que, ao retornarem de reabilitação nos Estados Unidos da América, estabeleceram clubes com equipes de basquete em cadeira de rodas. Em 1º de abril de 1958, Almeida fundou o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro, enquanto em 23 de julho de 1958, Del Grande criou o Clube dos Paraplégicos, na cidade de São Paulo.

De acordo com Costa e Sousa (2004), no Brasil, a história do esporte para pessoas com deficiência física remonta a 1958, quando o Clube dos Paraplégicos foi estabelecido em São Paulo, seguido pelo Clube do Otimismo no Rio de Janeiro. Estes programas, conhecidos como ginástica médica, foram concebidos com o propósito de prevenir doenças, empregando exercícios corretivos e preventivos.

Já as Paraolimpíadas foram estabelecidas em Roma, na Itália, em 1960, quando ocorreu a primeira edição. A partir de 1988, em Seul, na Coreia do Sul, os Jogos Paraolímpicos passaram a ser realizados a cada quatro anos, na mesma cidade-sede e instalações dos Jogos Olímpicos (Araújo, 1998).

Em 1973, no Brasil, surge também O Esporte para Todos (EPT) com princípios que propunham a democratização das atividades físicas e desportivas (TEIXEIRA, 2009).

Quanto à inclusão de disciplinas de Educação Física Adaptada nos currículos dos Cursos de Graduação em Educação Física no Brasil, ocorreu apenas no ano de 1987, com o Parecer 215/87 divulgado, que incluía a proposta, da Implementação da disciplina Educação Física e Esporte Adaptado, destinada a indivíduos com deficiência intelectual, física, auditiva, visual e múltipla (BRASIL, 1987a). Então a educação física adaptada abrange também o desenvolvimento de programas de formação, treinamento e capacitação para professores, treinadores e profissionais de saúde, a fim de garantir que eles tenham o conhecimento e as habilidades necessárias para atender às necessidades dos alunos com deficiência. De acordo com Costa (1997) nos anos 1980, a Universidade de São Paulo (USP), a



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e as Faculdades Isoladas Castelo Branco iniciaram programas dedicados à formação profissional e à pesquisa em EFA em seus currículos.

Para Costa e Sousa (2004), a educação física, apesar de ter sido historicamente associada ao paradigma higienista, é uma das áreas acadêmicas que mais progrediu recentemente, no que diz respeito ao atendimento específico para pessoas com deficiência. Foi ao reconhecer e valorizar as capacidades individuais dos deficientes que esses avanços se tornaram possíveis. Um exemplo emblemático disso é a realização dos Jogos Paralímpicos.

Para Duarte (1992) a incorporação da EFA nos programas de Educação Física, ainda que lenta, representa um progresso no currículo, uma vez que reconhece a importância de fornecer uma sólida base teórica e prática durante a graduação para a transformação do perfil profissional.

Inicialmente, com influência médica, hoje, a Educação Física Adaptada Escolar tem como principal objetivo a promoção da inclusão. Nas escolas, as atividades nas aulas de Educação Física devem ser planejadas levando em consideração as habilidades, interesses e necessidades individuais dos participantes. Isso pode envolver modificações nas regras, equipamentos e técnicas utilizadas, bem como a oferta de suporte e assistência especializada, conforme necessário.

Essa abordagem tem sido fundamental para promover a inclusão e a igualdade de oportunidades no contexto da educação física e do esporte, permitindo que pessoas com deficiência participem ativamente e desfrutem dos benefícios físicos, sociais e emocionais associados à prática regular de atividades físicas.

3.2.2 Capacitismo na Educação Física

O capacitismo na educação física escolar pode se manifestar de várias maneiras, prejudicando a participação plena de alunos com deficiência. Muitas vezes, o currículo de educação física não é adaptado para atender às necessidades específicas de alunos com deficiência. Isso pode excluir esses alunos das atividades físicas ou limitar seu envolvimento, resultando em uma experiência educacional inadequada.



No contexto esportivo, o capacitismo também se faz presente. Para Leite (2019), é equivocado supor que, devido às suas limitações físicas ou intelectuais, as pessoas com deficiência não são capazes de participar de atividades esportivas, seja recreativas ou de alto desempenho; contanto que as regras de segurança e os regulamentos esportivos sejam seguidos, envolver-se nessas atividades é um meio significativo de promover sua inclusão.

Kolotouchkina *et al.* (2021) apontam ainda que a exposição midiática do esporte paraolímpico, por exemplo, permanece limitada e permeada por estereótipos, o que distorce a percepção dos atletas com deficiência e impede sua completa integração social.

Segundo Lage, Lunardelli e Kawakami (2023), para a construção de uma sociedade anticapacitista, a divulgação de informações sobre o capacitismo e seus efeitos negativos pode ser vista como um aspecto crucial, pois o conhecimento é reconhecido como uma força transformadora na vida das pessoas.

3.3 O chão da escola e a Educação Física: a acessibilidade em cena

A acessibilidade refere-se à eliminação de barreiras como forma de garantir a todos os seus direitos. Trata-se de oferecer acesso físico e tecnológico além de combater atitudes discriminatórias. Ou seja, para que o ambiente escolar seja inclusivo, as instalações escolares devem ser acessíveis a todos os alunos, e os mesmos devem ser acolhidos pela comunidade escolar.

Muitas escolas podem não ser totalmente acessíveis a alunos com diferentes tipos de deficiências. Isso inclui instalações físicas, como edifícios sem rampas, elevadores ou banheiros acessíveis, bem como materiais de ensino não adaptados para diferentes necessidades. As dificuldades tornam-se ainda maiores nas aulas de Educação Física. Isso porque muitas instalações esportivas e equipamentos, muitas vezes, não são projetados levando em consideração a acessibilidade para pessoas com deficiência. Segundo Diehl (2006) as barreiras arquitetônicas são grandes dificuldades que o aluno com deficiência física enfrenta para a prática das aulas de Educação Física.

A falta de acessibilidade física nas aulas de Educação Física é um desafio significativo que pode limitar a participação plena dos alunos com deficiência nas

atividades físicas escolares. A acessibilidade é fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades físicas, tenham a oportunidade de se envolver em atividades físicas e esportivas, obtendo conhecimento sobre a cultura corporal.

A acessibilidade física não é a única existente. Para Sasaki (2009), os obstáculos são conhecidos como barreiras, e podem ser encontrados em seis tipos distintos. Esses tipos incluem além das barreiras arquitetônicas, as comunicacionais, metodológicas, instrumentais, atitudinais e programáticas.

A falta de conscientização pode levar a atitudes discriminatórias ou à ignorância sobre as necessidades específicas dos alunos com deficiência, o que é outro tipo de falta de acessibilidade, que é a atitudinal. De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, as barreiras atitudinais são “atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas” (BRASIL, 2015).

Métodos tradicionais de mediação e avaliação podem também não serem apropriados para todos os alunos. Oferecer opções flexíveis, permitindo que os alunos demonstrem suas habilidades de maneiras diversas, levando em consideração suas capacidades individuais, é uma forma de acessibilidade do currículo.

Além disso, deve haver tecnologias educacionais e recursos adequados para atender às necessidades individuais dos estudantes. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), as escolas devem garantir acessibilidade arquitetônica, comunicacional, atitudinal e tecnológica.

De acordo com o Art. 2º, Parágrafo Único da Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009, que Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial:

Consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços (BRASIL, 2009, p.1).

Para Pasqualotti e Passerino (2006), a acessibilidade está intimamente



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

relacionada com a inclusão, sendo assim, uma não existe sem a outra e ambas se complementam. Em encontro a essa abordagem, Rissi (2010), destaca que para incluir os alunos com deficiência, deve-se levar em consideração o acesso e a disponibilidade de espaços físicos adequados para recebê-los. Portanto, oportunizar condições de acessibilidade é necessário para a integração e permanência dos alunos com deficiência no âmbito escolar.

No entanto, a realidade no chão das escolas públicas brasileiras é bem diferente do que prega as leis. São poucas as escolas com rampas de acesso e equipamentos adaptados, por exemplo. Barcelos (2011), destaca que grande parte das escolas foram construídas sem levar em consideração as questões referentes a acessibilidade.

Nas aulas de Educação Física, muitas vezes as barreiras arquitetônicas tornam-se ainda mais evidentes quando há alunos com deficiências físicas. Isso porque, muitas vezes, as quadras, ou o caminho até elas, não são acessíveis aos alunos com mobilidade reduzida. Neste caso, a acessibilidade refere-se ao acesso à quadra e demais locais para a realização das aulas, proporcionando locomoção, autonomia e segurança nos ambientes. Além disso, os materiais utilizados nas aulas devem ser acessíveis a todos os alunos.

A inclusão e acessibilidade nas aulas de Educação Física não apenas beneficiam os alunos com deficiência, mas também promovem um ambiente escolar mais inclusivo e enriquecedor para todos os estudantes. O foco na diversidade e na adaptação é essencial para garantir que a Educação Física seja uma experiência positiva e acessível para todos.

Sendo assim, em virtude da pouca ou nenhuma acessibilidade nas escolas públicas brasileiras, os professores precisam fazer adaptações em seus métodos e/ou conteúdos para que todos sejam incluídos. De acordo com Munster e Almeida (2006), é preciso que os professores de Educação Física realize as adaptações metodológicas necessárias adaptando também os materiais e as práticas para que o aluno com deficiência consiga participar das atividades propostas.

É importante, então, pensar a acessibilidade para além da estrutura física. Segundo o MEC, “ambientes escolares inclusivos devem possibilitar não só o acesso físico, como permitir a participação nas diversas atividades escolares para todos” (BRASIL, 2009, p.15).

Para Carvalho (2008), é preciso que a escola seja um ambiente acolhedor e seguro para que os alunos ganhem autonomia. É necessário, então, que as demais barreiras sejam rompidas (atitudinal e comunicacional). Neste sentido, Rodrigues e Lima-Rodrigues (2011), destacam a importância das escolas realizarem momentos reflexivos sobre a própria prática educativa.

3.4 A formação do Licenciado em Educação Física no âmbito das Ações Afirmativas

A inclusão educacional é um dos princípios fundamentais da educação e visa garantir a participação plena e efetiva de todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades. Nesse contexto, a formação acadêmica inicial também é um dos caminhos para uma educação inclusiva. Libâneo (1998) afirma que a formação dos professores afeta diretamente o desenvolvimento dos alunos.

Mendes (2004), aponta que um elemento essencial para estabelecer a inclusão escolar é uma política de capacitação de professores. Isso se deve ao fato de que a implementação da mudança requer um investimento substancial em recursos humanos e em condições de trabalho para garantir sua eficácia.

A formação docente deve, então, enfatizar a compreensão das diferenças individuais entre os alunos, incluindo deficiências físicas, cognitivas, emocionais e culturais. Os professores devem estar cientes das diversas características dos alunos e como elas impactam seu aprendizado. Deve ainda capacitar os professores a atenderem às necessidades de todos os alunos, proporcionando aos docentes conhecimento e segurança para adaptar as aulas e lidar com os seus alunos, suas deficiências, limitações e potencialidades, garantindo, assim, não só a participação, mas também o desenvolvimento de todos.

Sendo assim, é papel das universidades oferecerem aos futuros educadores a capacidade de desenvolver práticas pedagógicas inclusivas. Isso inclui estratégias para adaptar o currículo, materiais didáticos e métodos de ensino para atender à todos. Os programas de formação docente devem abordar também as barreiras atitudinais que podem existir em relação à inclusão. Isso inclui o combate a estereótipos e preconceitos. Para Veltrone e Mendes (2007), os programas de formação de professores devem abordar a questão das mudanças de atitude. É



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

necessário que os professores, bem como a comunidade escolar, as famílias e a sociedade em geral, revisem suas concepções sobre diversidade, diferença e deficiência.

Acredito que grande parte dos professores aprenderam a lidar com os diversos tipos de alunos apenas na prática. Como escreveu Paulo Freire, no livro *Pedagogia da esperança*: “Uns ensinam e, ao fazê-la aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-la ensinam” (FREIRE, 2020, p.57).

Durante muito tempo, os cursos de pedagogia e licenciaturas não tinham disciplinas sobre a Educação Inclusiva. Sendo assim, muitos docentes formados há muitos anos, não tiveram disciplinas obrigatórias referentes às deficiências, inclusão e Educação Física adaptada, o que dificulta ainda mais a oferta de aulas que contemplem a todos.

Apenas em 2002, com a resolução CNE/CP N°1/2002 que institui diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, foi incluído que:

A definição dos conhecimentos exigidos para a constituição de competências deverá, além da formação específica relacionada às diferentes etapas da educação básica, propiciar a inserção no debate contemporâneo mais amplo, envolvendo questões culturais, sociais, econômicas e o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e a própria docência, contemplando: [...] II - conhecimentos sobre crianças, adolescentes, jovens e adultos, aí incluídas as especificidades dos alunos com necessidades educacionais especiais e as das comunidades indígenas (BRASIL, 2002, p.3).

O Decreto n. 5.626, inseriu a Língua Brasileira de Sinais – Libras “como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério” (BRASIL, 2005).

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva garante “formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar” (BRASIL, 2007, p. 5).

Desta forma, muitas disciplinas relacionadas à educação especial estão nos currículos das licenciaturas atuais. Nos cursos de Educação Física, por exemplo, há disciplinas como a Educação Física adaptada, além de estágios na educação especial. No entanto, Sant’Ana (2005) enfatiza que a falta de formação



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

especializada é um agravante. E ainda, que os cursos de formação dão destaque à aspectos teóricos, distantes da prática pedagógica. Aponta ainda que é necessário redefinir a formação de professores. De acordo com Freitas e Cidade (1997), os professores deveriam sair do ambiente acadêmico e se envolver mais nas escolas públicas, onde encontram-se os desafios mais significativos, tanto em termos profissionais quanto sociais.

Para Glat e Nogueira (2003), o despreparo dos professores é uma das principais barreiras para a inclusão no ambiente escolar. Em encontro a essa abordagem, Costa (2015) considera que a formação dos professores é um dos principais desafios para a prática docente inclusiva.

Diante da falta de acessibilidade em muitas instituições escolares no Brasil, uma boa formação acadêmica auxiliaria os professores na adaptação de suas aulas, de acordo com as necessidades de cada aluno. No caso da Educação Física, por exemplo, pode envolver a modificação das regras, o uso e/ou a confecção de equipamentos específicos, ou a oferta de alternativas que permitam a participação de todos com segurança.

Além da formação inicial, a formação continuada também é uma forma de aprender a lidar com a diversidade encontrada nas escolas. Assim como toda a educação, a inclusão é uma área em constante evolução, com novas abordagens e tecnologias assistivas surgindo. De acordo com Galvão Filho *et al* (2009):

Tecnologia Assistiva é uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (GALVÃO FILHO *et al.*, 2009, p. 26)

Professores devem, então, ter acesso a oportunidades contínuas de desenvolvimento profissional para se manterem atualizados e preparados para atender a todos os seus alunos.

O papel do licenciado em Educação Física no contexto das ações afirmativas em prol da inclusão é, portanto, de suma importância. Gomes (2003) destaca que as ações afirmativas podem ser descritas como um conjunto de medidas, tanto públicas quanto privadas, que são concebidas com o propósito de combater a discriminação racial, de gênero, de deficiência física e de origem



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

nacional. Além disso, essas iniciativas visam corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação ocorrida no passado, com o objetivo de alcançar efetiva igualdade de acesso a serviços fundamentais como educação e emprego.

O profissional de Educação Física pode desempenhar, então, uma variedade de funções que contribuem para promover a inclusão de pessoas com deficiência e outras minorias no contexto escolar. Isso envolve, por exemplo, o planejamento e a execução de atividades físicas adaptadas, a conscientização e sensibilização da comunidade escolar para combater estigmas e preconceitos relacionados à deficiência, o desenvolvimento de programas de capacitação para outros professores e profissionais escolares visando uma atuação inclusiva, além do estabelecimento de parcerias com instituições e profissionais especializados para garantir o acesso a recursos e apoios necessários para os alunos com deficiência.



4 O CENÁRIO DA ESCOLA ESTADUAL BENEDITO VALADARES

4.1 Caracterização da instituição

De acordo com o Projeto Político Pedagógico, a Escola Estadual Benedito Valadares teve sua fundação entre os anos de 1934 a 1937 em honra ao Sr. Benedito Valadares Ribeiro, então Governador de Minas Gerais. Em 1974, por meio do Decreto nº 16.244, realizou a transição de Grupo Escolar para Escola Estadual. Durante a gestão de Rogéria de Assis Marinho Silveira em 1985, a escola foi expandida fisicamente pela primeira vez, introduzindo o ensino noturno. Entre 1985 e 1986, ocorreu uma significativa reforma interna. Entre os anos de 1992 e 1993, ocorreu outra expansão na infraestrutura, com a edificação de um novo pavilhão.

Figura 1- Fachada da Escola Estadual Benedito Valadares

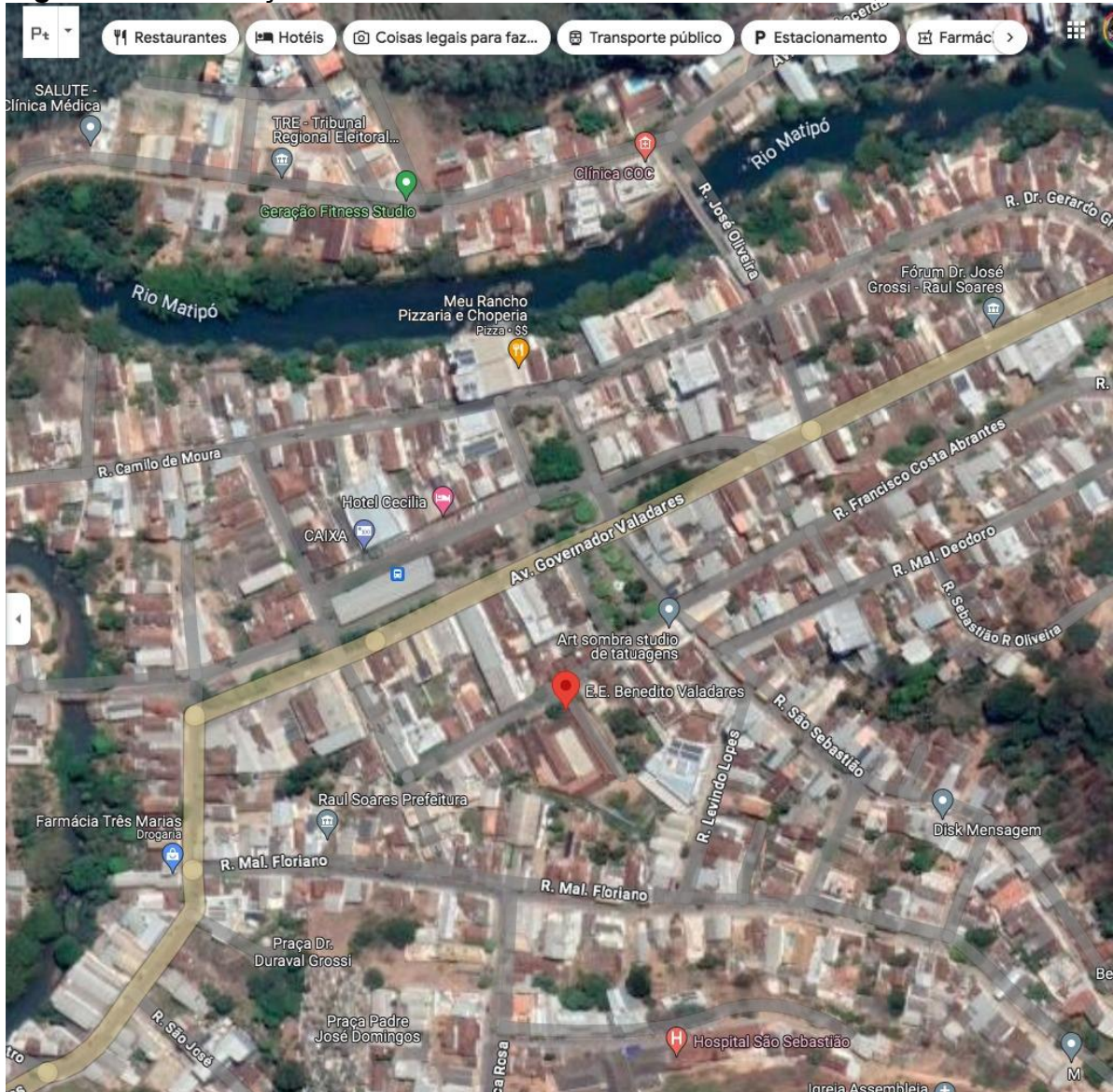


Fonte: Acervo doado pela escola.

A Escola Estadual Benedito Valadares localiza-se na zona urbana da cidade de Raul Soares e atende alunos do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental.



Figura 2- Localização da Escola Estadual Benedito Valadares, Raul Soares- MG



Fonte: Google maps, 2024.

Em 2012, foi elogiada pelo excelente desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), destacando-se em avaliações externas tanto estaduais quanto federais. O vínculo com a comunidade é fortalecido por meio de uma variedade de atividades e eventos. Recentemente, a escola passou por uma extensa renovação, que incluiu melhorias na acessibilidade, reformas em salas de aula, banheiros, cozinha, refeitório, salas de recursos e informática, além de uma repintura e outras melhorias estruturais.



Figura 3- Pátio/ quadra da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

Figura 4- Playground/ parquinho da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

Figura 5- Jardim sensorial da escola (Produto educacional do mestrado de uma docente da instituição)



Fonte: Acervo doado pela escola.

Figura 6- Biblioteca da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

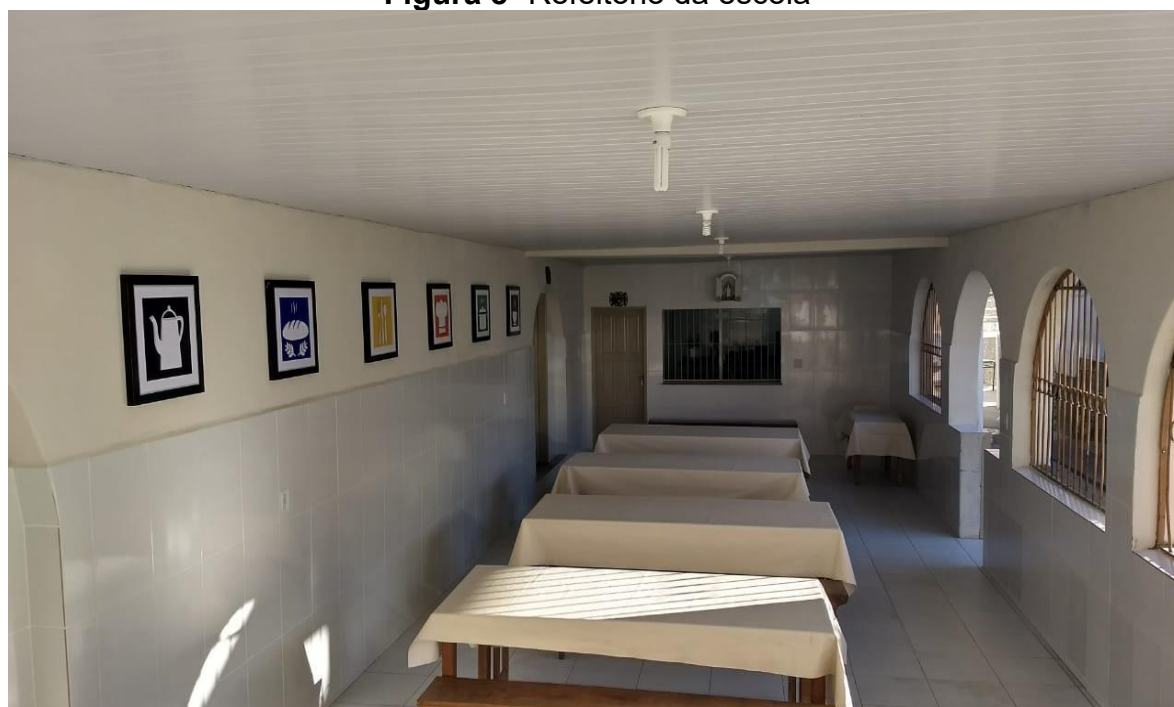


Figura 7- Sala de informática da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

Figura 8- Refeitório da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 9- Sala de aula da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 10- Banheiros da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Atualmente, a instituição oferece educação fundamental de nove anos e vários programas estruturadores, como o ensino integral e salas de recursos para

assistência educacional especializada. De acordo com a atual Diretora da instituição, tomando como base o ano de referência de 2023, no ano de 2023, foram matriculados 430 alunos do primeiro ao nono ano, sendo que existem quatro turmas de tempo integral.

4.2 A Trajetória de Luz da Escola Estadual Benedito Valadares na promoção da inclusão

Figura 11- A educação inclusiva representada nos muros da escola



Fonte: Acervo doado pela escola

Figura 12- A educação inclusiva representada nos muros da escola



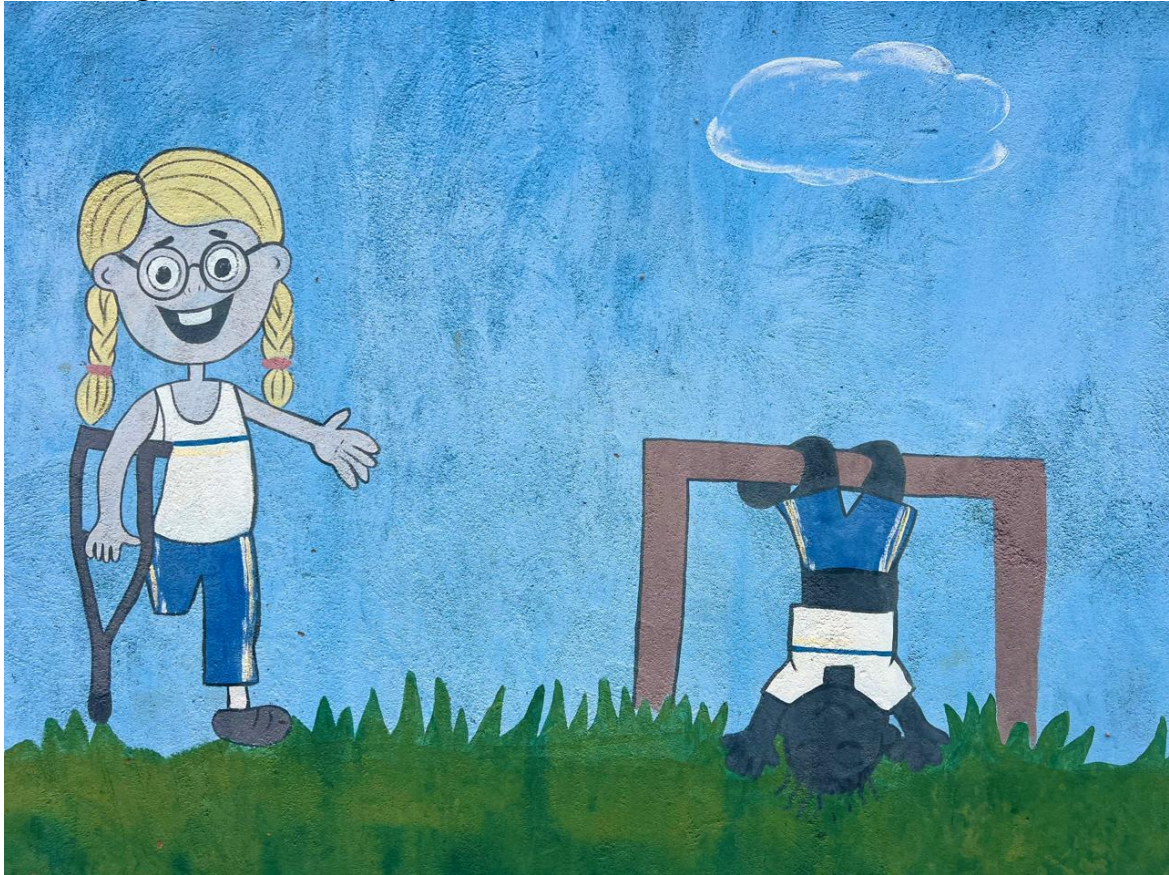
Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 13- A educação inclusiva representada nos muros da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 14- A educação inclusiva representada nos muros da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

O PPP da Escola Estadual Benedito Valadares aborda a inclusão e diversidade na aprendizagem, ressaltando a necessidade de iniciativas direcionadas a assegurar uma educação de excelência para todos os estudantes. Isso implica no estabelecimento de um sistema educacional que fomente a consciência cidadã, levando em consideração as diferentes realidades sociais, étnico-raciais e ambientais. Tanto o Currículo Referência de Minas Gerais quanto a BNCC priorizam a formação integral do aluno, destacando a importância do respeito mútuo, compreensão da diversidade e atenção ao meio ambiente.

De acordo com a entrevista realizada com a atual Diretora da Escola Estadual Benedito Valadares, historicamente, a escola sempre atendeu às pessoas com deficiência. No entanto, no que concerne à obtenção de laudos, a trajetória da educação inclusiva é recente. Segundo ela, anteriormente, a obtenção de laudos pelos alunos era bastante desafiadora. Nesse período, era perceptível que algumas crianças apresentavam deficiências, porém a escola não dispunha dos respectivos laudos. Além disso, a conscientização sobre esse tema era limitada, dado que os



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

direitos e as políticas de inclusão ainda não estavam tão consolidados como são atualmente. Assim, a abordagem voltada para alunos com laudo começou a partir de aproximadamente 2011 ou 2012, quando a escola adotou uma postura mais inclusiva em relação à educação e passou a procurar ativamente obter laudos para essas crianças, trabalhando em colaboração com as famílias. Foi estabelecida uma comunicação próxima com as famílias, com diálogo sobre as necessidades das crianças e, em alguns casos, foram estabelecidas parcerias com instituições como a APAE para auxiliar na obtenção dos laudos médicos necessários. Esse período marcou uma mudança significativa na abordagem da escola em relação à inclusão dos alunos com deficiência.

Hoje, a instituição atende 37 alunos com algum tipo de deficiência e desses 37, 20 são autistas. De acordo com a diretora, cada estudante com necessidades especiais tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para determinar isso, é importante identificar quais alunos se enquadram nesse perfil, ou seja, aqueles que possuem deficiência física, intelectual, visual, ou múltipla. Isso inclui também alunos com autismo, anteriormente designados como Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), abrangendo um número maior de alunos. Antes, os alunos com TGD eram incluídos no AEE por serem considerados parte do público-alvo da educação especial, mas isso mudou após a resolução 4.256 de 2020, que regulamenta a educação inclusiva em Minas Gerais. Agora, todos os alunos com deficiência, incluindo autismo e altas habilidades/superdotação, são atendidos pelo AEE. Isso compreende recursos como salas especiais, professores de apoio e, em alguns casos, intérpretes de libras, embora não seja o caso atual na escola em questão. A maioria dos alunos atendidos na escola são autistas, seguidos por alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down.

Já a sala de recursos foi estabelecida em 2013, com duas turmas, uma no período da manhã e outra no período da tarde. Anteriormente, havia apenas uma turma e a professora dividia seu tempo entre o período da manhã e o período da tarde, concentrando mais tempo onde havia maior número de alunos necessitados. Com o tempo, houve uma expansão tanto no número de alunos com laudo quanto no trabalho colaborativo com alunos de outras instituições.

Figura 15- Sala de recursos da escola



Fonte: Acervo doado pela escola.

Nos tópicos a seguir, apresentamos transcrições de entrevistas e narrativas que oferecem insights valiosos sobre diversos temas discutidos. Para manter a integridade e autenticidade das falas dos sujeitos entrevistados, algumas partes serão inseridas na íntegra, em espaço recuado e entre aspas, conforme a forma como foram expressas. Essas transcrições oferecem uma visão direta e detalhada das perspectivas, experiências e opiniões compartilhadas pelos participantes, enriquecendo assim a compreensão e o debate sobre os assuntos tratados.

4.3 Práticas pedagógicas inclusivas exitosas na instituição

O AEE desempenha um papel crucial na atenção às demandas específicas dos alunos com deficiência, fornecendo recursos pedagógicos e de acessibilidade que complementam a educação convencional.

O PDI é um componente essencial para adaptar o currículo às necessidades individuais desses alunos, assegurando um acesso equitativo à aprendizagem de qualidade. A escola busca apoio externo, como o Serviço de Apoio à Inclusão (SAI), visando aprimorar o atendimento e facilitar a troca de experiências entre os



educadores. De acordo com a supervisora dos anos iniciais e professora de apoio da instituição, o plano de desenvolvimento do aluno é o espaço onde são contempladas diversas dimensões de sua vida, não se limitando apenas à esfera escolar. Nele, são abordados aspectos como a filiação, com um olhar diferenciado da família que descreve as preferências do aluno, suas observações, eventuais pontos fracos e como lidar com eles, bem como informações sobre medicamentos que o aluno pode estar tomando e sua alimentação, incluindo preferências alimentares, restrições e alergias. No âmbito escolar, o plano identifica o que o aluno já domina, as estratégias e metodologias a serem utilizadas em seu ensino e oferece uma avaliação contínua de seu progresso, apontando avanços e áreas que precisam de mais atenção.

O PDI serve como um guia, orientando as ações e intervenções a serem realizadas para o desenvolvimento do aluno. Além disso, o documento é um instrumento de continuidade, permitindo que a próxima escola que o aluno frequente tenha acesso às informações relevantes sobre ele, garantindo, assim, uma transição suave e uma compreensão mais profunda do aluno. É importante ressaltar que o PDI deve ser compartilhado com a família do aluno, assegurando seu direito de acesso às informações nele contidas. **Observação:** As imagens do PDI produzido e utilizado pela Escola Estadual Benedito Valadares estão nos Anexos (Anexo 4) deste trabalho.

Na sala de recursos, o Plano de Atendimento Educacional Especializado (PAEE) orienta as intervenções pedagógicas fora do horário regular de aula, com a participação ativa dos professores, equipe pedagógica e familiares. Essas atividades complementam o ensino tradicional e são individualizadas conforme o PDI de cada aluno. A colaboração entre os professores regentes e os do AEE é essencial para garantir a eficácia do suporte especializado. A qualidade desse atendimento tem conferido à escola reconhecimento, sendo cada vez mais procurada por alunos da Educação Especial e suas famílias, devido ao compromisso demonstrado. Hoje são atendidos 47 alunos, sendo 10 alunos de outra instituição. As atividades realizadas na sala de recursos são complementares e suplementares as ministradas no ensino regular.

Quanto aos professores da educação especial, são 19 ao todo, sendo 17 de apoio e 2 do AEE Sala de Recursos. Segundo a diretora da instituição, as



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

professoras de apoio desempenham um papel fundamental no trabalho de inclusão realizado na escola, servindo como um suporte para os professores regentes. Elas atuam como intermediárias entre o professor e o aluno, facilitando o acesso do aluno ao conteúdo de maneira adaptada. Isso inclui a produção de materiais e adaptações necessárias para que o aluno consiga compreender o conteúdo ministrado. Cada professora de apoio pode atender até três alunos matriculados no mesmo ano e turma escolar.

A escola realiza também planejamentos diferenciados para alunos com deficiência que precise de adaptações. Segundo a diretora, é importante reconhecer que nem todos os alunos identificados como público-alvo da educação especial requerem adaptações significativas. Alguns podem necessitar apenas de suplementação, como exercícios de fixação adicionais fornecidos pelo professor em sala de aula regular. Por exemplo, um aluno da educação especial pode precisar de uma redução no número de atividades para manter o foco e a concentração durante a execução das tarefas, em comparação com seus colegas. Portanto, nem sempre é necessário adaptar totalmente as atividades para esses alunos; muitas vezes, o suporte individualizado é suficiente para ajudá-los a se concentrarem e realizarem as atividades de maneira adequada. Essas necessidades variam consideravelmente entre os alunos e até mesmo entre os diferentes conteúdos curriculares. Por exemplo, pode haver casos em que um aluno precise apenas de adaptações específicas em um determinado assunto, como matemática, enquanto mantém autonomia em outros. O objetivo é promover a autonomia dos alunos e reduzir sua dependência de suportes adicionais ao longo do tempo, incentivando seu desenvolvimento como indivíduos independentes capazes de se autogerenciar e participar plenamente da vida escolar e social.

A diretora da instituição aponta que é interessante observar que na escola pesquisada a aceitação de alunos com deficiência é algo muito natural e tem sido assim desde o primeiro momento. Não há um programa formal voltado para a discussão sobre aceitação. Em alguns momentos, quando surge a necessidade de intervir, por exemplo, ao perceber alguma atitude não acolhedora de um aluno em relação ao outro, é realizada uma conversa individualizada para conscientizá-lo sobre as necessidades do colega e a importância de ajudar uns aos outros. No entanto, essa abordagem é esporádica e pontual, não sendo parte de uma iniciativa



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

organizada com datas específicas para discussões sobre aceitação. Essa cultura de aceitação parece estar enraizada na escola de forma intrínseca, manifestando-se de maneira espontânea no dia a dia. Não é possível determinar exatamente quando ou como isso se desenvolveu, mas parece ter sido um processo gradual que começou desde o início da escola e foi se fortalecendo ao longo do tempo. Ao receber novos alunos, tanto aqueles com necessidades especiais quanto os demais, não há relatos de comportamentos de *bullying* ou discriminação, o que sugere que essa cultura de aceitação permeia toda a comunidade escolar.

A insituição busca também acolher os familiares dos alunos com deficiência. Para a diretora, é curioso observar que, geralmente, quando os pais desses alunos comparecem à escola, inicialmente eles não mencionam que a criança tem necessidades especiais. Ao realizarem a matrícula do filho e assinarem os documentos é comum que eles expressem certa relutância em abordar essa questão. Isso pode ser atribuído a um sentimento de medo, talvez devido à percepção de que as portas estavam fechadas em outras instituições e à incerteza sobre como a escola receberia a criança. Alguns pais mencionavam discretamente que o filho tinha "um probleminha", geralmente referindo-se a um diagnóstico médico como Síndrome de Down. No entanto, quando os pais finalmente compartilhavam essa informação era como se as portas se abrissem de verdade e isso era recebido com grande satisfação pela equipe escolar. Para ela, a presença desses alunos com necessidades especiais transformou a Escola Benedito Valadares, criando uma distinção clara entre o antes e o depois da inclusão. Apesar das dificuldades iniciais, ao longo do tempo, a escola conseguiu criar um ambiente acolhedor e inclusivo para esses alunos. Essa mudança gradual foi reconhecida pela mãe de um aluno, que inicialmente tinha dúvidas sobre a eficácia da inclusão, mas acabou por testemunhar e apoiar a transformação positiva que ocorreu na escola. A atmosfera acolhedora é perceptível desde o momento em que os alunos entram pela porta da escola, e isso tem sido reconhecido pelos pais, muitos dos quais já planejam matricular seus filhos na Escola Benedito desde a educação infantil, demonstrando um alto nível de confiança na abordagem inclusiva da escola.

Outro ponto positivo em relação à educação inclusiva da Escola Estadual Benedito Valadares é a acessibilidade. No entanto, para a diretora, a acessibilidade, especialmente a arquitetônica, é considerada um dos desafios mais difíceis de

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

superar, embora seja menos prioritária em comparação com outras formas de acessibilidade. A instalação de rampas, por exemplo, é crucial para promover a autonomia das crianças e garantir seu direito de ir e vir. No entanto, sua implementação requer recursos financeiros consideráveis e mudanças estruturais na instituição.

Figura 16- Rampas de acesso na escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 17- Rampa de acesso ao bebedouro e playground



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 18- Rampa da entrada da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 19- Rampa da entrada da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 20- Rampa da entrada da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 21- Rampa de acesso à biblioteca da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 22- Rampa de acesso à sala de recursos



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 23- Entrada da sala de recursos



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 24- Banheiro adaptado para PCDs



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.



Figura 25- Banheiro adaptado para PCDs



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Para a diretora da E.E.B.V, a acessibilidade vai além da arquitetura e abrange todos os aspectos do ambiente escolar, incluindo o acesso ao currículo.



Quando uma escola não dispõe de recursos, ela precisa encontrar soluções alternativas para atender às necessidades dos alunos. Por exemplo, no passado, quando a escola não possuía recursos para materiais em Braille, os professores improvisavam, como a confecção de materiais usando EVA e até mesmo a criação de uma ceta Braille feita por um ferreiro local. Essa abordagem mostra que a inclusão não depende apenas de recursos financeiros, mas também da capacidade de inovação e adaptação da comunidade escolar. Os professores buscavam soluções criativas, como transformar mesas de professor em fraldários temporários ou usar a força humana para superar obstáculos físicos, garantindo que todos os alunos pudessem participar plenamente das atividades escolares. Mesmo em situações em que recursos específicos não estavam disponíveis, como no caso da alfabetização de alunos cegos, os professores improvisavam usando materiais simples, como pentes de ovos, para criar ferramentas de aprendizado adaptadas. Esses exemplos demonstram que a verdadeira inclusão surge não apenas da disponibilidade de recursos externos, mas também do compromisso e da criatividade da comunidade escolar em superar desafios e garantir que todos os alunos tenham oportunidades iguais de aprendizado e participação.

Figura 26- Ceta Braille adaptada, punção para escrita Braille adaptada e atual



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

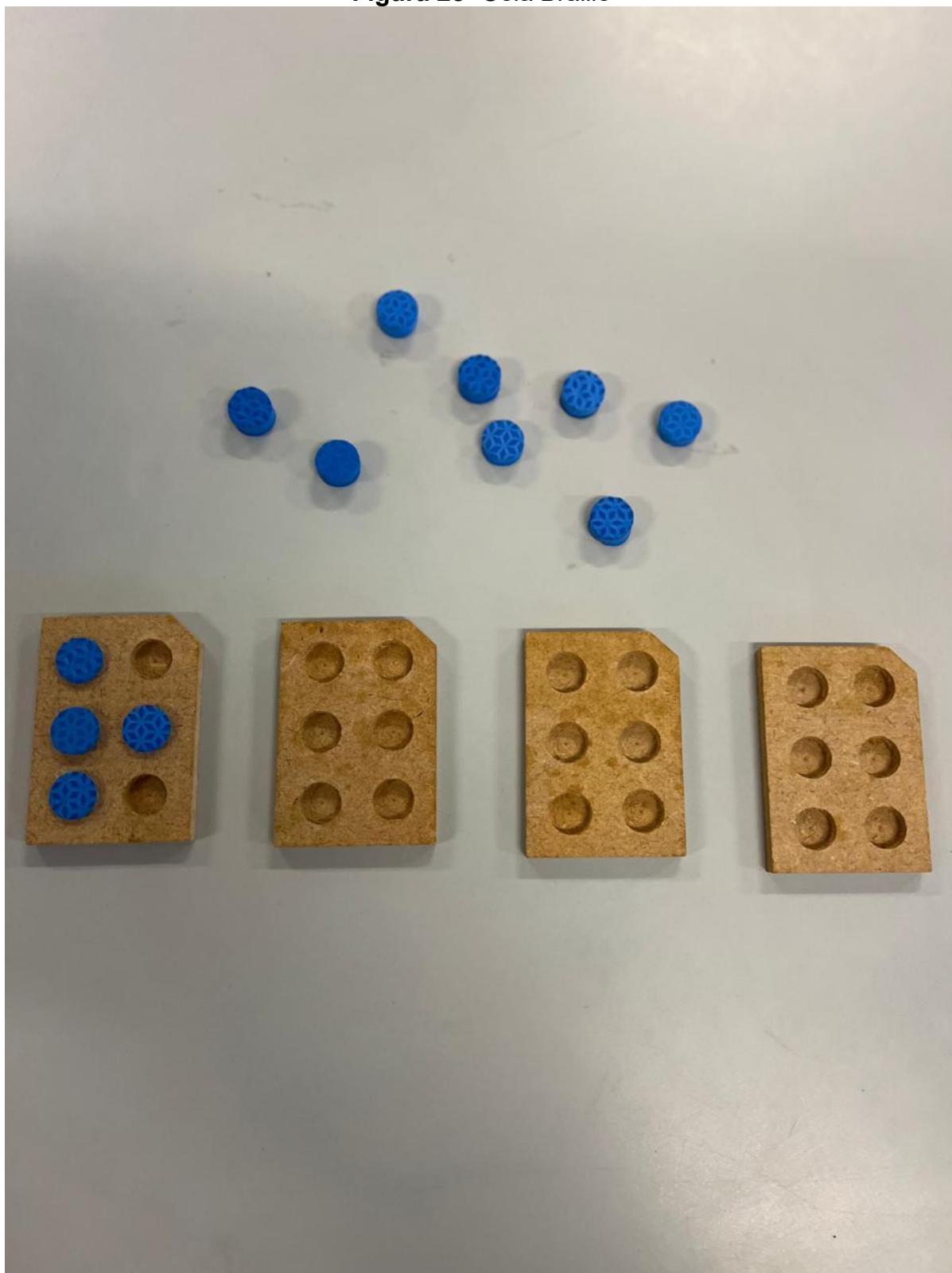
Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 27- Reglete para escrita Braille



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

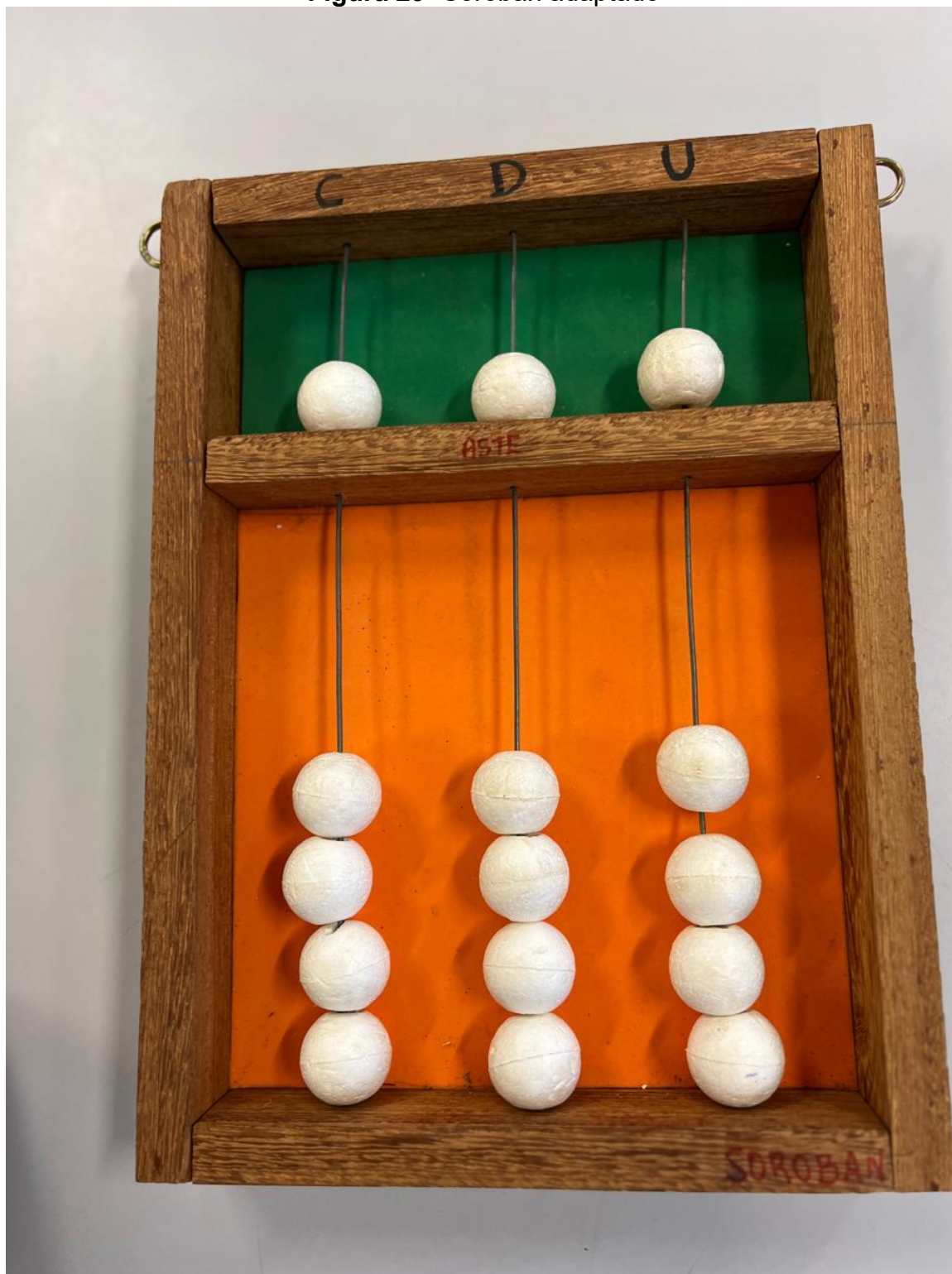
Figura 28- Cella Braille



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Figura 29- Soroban adaptado



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.



Figura 30- Soroban atual



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 31- Impressora Braille



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Figura 32- Caderno em Braille elaborado na sala de recursos (música Aquarela)



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.



Figura 33- Um dos livros em Braille da biblioteca da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

Atualmente, a sala de recursos da E.E.B.V possui materiais atualizados, livros em Braille, jogos variados, Soroban, Material para escrita em Braille, entre outros. Além disso, segundo uma das professoras de apoio participantes da



pesquisa, a sala de recursos possui também computadores com tecnologia assistiva, como por exemplo, os programas com leitores de telas (Dosvox, Virtual vision).

Segundo a diretora da instituição, a inclusão é uma questão de empatia e compreensão. Não se resume apenas a trazer o aluno para dentro da escola. Vai muito além disso. É necessário buscar o verdadeiro significado da palavra inclusão, não apenas no dicionário, mas também em conceitos relacionados, como abraçar e abarcar. A verdadeira inclusão envolve acolher e envolver os alunos em todos os aspectos da vida escolar, criando um ambiente onde todos se sintam valorizados e respeitados.

Para ela, a chegada da inclusão nesta escola foi amplamente desejada e celebrada. Isso se deve, principalmente, à história de uma aluna típica que tornou-se deficiente devido a síndrome de MoyaMoya. Essa aluna abriu as portas para a inclusão na Escola Benedito e influenciou a região e até mesmo o estado como um todo. O retorno da mesma após uma grave condição médica exigiu adaptações significativas na escola. A rampa de acesso construída pelos pais dela era improvisada e não seguia padrões, mas mesmo assim permitia que ela frequentasse as aulas diariamente. A adaptação da escola não se limitou apenas às questões físicas, mas também incluiu a contratação de professores de apoio para alunos com necessidades especiais. Essa jornada foi desafiadora, pois não havia orientação clara sobre como lidar com as necessidades desses alunos. No entanto, a determinação da escola e o amor impulsionaram a busca por soluções, mesmo diante das dificuldades. A diretora destaca que a experiência dessa escola destaca a importância do perdão e da compreensão, pois nem sempre os resultados são conforme o esperado, mas o esforço e a dedicação são constantes.

A diretora entrevistada enfatiza ainda que o que torna a Escola Estadual Benedito Valadares uma referência em educação inclusiva é principalmente o comprometimento e o amor que os membros da comunidade escolar dedicam às suas atividades. Em geral, os funcionários da escola demonstram grande satisfação em seu trabalho e estão sempre empenhados em buscar alternativas, crescimento e acolhimento para todos os alunos. Essa cultura de acolhimento não se limita apenas aos alunos com necessidades especiais, mas se estende a todos os membros da comunidade escolar. Reconhece-se que a inclusão não se restringe apenas aos alunos especiais, mas é um direito de todos, e a escola se esforça para garantir que



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

todos se sintam bem-vindos e incluídos. Essa abordagem de acolhimento e respeito contribui significativamente para a construção de um ambiente escolar onde todos os alunos podem se sentir parte da comunidade e realizar um trabalho de qualidade. Portanto, é essa cultura de acolhimento e inclusão que diferencia a Escola Benedito Valadares e a torna uma referência na área da educação inclusiva.

A gestora da Escola Estadual Benedito Valadares aponta que há desafios e que é comum pensar nas dificuldades relacionadas à inclusão como apenas obstáculos físicos superáveis. No entanto, para ela o principal desafio reside na constante necessidade de ressignificação tanto para os indivíduos quanto para as instituições envolvidas. Ela enfatiza que cada aluno é único, com suas próprias necessidades e formas de aprendizado, o que demanda uma abordagem individualizada e adaptativa. Para a gestora:

“Não é porque nós temos 20 alunos autistas que nós sabemos trabalhar com aluno autista. Não é porque a Escola Benedito realiza inclusão há mais de dez anos, que a gente sabe fazer inclusão, porque ela se faz no dia a dia. Nós temos dois alunos autistas gêmeos, completamente diferentes, com necessidades diferentes, com formas de pensar, de agir diferente. O ser humano ele é único. E aí cada um tem sua especificidade, a sua forma, a sua maneira. E todos os anos e todos os dias é um desafio novo, é algo novo.”
(DIRETORA DA E.E.B.V)

Ela acrescenta ainda que a realização efetiva da inclusão requer um compromisso contínuo e diário, pois cada dia traz consigo novos desafios e experiências únicas. A adaptação a novos alunos com necessidades especiais pode inicialmente parecer avassaladora, mas com esforço e dedicação é possível superar as dificuldades e alcançar progressos significativos.

Mas ela destaca que a escola atua para minimizar esses desafios, se ressignificando, mudando. Tendo como mola propulsora disso tudo, o amor.

“Quando você ama, quando você tem a oportunidade de ter dentro de você pulsando a inclusão, as coisas que momentaneamente parecem muito difíceis, elas acontecem. Porque quem quer busca, quem quer faz acontecer, quem não quer me desculpa, eu não estou pronto, não estou preparada, não me prepararam, não me deram suporte, não me deram condições, sempre coloca no outro, coloca dentro. Mas eu quero, eu posso, eu consigo.” (DIRETORA DA E.E.B.V)

De acordo com a diretora da instituição, o trabalho com alunos com



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

deficiência é gratificante desde o momento em que esta escola é concebida como um ambiente próprio para todos os alunos. Isso já proporciona uma sensação de competência e realização profissional. E quando a inclusão acontece de fato, quando se observa o aluno especial participando de todas as atividades no pátio, assim como os demais, ou quando, em alguma atividade específica, talvez não seja possível incluí-lo imediatamente, mas os outros alunos aguardam o momento adequado para sua participação, isso é de extrema importância. Porque a escola vai além de simplesmente ensinar a ler, escrever, somar, subtrair e multiplicar. A escola é vida. Para ela, não se trata apenas de preparar para a vida, a escola é a própria vida, uma preparação diária, para o presente. Não busca apenas formar indivíduos que serão bem-sucedidos socialmente ou financeiramente, mas sim pessoas que possuam caráter, saibam respeitar os outros, compreendam seu espaço e limites, e lutem pelo bem próprio e de suas famílias de forma digna.

Até mesmo a composição das turmas nesta escola é diferenciada, em oposição ao que frequentemente se observa em outras instituições, onde ocorre a segregação. Não há salas de alunos bons, médios ou fracos, e o aluno especial não é segregado em nenhum grupo. A escola inclusiva não se limita apenas a considerar as necessidades especiais, mas pensa em todos os alunos de maneira global. Cada aluno é visto individualmente, levando-se em conta suas especificidades e necessidades. A inclusão não ocorre apenas porque há alunos especiais, mas porque a inclusão é parte essencial da identidade desta escola.

De acordo com a responsável pela instituição pesquisada, a perspectiva da melhoria da inclusão em todas as instituições, considera-se que a abordagem inclusiva deve ser abrangente e ocorrer em todos os aspectos da escola, desde a entrada até as áreas circundantes, incluindo a cozinha. A inclusão não é apenas responsabilidade dos professores ou restrita à sala de aula; o aluno não pertence apenas ao professor, mas à escola como um todo.

Portanto, os problemas enfrentados na inclusão não são exclusivamente do professor, mas da instituição como um todo, e é dever da gestão escolar auxiliar nesse processo. A gestão desempenha um papel crucial ao garantir que todos os membros da equipe estejam alinhados com os ideais de inclusão e trabalhem juntos para esse objetivo comum. Mesmo que alguns indivíduos possam discordar em determinados momentos, é fundamental que sigam a maioria e se unam em prol da



inclusão.

É essencial entender que o aluno especial não é um obstáculo, mas sim um adicional ao ambiente escolar. Embora possa haver desafios em manter um ritmo uniforme na turma, é mais importante que os alunos aprendam a respeitar o tempo e as capacidades uns dos outros, além de se ajudarem mutuamente a alcançar seus objetivos, o que é mais significativo do que qualquer desafio acadêmico específico.

Ela conclui que não existe receita ou nenhuma cartilha que ensine o caminho. Que a história de sucesso da Escola Estadual Benedito Valadares na promoção da inclusão tem o ingrediente, que é o amor.

Figura 34- A educação inclusiva representada nos muros da escola



Fonte: Acervo próprio da autora, 2024.

4.4 Narrativas docentes

Além da diretora da instituição, foram entrevistados quatro profissionais da Escola Estadual Benedito Valadares, incluindo as duas professoras de apoio mais experientes da escola, o vice-diretor, que também leciona Educação Física, e a professora de Educação Física responsável pelos anos iniciais do Ensino Fundamental. Cada um deles respondeu perguntas relacionadas à abordagem de



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

Educação Inclusiva na escola pesquisada.

Segundo as duas professoras de apoio pesquisadas, para se tornar professor de apoio é necessário possuir graduação em educação especial ou pedagogia, com pós-graduação em educação especial. No entanto, é destacado que a licenciatura plena em Educação Especial proporciona uma classificação mais vantajosa na listagem do estado.

A série de relatos dos docentes começa com a professora de apoio, que também desempenha o papel de supervisora nos anos iniciais da escola, e está envolvida na educação especial desde 2014. Em setembro de 2014, ela ingressou na sala de recursos e não sabe ao certo se depois de dois anos já estava como professora de apoio, continuando na sala de recursos. Houve anos em que ela trabalhava em dois turnos, atuando tanto como professora de apoio quanto na sala de recursos. Portanto, este ano marca o décimo ano de trabalho dela na Escola Estadual Benedito Valadares. A professora é licenciada em Educação Especial.

Na sala de recursos, ela desempenhava um papel de apoio aos professores regentes de turma e de aula. Seu trabalho envolvia o desenvolvimento do raciocínio lógico e coordenação motora, tanto grossa quanto fina. Ela complementava o ensino em sala de aula, abordando as lacunas e deficiências dos alunos. Utilizava materiais concretos para o ensino da matemática, aproveitando a ampla gama de recursos disponíveis na sala da Escola Benedito Valadares. Ela não precisou criar jogos, pois a professora anterior já havia deixado alguns jogos que ela mesma confeccionava. Também foi uma época que a sala de recursos recebeu muitos jogos.

A professora já teve experiência no atendimento de alunos com uma variedade de necessidades educacionais especiais. Isso inclui alunos com transtorno do espectro autista, deficiência intelectual (F-70), deficiência física, cegueira e paralisia cerebral. Ela relembra que quando começou na sala de recursos, o público da educação especial era mais diversificado, incluindo alunos com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). No entanto, atualmente, esses alunos não são mais considerados parte desse público.

A docente em questão destaca a importância fundamental do seu papel na escola, indo além de simples suporte em sala de aula. Ela ressalta que os professores de apoio não se limitam a atender apenas o aluno designado, mas têm uma abordagem mais ampla. Ela exemplifica essa abordagem mencionando uma



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

situação em que, embora sua responsabilidade principal seja uma aluna específica, ela também oferece suporte a outros alunos com deficiência intelectual na mesma sala, através do Plano de Desenvolvimento Individual. Essa colaboração não é vista como desvio de função, mas sim como uma contribuição valiosa para a escola, fornecendo um olhar diferenciado e uma assistência crucial.

De acordo com a professora de apoio, este ano, seu trabalho tem sido diferente. Ela está lidando com uma aluna autista muito inteligente e metódica, que demonstra habilidades excepcionais na leitura e escrita. No entanto, ela enfrenta grandes dificuldades em matemática, especialmente em memorizar fatos básicos como a tabuada. Essa dificuldade causa insegurança e reações variadas na aluna, desde agressividade até sentimentos de inferioridade. A professora está tentando ajudá-la a superar esses desafios, incentivando-a a ver a matemática de forma positiva. Embora não faça adaptações específicas no conteúdo, a professora utiliza abordagens concretas para facilitar o aprendizado da aluna, permitindo que ela crie sua própria tabuada com traços, o que a deixa mais confortável.

A professora em foco relata nunca ter tido problema com a família de seus alunos. Este ano, a professora desenvolveu uma relação próxima e positiva com a família da aluna. Já tinha estabelecido um contato significativo desde os anos iniciais da aluna na escola. Agora, como sua professora de apoio, mantém uma comunicação aberta e amigável, tanto dentro quanto fora da escola, demonstrando liberdade para se comunicar e interagir com a família.

Quanto aos recursos oferecidos pela escola, ela relata que a escola se esforça para oferecer suporte ao professor de apoio, tanto em termos de recursos materiais quanto de estrutura, dentro das possibilidades disponíveis. Se necessário, materiais específicos para os alunos podem ser fabricados mediante solicitação. Além disso, a orientação é fornecida sempre que necessário, incluindo o desenvolvimento de planos individuais para os alunos. Tanto os professores quanto a administração da escola estão comprometidos em oferecer esse suporte ao professor de apoio. Ela ressalta que no caso específico de sua aluna neste ano não é necessário que a escola forneça recursos pedagógicos ou materiais, pois ela não os requer para o trabalho atual.

Para esta professora de apoio, o mais desafiador no trabalho com alunos com deficiência é conhecer esse aluno. Uma vez que se familiariza com o aluno, ela



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

acredita que o acolhimento é o primeiro passo essencial, pois isso abre portas para muitas possibilidades. No caso específico de sua aluna deste ano, há sempre uma certa apreensão no início do ano letivo sobre como ela será recebida. É uma incerteza sobre se será aceita. A relação com a família é crucial, pois é importante estabelecer um bom contato tanto com eles quanto com o aluno. Existem diversos tipos de alunos, como a aluna com quem ela trabalha este ano, que parece ser mais fácil de se relacionar, pois é capaz de se expressar verbalmente. No entanto, há alunos que não são orais e não conseguem comunicar seus sentimentos ou desejos verbalmente. Consequentemente, conhecer esses alunos é um desafio, pois requer uma compreensão através de gestos e olhares. Essa proximidade facilita a superação de obstáculos e o alcance dos objetivos propostos ao longo do ano. Ela concorda que o PDI é uma dessas ferramentas que auxilia nesse conhecimento do aluno, visto que aborda inúmeras informações pessoais e escolares dos alunos com deficiência.

A relação dela com os professores é bastante positiva. Há uma constante troca de informações no dia a dia, discutindo sobre estratégias, planejamentos e necessidades de adaptação, conforme o que está sendo planejado para cada bimestre. Através do plano de curso disponibilizado, eles têm uma direção clara a seguir, o que facilita essa colaboração contínua.

Quanto às práticas pedagógicas que ela considera exitosas em relação à educação inclusiva da Escola Estadual Benedito Valadares, ela considera que toda prática da instituição é exitosa em relação ao aluno público de educação especial, pois eles estão presente em todos os projetos. Há alunos que participam de projetos da escola como Soletrando em Inglês, Soletrando em Português e o Tabuando. Eles também marcam presença em festas escolares, como a festa da família, festa junina e feira de ciências. É evidente que eles estão envolvidos, dentro das capacidades individuais de cada um. Por exemplo, alunos que não são oralizados não são incluídos em competições de soletrando, mas eles participam ativamente das atividades em sala de aula, de acordo com suas habilidades.

A professora também tem convicção de que os alunos com deficiência são plenamente integrados nas atividades de Educação Física. Atualmente, é raro encontrar um aluno que não participe das aulas de Educação Física. Mesmo que alguns alunos com deficiência possam, ocasionalmente, optar por não participar das



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

atividades em grupo devido às suas necessidades específicas, isso não significa que estejam excluídos. Por exemplo, há um aluno do quarto ano que, às vezes, prefere se isolar durante as aulas, mas isso não significa que ele não participe da Educação Física. Ele ainda se envolve, mesmo que de forma mais reservada. Todos os alunos têm a oportunidade de participar de jogos e eventos esportivos, como as Paralimpíadas (evento escolar que se iniciou em 2023 na cidade de Raul Soares), e têm alcançado resultados muito positivos. Portanto, eles são de fato incluídos e participam ativamente das atividades propostas.

A professora de apoio enfatizou a importância do profissional de Educação Física no contexto da inclusão escolar. Ela observou que a aula de Educação Física é muito apreciada pelos alunos, sendo, frequentemente, citada como a favorita. Esse momento é considerado de grande interação, possivelmente mais do que na sala de aula, pois os alunos são divididos em equipes diferentes, promovendo uma constante interação entre eles, inclusive com aqueles que fazem parte do público da educação especial. Muitas vezes, os colegas podem não estar cientes de que estão interagindo com alunos com deficiência intelectual durante as aulas de Educação Física, pois esses alunos podem passar despercebidos. Além disso, em diversos casos observados na escola, o desempenho desses alunos nas aulas de Educação Física até supera o dos colegas. Pois, às vezes, um aluno que ainda não está alfabetizado mostra um desempenho superior nas aulas de Educação Física em comparação com aqueles que têm habilidades de leitura avançadas. Nesses casos, ele é reconhecido e valorizado pelos colegas, que o escolhem para participar de suas equipes devido ao seu bom desempenho. Essa interação é considerada extremamente significativa.

Quando indagada sobre sua definição de inclusão no contexto escolar, ela destacou que a inclusão começa desde o momento em que o aluno entra na escola. Ela ressaltou que, se considerarmos a inclusão além dos alunos com necessidades especiais, estamos constantemente incluindo. Isso significa incluir alunos de diferentes origens étnicas e classes sociais, sem tratá-los de forma diferente. No contexto da Escola Benedito, a questão da inclusão é muito evidente. Até mesmo os colegas de classe demonstram uma atitude diferenciada e carinhosa em relação aos alunos com necessidades especiais, percebendo que quanto mais comprometido o aluno está, devido à sua deficiência, mais incluído ele se torna e mais afeto os



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

outros alunos demonstram por ele.

Para ela, uma das partes mais gratificantes do trabalho com alunos com deficiência é a autenticidade deles. Eles expressam claramente seus sentimentos: se gostam, demonstram, se não gostam, evitam. Essa sinceridade é muito recompensadora. Além disso, ela encontra muita gratificação no carinho demonstrado por eles, seja através de abraços, proximidade ou mesmo quando um aluno não vocalizado tenta balbuciar seu nome.

Ela ressalta a importância da formação do licenciado em Educação Física no contexto das ações afirmativas, observando que essa formação pode ter um impacto significativo na vida dos alunos com necessidades especiais. Ela enfatiza a importância de os profissionais estarem conscientes disso, pois podem encontrar alunos que se destacam em suas aulas, apesar de serem parte do público-alvo da educação especial. Essa consciência ressalta a relevância da formação adequada para esses profissionais.

A professora finalizou afirmando que trabalha em uma escola verdadeiramente inclusiva. Ela mencionou que compartilha essa realidade, pois, às vezes, as pessoas duvidam da existência dessa inclusão. Embora não seja fácil, eles lidam com naturalidade e, ao longo dos anos, têm testemunhado muitos exemplos disso. Ela mencionou que, às vezes, desiste de contar essas histórias, pois as pessoas de outras cidades ou estados têm dificuldade em acreditar que isso seja possível ali. No entanto, eles têm muitos casos de pais que testemunharam e podem confirmar que a inclusão funciona na escola.

A segunda professora de apoio entrevistada possui uma trajetória mais longa na escola. Ela foi pioneira como professora de apoio na Escola Estadual Benedito Valadares e acumula 12 anos de experiência na instituição, período correspondente à sua atuação nessa função. Ela é formada em pedagogia e também possui licenciatura plena em educação especial.

Ela também já trabalhou na sala de recursos, e sua função envolvia não apenas a confecção de jogos, mas também a adaptação de diversos recursos para promover o desenvolvimento e estimular habilidades como atenção, raciocínio, criatividade, linguagem e interação entre os alunos que assistia. Além disso, fazia uso de tecnologias assistivas como parte de suas práticas pedagógicas. A docente já atendeu alunos com deficiência visual, paralisia cerebral, Síndrome de Down e



autismo.

Quando questionada sobre qual trabalho realiza como professora de apoio, ela destaca que é a mediadora entre o professor regente e o aluno. Ela faz adaptações de acordo com a necessidade dos alunos dentro de cada componente curricular. Para ela, o professor de apoio é importante no acompanhamento e mediação de todo o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Ela destaca que a escola oferece recursos para que o trabalho seja desenvolvido. Não só materiais didáticos, como computadores, por exemplo, mas também a informação, através de diálogos bem direto. Ela também menciona que se relaciona bem com todos da instituição e que trabalha em equipe, dialogando sempre com os demais professores, sobre as metodologias desenvolvidas.

Para ela, o maior desafio no trabalho com alunos com deficiência está na organização do sistema educacional e apesar de possuir uma boa relação com a família de seus alunos, em algumas situações, as famílias também apresentam limitações em lidar com certas situações do próprio filho, o que pode dificultar o trabalho.

Quanto às estratégias pedagógicas que ela vê como bem-sucedidas em termos de inclusão educacional na Escola Estadual Benedito Valadares, ela destaca a participação dos alunos com deficiência em todos os projetos escolares, como o Tabuando, Soletrando, Festival de Poesia e também o Xadrez Humano.

A docente enfatiza que para ela a inclusão no contexto escolar é incluir, é integrar, sem exceção. Transformar todo o ambiente educacional acessível e de qualidade para todos. E afirma que o mais gratificante no trabalho com alunos com deficiência é o amor que ela recebe diariamente de todos.

No que diz respeito à Educação Física, ela acredita que os alunos com deficiência são incluídos às atividades e que o profissional de Educação Física desempenha um papel fundamental e benéfico na inclusão escolar. Isso se reflete no avanço cognitivo, emocional, motor e social dos alunos, bem como na promoção da aceitação, aprimoramento da coordenação motora, prevenção de doenças e promoção da inclusão social. Destaca que este, deve ser um profissional qualificado para buscar recursos e metodologias dentro do seu componente, além da formação continuada.

Da mesma forma que a outra professora de apoio entrevistada, ela também



abordou o PDI, destacando sua importância na escola. Segundo ela, o PDI é uma ferramenta essencial usada diariamente no trabalho com os alunos do público-alvo da educação especial. Ela ressaltou que cada aluno possui um plano individualizado, elaborado de acordo com suas necessidades específicas, considerando suas dificuldades, habilidades existentes e áreas que precisam ser desenvolvidas. Ela concluiu, enfatizando que a elaboração do PDI é uma atividade colaborativa realizada em equipe.

O vice-diretor da escola e professor de Educação Física na instituição também participou da entrevista, abordando questões relacionadas à educação inclusiva na Escola Estadual Benedito Valadares. Completando 22 anos de trabalho na escola até meados de 2024, ele demonstra um longo histórico de dedicação à instituição, iniciando antes mesmo de sua consolidação como referência em educação inclusiva. Assumindo o cargo de vice-diretor há quase 9 anos, encerrará suas funções administrativas neste ano. Neste período ficou afastado da sala de aula nesta instituição.

Em relação à sua formação acadêmica, ele obteve licenciatura e bacharelado em Educação Física, além de possuir especialização em gestão escolar e educação inclusiva.

Como educador, ele já teve experiência no atendimento de diversos tipos de deficiências, incluindo deficiência visual, cognitiva, física e paralisia. Não trabalhou apenas com alunos com deficiência auditiva.

Para ele, a escola, na verdade, ainda apresenta algumas barreiras. No entanto, a acessibilidade foi incorporada durante a reforma realizada cerca de cinco anos atrás. Foi durante essa reforma que ocorreu uma transformação na infraestrutura física da escola, incluindo a instalação de rampas de acesso tanto para o pátio quanto para o refeitório, além de outras áreas da biblioteca e da entrada da escola. Os banheiros também foram construídos ou adaptados para atender às necessidades dos alunos com deficiência.

Sendo professor e atualmente também vice-diretor, ele destaca que o gestor tem a responsabilidade de encorajar e reduzir o medo e a resistência daqueles que estão assumindo a tarefa de trabalhar com educação inclusiva, especialmente em um contexto inicial onde as fontes de conhecimento podem ser limitadas. Portanto, o papel da gestão escolar é motivar, persistir e esforçar-se para desenvolver uma



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

mentalidade inclusiva dentro do grupo de profissionais, mesmo diante de desafios. Desafios estes, muitas vezes, relacionados à falta de conhecimento ou insegurança e falta de informação para buscar esse conhecimento. Ele enfatiza que o governo direciona recursos financeiros que são consideravelmente inferiores ao que seria necessário investir. Esses investimentos são, muitas vezes, realizados em larga escala, como parte de um pacote geral, e por vezes não há garantias de que o conhecimento adquirido esteja sendo efetivamente absorvido pelos profissionais. O sistema de ensino atualmente tende a priorizar metas numéricas em detrimento das situações individuais, o que pode dificultar a capacidade dos profissionais de se aprofundarem no conhecimento devido às demandas do próprio sistema.

O docente observa ainda que as barreiras também podem estar relacionadas à infraestrutura. Na Escola Benedito Valadares foram realizadas reformas, no entanto, de modo geral, tanto nas demais escolas quanto em outras instituições, ainda não foram alcançados níveis de satisfação estrutural em larga escala que elimine completamente as falhas perceptíveis.

De acordo com o professor, a gestão da Escola Estadual Benedito Valadares adota uma abordagem de trabalho coletivo para lidar com esses desafios, que ele descreve como um "trabalho de formiguinha". No qual, funcionários, tanto aqueles que lidam diretamente com os alunos fora das atividades de sala de aula quanto os professores durante as aulas, colaboram entre si. Eles oferecem apoio mútuo, com alguns contribuindo para melhorar a acessibilidade, enquanto outros compartilham experiências relacionadas ao trabalho em sala de aula e métodos de ensino. Segundo ele, no início, houve uma contribuição significativa de professores que vieram das APAEs, quando houve uma redução no quadro de funcionários dessas instituições. Esses professores do Estado retornaram para a escola, o que foi considerado uma grande ajuda. Eles trouxeram consigo uma riqueza de experiência e conhecimento, os quais compartilharam com os outros membros da equipe. Isso incentivou aqueles que estavam recebendo essas informações a buscarem mais conhecimento, promovendo a troca de ideias e a melhoria do trabalho. O professor acredita que somente dessa forma é possível avançar.

Quanto às práticas pedagógicas que o então vice-diretor da escola considera exitosas em relação à educação inclusiva da Escola Estadual Benedito Valadares, ele aponta que tem dificuldade em distinguir uma prática pedagógica da



educação inclusiva sem que esteja ligada diretamente à prática da educação regular. Isso ocorre porque as práticas pedagógicas realizadas na instituição, como projetos e eventos escolares, não são separadas dos alunos da educação especial. Talvez a única exceção seja na sala de recursos, onde os professores desenvolvem atividades como oficinas de culinária e artes. No entanto, nas demais áreas, como soletração em português e em inglês, nos jogos escolares em Educação Física, e em outros projetos como xadrez e dança apresentados pela escola em eventos como desfiles, todas essas práticas não são segregadas entre os grupos especial e regular. Portanto, todas as práticas realizadas com o grupo regular são igualmente eficazes para a educação inclusiva, já que esta última não é separada, mas sim integrada.

Para o professor entrevistado, inclusão no ambiente escolar, embora ainda em processo de desenvolvimento, possui potencial para crescer e melhorar ainda mais. No âmbito escolar, inclusão vai além de apenas estar presente na escola; significa participar ativamente, ter acesso a oportunidades e ser incentivado a experimentar novas experiências. Isso é válido tanto para os alunos que estão sendo incluídos quanto para aqueles que os cercam e auxiliam nesse processo, de forma a tornar a inclusão o mais natural possível. Ele acredita, portanto, que a inclusão no ambiente escolar deve buscar ser tão natural quanto possível, tanto para aqueles que estão sendo incluídos quanto para aqueles que estão facilitando a inclusão.

Para ele, a descoberta de novos limites ou o rompimento de várias barreiras e o crescimento do aluno, é o mais gratificante no trabalho com alunos com deficiência. Ele aponta que para os alunos da educação especial, mesmo o menor progresso possível pode desencadear um significativo avanço no seu desenvolvimento. À medida que crescem, passam a demandar mais e mais, ampliando constantemente os limites percebidos. Esse processo parece interminável, pois estão sempre buscando ultrapassar os limites antigos e descobrir novos ou potenciais.

Quanto à importância do profissional de Educação Física para a inclusão no contexto escolar, ele aponta que pode soar tendencioso, por ele ser da área, mas para ele o profissional de Educação Física desempenha um papel fundamental no trabalho de inclusão, pois é aquele que lida diretamente com o corpo e a mente. Desta forma, destaca que a inclusão é uma abordagem global. Não é possível



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

realizar atividades puramente cognitivas e afirmar que os alunos estão sendo incluídos, assim como atividades exclusivamente físicas não garantem inclusão. A Educação Física aborda essa integração global, onde o físico, o cognitivo e o mental se inter-relacionam. Para ele, durante as atividades de Educação Física, são vários estados de espírito, e isso é importantíssimo. Talvez seja a disciplina onde a integração natural do corpo e da mente seja mais evidente. Portanto, o professor de Educação Física desempenha um papel crucial, pois tem a capacidade de trabalhar com essa ferramenta da melhor maneira possível, promovendo a inclusão dos alunos.

Sobre a importância da formação do licenciado em Educação Física no âmbito das ações afirmativas, ele aponta que como está sendo falado em formação, é o profissional tornar-se um sujeito crítico, um sujeito que interfira na sua formação dentro da faculdade e que leve para dentro dos cursos toda a problemática que ele percebe em situações práticas no cotidiano, que, muitas vezes, foram vivenciadas fora do ambiente acadêmico, seja através da prática de atividades físicas ou do contato com alunos de Educação Física. Essas experiências, geralmente, envolvem interações coletivas, proporcionando ao licenciado *feedback* de diferentes pessoas, comunidades e contextos. Na formação acadêmica em licenciatura, é fundamental que o licenciado seja uma pessoa crítica, capaz de interagir, opinar, modificar, debater e estimular pesquisas e discussões, a fim de aprimorar continuamente sua formação, especialmente em um mundo onde as correntes de pesquisa e estudo são cada vez mais globalizadas e dinâmicas. Atualmente, temas como inclusão são objeto de ampla discussão, algo que não ocorria em tempos passados, por exemplo. O professor enfatiza que há aproximadamente vinte e cinco anos, o tema da educação inclusiva não era sequer mencionado; tratava-se de Educação Física especial, e a disciplina era opcional. Tais conceitos não são mais tolerados atualmente, e o profissional em formação deve ser participativo, levando questões para o debate, reconhecendo que não são apenas os livros ou artigos que devem prevalecer.

Ele concorda sobre a importância da formação continuada, pois se ele tivesse estudado apenas na faculdade não teria conhecimento sobre temas da educação inclusiva. Segundo o professor, na verdade, na educação inclusiva atual, quando se trata de melhorias, é certo que os desafios e a necessidade de mais



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

conhecimento que são discutidos hoje provavelmente serão discutidos daqui a cinco, dez, quinze, vinte anos. Isso indica que o conhecimento nessa área nunca estará totalmente consolidado, pois novas situações e pesquisas continuarão surgindo. Um exemplo disso é o autismo, que antigamente tinha uma caracterização específica, mas agora apresenta uma ampla gama de características, com cada aluno autista sendo único. Isso demonstra que o conhecimento nessa área está em constante evolução. Além disso, as circunstâncias evoluem de acordo com o desenvolvimento contínuo do cérebro humano, o qual está sempre em processo de evolução.

O professor de Educação Física e vice-diretor da Escola Estadual Benedito Valadares, conclui sua participação na pesquisa acrescentando que, talvez de maneira utópica, dependendo da perspectiva, ele gostaria que o termo educação inclusiva poderia eventualmente deixar de existir. Não porque a inclusão na educação deixaria de existir, mas porque ela se tornaria algo natural e comum. Em um futuro próximo, seria ideal que ninguém visse o outro como "diferente" em termos de deficiência. Enfatiza que obviamente todos são diferentes de alguma forma. Assim, esse termo se tornaria obsoleto, pois ainda hoje, quando se fala sobre educação inclusiva, subjetivamente, há uma conotação de que alguém está excluído. Quando a educação inclusiva se tornar um termo em desuso será um sinal de que todos estão no mesmo patamar, cada um com suas habilidades, independentemente de deficiências. Certamente, em alguns casos, serão necessárias ferramentas e recursos de acessibilidade diferenciados, mas as oportunidades devem ser as mesmas para todos.

As entrevistas prosseguiram com a docente responsável pela disciplina de Educação Física nos primeiros anos do Ensino Fundamental da Escola Estadual Benedito Valadares. A professora pesquisada trabalha na instituição desde 2013, e a escola já era referência em educação inclusiva na região.

Segundo a professora, os estudantes que ela ensina têm idades compreendidas entre 6 e 10 anos, já que ela leciona do primeiro ao quinto ano. Atualmente, ela tem 14 alunos com deficiência, abrangendo deficiência física, mental e alguns casos de autismo. De acordo com a professora, eles são bem ativos em suas aulas, participando normalmente.

Em relação às adaptações, ela ajusta as regras, conduz o jogo em um ritmo mais tranquilo, fornecendo também explicações individuais e detalhadas, estando



constantemente atenta para fazer novas adaptações, caso necessário.

A professora destacou que durante a reforma pela qual a escola passou, várias mudanças foram implementadas. Isso incluiu a instalação de rampas de acesso, um banheiro adaptado, placas de identificação para todas as salas, diversificação do material didático, disponibilidade de computadores acessíveis e, o que ela considera mais crucial em termos de acessibilidade, que é todo mundo abraçando essa causa com muito amor, seja por parte dos funcionários, dos alunos ou dos pais. Segundo ela, esse apoio faz uma diferença significativa e contribui para que os alunos com deficiência se sintam integrados e acolhidos no ambiente escolar. Ela apontou também que a quadra da escola é acessível, mas que infelizmente ainda faltam materiais adaptados. E que quando faltam recursos, ela compra ou faz adaptações do material e da atividade.

Na ocasião, a professora compartilhou uma experiência pessoal envolvendo sua sobrinha, que havia frequentado duas escolas antes de se matricular na Benedito Valadares. Nessas instituições, tanto a sobrinha quanto sua mãe (irmã da professora entrevistada) enfrentaram dificuldades consideráveis, pois a sobrinha não era bem acolhida. As razões específicas para isso não foram totalmente esclarecidas, podendo ser atribuídas à falta de preparo ou a outros motivos. No entanto, após a transferência para a Escola Benedito Valadares, houve uma mudança notável. Tanto a estudante quanto sua mãe se sentiram acolhidas, percebendo uma clara diferença em relação às experiências anteriores. Esse acolhimento foi por parte não apenas dos funcionários, mas também dos colegas de classe. Assim, a Escola Benedito Valadares teve um impacto significativo na vida da sobrinha da professora e de toda a sua família.

A professora observou que os demais alunos incluem os alunos com deficiência em suas aulas. Ela ressaltou que eles demonstram paciência e reagem tranquilamente sempre que é necessário agir de forma diferenciada. Para ela, é encantador ver a forma com que eles tratam esses alunos.

Quando questionada se ela considerava que os professores de apoio são essenciais para uma Educação Física inclusiva, a resposta foi sim. No entanto, ressaltou a importância da participação ativa desses profissionais, pois muitas vezes eles estão presentes, mas não dão o apoio necessário para o aluno. Em algumas ocasiões, eles até mesmo se abstêm de participar da aula de Educação Física,



permanecendo na sala enquanto ela ocorre na quadra. Para ela, ambas as situações demandam maior atenção: tanto a ausência quanto a presença sem o devido apoio ao aluno durante a atividade.

Para a professora de Educação Física, os maiores obstáculos ou dificuldades no que diz respeito à inclusão educacional durante as aulas de Educação Física estão ligados à infraestrutura física e aos recursos materiais, especialmente devido à escassez dos materiais, visto que a Escola estudada possui rampas e outras medidas de acessibilidade.

Salientou também que, apesar de a escola adotar uma postura inclusiva, esse aspecto requer uma atenção adicional, uma vez que a disciplina de Educação Física em algumas ocasiões, não é tratada com a prioridade necessária. Ela acredita que essa é uma lacuna que merece mais atenção, pois a inclusão deve ser uma preocupação constante em todas as disciplinas. Como uma iniciativa bem-sucedida, ela enfatizou a elaboração conjunta do PDI como uma maneira de oferecer suporte aos professores.

A professora descreveu a inclusão na Educação Física escolar como aquela que visa envolver todos os alunos na atividade, independentemente de suas necessidades individuais, fraquezas ou requisitos específicos, garantindo a participação ativa de todos.

Ela concluiu afirmando que a maior recompensa ao trabalhar com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física é testemunhar a felicidade estampada em seus rostos quando conseguem participar das atividades ou realizam tarefas que antes eram desafiadoras ou inacessíveis para eles.

4.5 Intersecção dos discursos

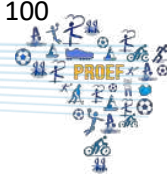
Todos os entrevistados ressaltaram práticas inclusivas bem-sucedidas na Escola Estadual Benedito Valadares. Para a maioria, as estratégias pedagógicas e projetos adotados na educação regular, como o tabuando, o Soletrando de Língua Portuguesa e Inglesa, o Xadrez Humano, a participação em eventos escolares e esportivos são inclusivos, uma vez que envolvem ativamente os alunos com deficiência. Além disso, a atitude inclusiva é mencionada por todos, destacando que professores, alunos e demais funcionários acolhem a todos sem distinção.



A acessibilidade física e o apoio da gestão também foram destacados pelos participantes como um sucesso na instituição. O PDI construído coletivamente também foi apontado por todos como um instrumento de conhecimento do aluno. Os voluntários da pesquisa também destacam o papel fundamental da Educação Física e da formação do licenciado em Educação Física no contexto da inclusão. Na tabela a seguir, foram destacadas as falas mais marcantes de cada pessoa entrevistada.

TABELA 1

SUJEITOS DA PESQUISA	FALAS MAIS MARCANTES
Diretora	<p>“As professoras de apoio são fundamentais para todo o trabalho de inclusão desenvolvido na escola. Ela é o elo, vamos dizer que ela é o suporte do professor regente.”</p> <p>“A gente tem que trabalhar muito nessa perspectiva de tornar esse aluno autônomo.”</p> <p>“Existem duas escolas Benedito, antes da inclusão e após a inclusão.”</p> <p>“A gente cria recurso. A gente não espera. Porque se você esperar, você vai ficar dependendo do outro o tempo todo da vontade do outro, a vontade tem que vir da gente. É algo interior, vai muito além do externo, é de dentro, a inclusão é de dentro pra fora, a inclusão ela não ocorre de fora pra dentro, é de dentro pra fora. E aí, eu falo que ela é contagiante também, né?”</p> <p>“Não é porque nós temos 20 alunos autistas que nós sabemos trabalhar com aluno autista. Não é porque a Escola Benedito realiza inclusão há mais de dez anos, que a gente sabe fazer inclusão, porque ela se faz no dia a dia.”</p> <p>“[...] escola vai muito além de ler, escrever, somar, subtrair, multiplicar. Escola é vida.”</p> <p>“A escola é inclusiva quando ela pensa no outro, não só no especial, mas no outro de forma global.”</p> <p>“Ela (a escola) não inclui somente porque ela tem o especial, ela inclui porque ela tem a</p>



	<p>acessibilidade diferenciado. Mas que as oportunidades sejam as mesmas para todos.”</p>
Professora de EFI dos anos iniciais	<p>Definição de inclusão na Educação Física Escolar: “É aquela que tem o objetivo de incluir todos os alunos na atividade, independente das suas necessidades individuais, independente das suas fragilidades, das suas necessidades, é fazer com que todos participem ativamente.”</p> <p>“O mais gratificante é você ver a alegria no rosto deles, quando eles conseguem participar da atividade, não só junto com a turma, mas em atividades que eles tinham dificuldade ou que, às vezes, eles não conseguiam realizar, e eles passam a realizar. Então, a alegria é tão grande, eles ficam tão eufóricos, que aquilo ali não tem nada que pague. Então, para mim, a melhor coisa é ver essa alegria exposta no rosto deles.”</p>
Professora de apoio 1	<p>“O desafio maior é conhecer esse aluno.”</p> <p>“A gente pode falar que toda a prática que tem aqui, ela é exitosa em relação ao aluno público de educação especial, eles estão presente em todos os nossos projetos.”</p> <p>“A inclusão acontece desde o momento da chegada.”</p> <p>“[...] a gente trabalha em uma escola que realmente é inclusiva. [...] às vezes, as pessoas não acreditam que essa inclusão aconteça. É fácil? Não é fácil, mas a gente trata com tanta naturalidade que as coisas têm acontecido durante esses anos. Às vezes, a gente conta, eu já até parei de contar, porque, às vezes, você conta ninguém acredita em outra cidade, em outro estado, não acredita que isso aconteça aqui. E nós temos inúmeros casos de pais que trouxeram e que pode contar pra quem quiser, que aqui funciona.”</p>
Professora de apoio 2	<p>Definição de inclusão no ambiente Escolar: “É incluir, é integrar, sem exceção. Transformar todo o ambiente educacional acessível e de</p>



	<p>qualidade para todos.”</p> <p>“[...] o PDI é um instrumento que a gente utiliza diariamente para estar trabalhando com os alunos, público-alvo da educação especial, que é o plano de desenvolvimento individual. Cada aluno tem o seu plano, é trabalhado de acordo com as necessidades de cada aluno. As dificuldades, o que o aluno sabe, o que ele precisa aprender. Então, esse PDI é feito e elaborado em equipe. É um projeto que a gente faz também, é uma prática que a gente desenvolve em equipe, de acordo com a necessidade de cada um.”</p>
--	--

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

4.6 Autonarrativa docente: Minha jornada na Docência na Escola Estadual Benedito Valadares

Como mencionado na introdução deste trabalho, desde tenra idade, meu coração ansiava por aprender e compartilhar conhecimento. Minha jornada na docência começou como um sonho, ganhando vida quando entrei na Escola Estadual Benedito Valadares pela primeira vez como professora. No ano anterior, já tinha lecionado, mas a experiência tinha sido bem diferente da minha atual vivência.

Ao me deparar com inúmeros alunos com deficiência, houve momentos de inquietação que me fizeram questionar a minha capacidade, mas havia também a esperança em fazer a diferença na vida daqueles e dos demais alunos.

Desde 2017 trabalho na Escola Estadual Benedito Valadares com os anos finais do Ensino Fundamental. A escola já era referência em inclusão e já tinha passado pelas reformas. Já trabalhei também com turmas de 1º e 5º dos anos iniciais e também com atividades integradoras da Educação Integral como Esporte e Recreação, Estudos Orientados e atualmente com Cultura Corporal de Movimento.

Desde que entrei na Instituição tenho alunos com deficiência. Neste ano tenho 21 alunos com laudo, entre eles: um aluno com Síndrome de Down, alunos com deficiência intelectual e, na maioria, alunos autistas. Já tive alunos cadeirantes, com paralisia cerebral, esquizofrênicos, deficientes visuais e um aluno com deficiência auditiva em outra instituição. Todos esses alunos tem o PDI. Há outros



alunos com déficit em aprendizagem, Daltonismo, TDAH ou TOD (Transtorno desafiador opositor). Esses não são público alvo da Educação Especial, mas têm o PIP quando necessário.

Os alunos com deficiência participam das aulas de Educação Física e são ajudados pelos colegas quando necessitam, além de terem as adaptações necessárias nas atividades. Na maioria das vezes são mudanças simples que não dependem muito de materiais adaptados, como: maior tempo para realização, menor percurso, troca de materiais, como por exemplo a utilização de formas ao invés de cores em algumas atividades para o aluno daltônico ou utilização de sons no caso da aluna com deficiência visual. Em casos de alunos com paralisia, eles são incluídos com o auxílio de seus professores de apoio.

Atitudes que para nós, muitas vezes, podem ser simples, mas que para eles fazem total diferença, não apenas na aula, mas na vida. Pequenos gestos, como ouvir os alunos e entender seus anseios, são essenciais. Buscar sua inclusão e seu aprendizado, eliminando qualquer forma de *bullying* e concedendo-lhes o direito de ter suas singularidades respeitadas. Fomentar sua socialização e vínculos por meio do apoio dos colegas e de uma aprendizagem cooperativa. Proporcionar a esses alunos o sentimento de pertencimento a esse grupo.

Nem sempre consigo estimular todos eles, neste ano tenho um aluno que ainda não realiza as atividades, devido seu comprometimento, ele não fica muito tempo no local e não interage com os colegas. Os demais alunos agem com paciência ajudando sempre que necessário. Já aconteceram pouquíssimos casos de alunos agindo com algum tipo de preconceito, e sempre que ocorreram, agi no momento buscando conscientizar, e, geralmente, não é necessária outra intervenção. Os colegas também intervêm se algo ocorrer.

Nas aulas de Educação Física, os professores de apoio são fundamentais, principalmente nos casos de deficiência física, em que o aluno precisa de auxílio para se locomover. Nos demais casos, a maioria dos alunos possuem autonomia e não necessitam de auxílio nas atividades práticas.

A escola é totalmente adaptada aos alunos, desde o banheiro até o acesso a todos os locais através de rampas, inclusive para a quadra. São inúmeras práticas exitosas na Educação Inclusiva na Escola Estadual Benedito Valadares, considero a maior delas o acolhimento aos alunos e a vontade de querer incluí-los. Os alunos



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

têm suas necessidades atendidas, seja através de livros em Braille, materiais concretos, atividades adaptadas e também suplementares na sala de recursos e professores regentes e de apoio capacitados. Acredito que o PDI é um grande instrumento para a inclusão na escola, visto que contém inúmeras informações importantes sobre o aluno. A participação dos estudantes com deficiência em todas as atividades também é um diferencial. Além disso, o modelo mental da instituição em que todo corpo docente e discente inclui a todos sem distinção. A gestão escolar também está sempre pronta a atender os professores e auxiliá-los nos desafios.

No entanto, o percurso não é isento de dificuldades. Enfrentei obstáculos que me fizeram questionar a minha dedicação. Todos os anos nos deparamos com novos alunos, com deficiências diferentes. O processo de entendê-los e de aproximá-los das aulas é demorado. Nas aulas de Educação Física também, às vezes, há professores de apoio que não auxiliam muito, por acharem que é apenas um momento de lazer/ descontração. Há famílias que também acabam influenciando negativamente, por superproteção ou por não entenderem que a Educação Física é uma disciplina tão importante quanto as demais. Durante um tempo, eu também me questionava se os alunos com deficiência estavam plenamente incluídos, se estavam se desenvolvendo ao máximo e compreendendo o que era ensinado. Durante minha formação também identifiquei lacunas. Na minha opinião, apenas a disciplina de Educação Física Adaptada não é suficiente para preparar-nos para lidar com alunos com deficiência. Estou segura de que todas as disciplinas deveriam incorporar essa perspectiva, garantindo, assim, uma abordagem integral no currículo e, conseqüentemente, na nossa futura atuação, evitando fragmentações.

No entanto, cada desafio foi uma oportunidade de crescimento, de encontrar novas maneiras de superar as barreiras e nutrir o meu potencial e dos meus alunos. Com o tempo, aprendi que a chave não estava apenas no conteúdo, mas na conexão humana. Cada aluno tinha sua história, seus sonhos e suas dificuldades. Descobri que ouvir atentamente, entender suas perspectivas e oferecer apoio não só os ajudava a aprender, mas também criava um ambiente de confiança e respeito mútuo.

Apesar de não lecionar por tantos anos, tenho testemunhado o poder transformador da educação, em especial na vida de alunos com deficiência incluídos em turmas regulares. Vi alunos tímidos ganharem confiança ao conseguirem superar



desafios e alcancem seus objetivos.

Ao olhar para trás, vejo uma jornada marcada pelo meu crescimento pessoal e profissional. Hoje, eu percebo que a inclusão vai além de ensinar. Incluir é o processo de garantir que todas as pessoas tenham acesso igualitário a oportunidades, recursos e participação na sociedade. A inclusão busca promover o respeito pela diversidade, valorizando as diferenças individuais e criando ambientes onde todos se sintam bem-vindos, respeitados e valorizados. E é muito gratificante ver isso acontecendo na Escola Estadual Benedito Valadares, e ver que isso se expande ao saírem de lá. Seja no trabalho que eles conquistam, seja na realização pessoal na vida dessas pessoas ou no sorriso no rosto, devolvido muitas vezes após um longo período de exclusão.

Como parte da minha experiência docente compartilho a seguir duas unidades didáticas e alguns planos de aulas elaborados que tenho desenvolvido com meus alunos.

4.6.1 Práticas inclusivas exitosas no campo da Educação Física Escolar: uma experiência compartilhada

As unidades didáticas escolhidas, focadas em jogos, brincadeiras e esportes, foram selecionadas para demonstrar que práticas tradicionalmente vistas como competitivas podem ser transformadas em experiências inclusivas e colaborativas. Por meio dessas atividades, busca-se ensinar aos alunos a importância da convivência harmoniosa, do respeito às diferenças e da valorização da participação de todos, independentemente do resultado final. Além disso, essas práticas incentivam os alunos a compreenderem as necessidades dos colegas, promovendo um ambiente de aprendizado onde o desenvolvimento social e emocional é priorizado sobre a simples vitória.

O objetivo das atividades é promover o desenvolvimento integral dos indivíduos, valorizando a prática consciente e crítica das atividades físicas, esportivas e de jogos. Através dessa perspectiva, busca-se não apenas o aprimoramento das habilidades motoras, mas também a formação de sujeitos capazes de compreender, valorizar e participar ativamente da cultura corporal, reconhecendo sua importância na construção de um estilo de vida saudável,



inclusivo e socialmente responsável. Além disso, trabalhar os princípios básicos dos conteúdos abordados.

Tema I- Unidade Didática: Brincadeiras e Jogos

Introdução

A inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, frequentemente, exige apenas pequenas adaptações que podem não depender necessariamente de materiais específicos. Embora a acessibilidade ao local e materiais como a bola de guizo, por exemplo, sejam muito úteis para alunos com deficiência visual, a acessibilidade atitudinal também é fundamental. Isso pode incluir conceder mais tempo para a execução das atividades, reduzir a distância a ser percorrida, auxiliar o aluno na locomoção, colocar colegas para ajudá-los ou integrá-los com o apoio dos professores de apoio. Essas alternativas permitem que os alunos com deficiência participem ativamente das aulas, compreendendo o papel da cultura corporal.

A unidade temática Brincadeiras e Jogos, presente na Base Nacional Comum Curricular de Educação Física pode ser uma maneira eficaz de engajar os alunos, promovendo habilidades motoras, cooperação, inclusão e diversão, além de conhecimentos sobre a cultura. Aqui estão três exemplos de planos de aula de brincadeiras que realizei com meus alunos, e que adaptei de acordo com a necessidade de algum aluno presente. Apesar de serem jogos competitivos, a cooperação é estimulada a todo tempo, assim como o ensinamento de que nem sempre ganhamos. Esses planos de aula podem ser ajustados conforme necessário para atender às necessidades específicas dos alunos e garantir que todos possam participar ativamente.

Plano de Aula 1: Jogo da velha humano (adaptado)
Materiais: Cones de duas cores, ou cones e chapéus chinês.
Atividade:
Explicação do Jogo:
<ul style="list-style-type: none"> A atividade foi relacionada ao jogo da velha tradicional, em que se usa um papel e canetas, e que o primeiro jogador a alinhar três de seus símbolos (X ou O) horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente em um tabuleiro de



3x3, ganha a partida. No entanto, nesta atividade, são formadas duas filas que competirão entre si.
Atividade principal:
<ul style="list-style-type: none"> • Divida os alunos em duas equipes.
<ul style="list-style-type: none"> • Cada fila receberá cones de uma cor. Ao sinal do professor, um aluno de cada fila corre e coloca o cone no jogo da velha gigante, desenhado no chão à uma distância dos alunos. Ao retornar, bate na mão do colega que deve repetir o mesmo processo. Ganha a fila que conseguir colocar cones da mesma cor horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente.
<ul style="list-style-type: none"> • Realize várias rodadas.
Encerramento:
<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre o que aprenderam, como podem trabalhar melhor em equipe e como adaptar a atividade às necessidades de todos.
Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Criei em minhas aulas outra adaptação em virtude de um aluno com Daltonismo. Ao invés de utilizar cores diferentes, utilizei formas (cone x chapéu chinês). Além disso, alguns alunos precisam de mais tempo para a realização da corrida. Sendo assim, o colega da outra fila, espera que ele chegue para sair. Alunos cadeirantes precisam de auxílio na locomoção com a cadeira e para colocarem o cone no local que desejam.

Plano de Aula 2: Adedanha corrida (adaptada)
Materiais: Papel, caneta e cadeira.
Atividades:
Explicação do Jogo:
<ul style="list-style-type: none"> • Assim como o jogo da velha, a atividade foi relacionada à Adedanha, Adedonha ou <i>Stop</i> tradicional, em que se usa papel e caneta, e o objetivo do jogo é preencher categorias de palavras começando com uma determinada letra dentro de um tempo limite. Nesta atividade, também são formadas duas filas que competirão entre si.
Atividade principal:
<ul style="list-style-type: none"> • Divida os alunos em duas equipes;
<ul style="list-style-type: none"> • O professor escolherá uma letra e ao seu sinal, um aluno de cada fila



<p>corre em direção ao seu colega que estará anotando as respostas e fala um dos itens com a letra indicada, retornando à sua equipe para que o próximo colega faça o mesmo. Em cada rodada ganha a fila que terminar todos os itens primeiro;</p>
<ul style="list-style-type: none"> • As categorias podem variar. Em minhas aulas utilizo: Nome, Animal, Cor, CEP (cidade, estado ou país), Comida, Profissão, Objeto, NFDS (novela, filme, desenho, série) e Esporte;
<ul style="list-style-type: none"> • Realize várias rodadas.
<p>Encerramento:</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre o que aprenderam, como podem melhorar e como podem adaptar a atividade às necessidades de todos.
<p>Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Assim como na atividade anterior, alguns alunos precisam de mais tempo para a realização da corrida. Sendo assim, o colega da outra fila, espera que ele chegue para sair. Alunos com deficiência intelectual são acompanhados por outro colega, assim como alunos com deficiência visual, para que se sintam seguros na locomoção. Alunos com deficiência visual participavam ainda anotando as respostas da equipe (em Braille). Alunos cadeirantes participam com o auxílio de colegas ou do professor de apoio. Alunos que por questões de saúde estejam impossibilitados de correr, podem optar por fazer as anotações da equipe.</p>

<p>Plano de Aula 3: Queimada (adaptada)</p>
<p>Materiais: Uma bola macia.</p>
<p>Atividades:</p>
<p>Explicação do Jogo:</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Explique as regras básicas da queimada;
<ul style="list-style-type: none"> • Destaque a importância de jogar de forma segura e respeitosa.
<p>Atividade principal:</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Divida a turma em duas equipes;
<ul style="list-style-type: none"> • Adapte as regras para incluir todos, como permitir mais tempo para lançar a bola ou usar uma bola mais leve;
<ul style="list-style-type: none"> • Enfatize a comunicação e a cooperação entre os jogadores.
<p>Encerramento:</p>



- Discussão sobre as estratégias usadas e como se sentiram durante o jogo. Além da reflexão sobre a importância da inclusão.

Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Estimular que alunos mais ágeis passem a bola para alunos com menos habilidade. Esperar o tempo do colega e ajudá-lo a atingir o objetivo do jogo que é queimar o adversário ao mesmo tempo que se esquivam de ser queimado. Alunos com paralisia cerebral participavam em minhas aulas com meu auxílio ou de colegas e professor de apoio tanto para se esquivarem da bola quanto para tentarem queimar ou para passarem a bola. No caso de alunos com deficiência visual, os alunos do time adversário batiam palmas para que com a percepção auditiva o colega soubesse onde jogar a bola (sugestão de uma aluna com deficiência visual), além de ser auxiliado no momento em que a bola estava com a outra equipe.

Tema II- Unidade temática: Esportes

A prática de esportes na Educação Física Escolar é essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Além dos benefícios físicos, os esportes promovem o desenvolvimento emocional, social e cognitivo, e são uma poderosa ferramenta para a inclusão e a valorização da diversidade. Por meio dos esportes, os alunos aprendem importantes lições de vida que os acompanham além do ambiente escolar, contribuindo para a formação de indivíduos mais saudáveis, confiantes e respeitosos. A BNCC traz a classificação dos esportes em: marca, precisão, campo e taco, rede/parede, invasão ou territorial, técnico-combinatório e combate. Sendo assim, trago exemplos de aulas de esporte de invasão, de rede, de marca e de precisão. Estes planos de aula adaptados de esportes visam proporcionar uma experiência inclusiva e enriquecedora, introduzindo os fundamentos do esporte de forma adaptada para atender às necessidades de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou limitações promovendo além da inclusão o desenvolvimento das habilidades motoras e sociais dos alunos. Lembrando que cada necessidade é única, sendo assim, adapte conforme necessário e incentivem sempre a cooperação.

Plano de Aula 1: Esporte de invasão- Handebol (adaptado)

Materiais: Bola leve.



Atividades:
Explicação do Jogo dos 7 passes:
<ul style="list-style-type: none"> • Explique brevemente as regras básicas do handebol adaptado; • Demonstre os principais fundamentos: passe e recepção; • Ressalte a importância do trabalho em equipe e da cooperação.
Atividade principal:
<ul style="list-style-type: none"> • O "Jogo dos 7 Passes" é uma brincadeira popular que trabalha fundamentos do handebol onde os participantes se espalham na quadra e passam uma bola entre si, com o objetivo de completar sete passes consecutivos sem deixá-la tocar no chão (exceto no passe quicado). Utiliza-se uma bola leve, como de borracha; • Os jogadores são divididos em duas equipes e devem se movimentar, passando a bola rapidamente (menos de 3 segundos) para evitar que os adversários a alcancem. A contagem dos passes é feita em voz alta, e se o grupo conseguir completar os sete passes, ele ganha um ponto.
Encerramento:
<ul style="list-style-type: none"> • Conduza uma discussão sobre a experiência do jogo e sobre os fundamentos do esporte trabalhado; • Incentive os alunos a compartilharem o que aprenderam e como se sentiram durante a aula; • Destaque os pontos positivos, como a participação ativa de todos e a melhoria nas habilidades do handebol adaptado.
Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Para alunos com deficiência física, é recomendado o uso de bolas mais leves e macias para facilitar sua manipulação. Alunos cadeirantes necessitam de auxílio na locomoção durante a atividade, seja do professor ou colegas. Ajustes na distância de passe devem ser feitos para atenderem às necessidades individuais. Para alunos com deficiência visual, o uso de bolas sonoras pode facilitar a localização da bola durante o jogo, no entanto, na falta de materiais adaptados, os demais colegas podem bater palmas ou sinalizar com outro som, para que o aluno saiba onde lançar a bola, além da oferta de orientação verbal durante as atividades. Outra adaptação para deficientes visuais é ele ficar em dupla. Sua dupla realiza a recepção por



segurança, e ele realiza o passe. Já para alunos com deficiência intelectual, é recomendado simplificar as instruções e regras do jogo, oferecendo suporte individualizado conforme necessário, e promover um ambiente de apoio e incentivo, valorizando as contribuições de todos os alunos. Para alunos com habilidades pouco desenvolvidas ou outra dificuldade, pode ser necessário um tempo maior para realizar o passe. Em outra experiência minha, um aluno se sentia inseguro em receber a bola diretamente, em virtude de sua fofobia, óculos e outras dificuldades visuais, sendo assim, o passe quicado era uma boa opção para ele, além de bolas com cores escuras, ao invés das claras.

Plano de Aula 2: Esporte de invasão- Futebol (adaptado)

Materiais: Bola de futebol, ou bola de guizo.

Atividades:

Explicação do Futebol de 2 ou futebol vendado:

- Demonstre e explique os fundamentos básicos do futebol, como driblar, passar e chutar.

Atividade principal:

- Divida os alunos em duas equipes de 9 alunos em cada (4 duplas e um goleiro);

- Em cada dupla, um aluno fica vendado e o outro não (exceto nos casos de alunos com deficiência visual). As duplas dão as mãos. Apenas o aluno vendado pode fazer gol. O acompanhante auxilia apenas no domínio da bola e na orientação ao colega.

Encerramento:

- Reúna os alunos e faça uma reflexão sobre o que aprenderam durante a aula. Discuta os fundamentos e regras do esporte trabalhado;

- Tente promover a sensibilização nos alunos através do que sentiram durante a prática.

Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Alunos com deficiência física, podem ser os goleiros, com auxílio ou não. Como a atividade utiliza vendas, a bola de guizo pode ser utilizada para todos e no caso de não ter, o auxílio é apenas com a orientação da dupla. Alunos com deficiência intelectual, também são



ajudados pela dupla.

Plano de Aula 3: Esporte de rede- Vôlei (adaptado)

Materiais: Bola de vôlei

Atividades:

Explicação do Câmbio sentado:

- Demonstre e explique os fundamentos básicos do Câmbio como receber a bola, realizar três passes, antes de passar a bola para o campo adversário por cima da rede.

Atividade principal:

- Divida os alunos em duas equipes e eles se sentam no chão (exceto alunos cadeirantes, que podem permanecer sentados na cadeira de rodas);

- O jogo se inicia com um aluno ajoelhado sacando a bola de vôlei. Em casos de o aluno não conseguir sacar ajoelhado, ele pode apenas passá-la por cima da rede;

- Quando a bola atravessa a rede, o aluno sentado tenta receber a bola sem deixá-la cair no chão. Não é permitido se levantar, apenas deitar na hora de receber a bola;

- Após a recepção, esse aluno passa para um colega do time, esse passa para outro que finaliza jogando a bola para o outro lado. Se a bola cair no chão, o ponto é da equipe adversária. Se o aluno passar a bola sem dar 3 passes na própria equipe também perde o ponto. O saque é realizado no mesmo local que o aluno se encontra. Ganha a equipe que completar 15 pontos.

Encerramento:

- Reúna os alunos e faça uma reflexão sobre o que aprenderam durante a aula;

- Relacione alguns fundamentos ao vôlei;

- Promova uma discussão sobre a inclusão.

Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Alunos cadeirantes podem permanecer na cadeira ao invés de se sentarem no chão. Alunos com deficiência visual ficam em duplas que recebe a bola e passa para que ele realize o passe.



Plano de Aula 4: Esporte de marca- Atletismo (adaptado)
Materiais:
<ul style="list-style-type: none"> • Bastões de revezamento (ou qualquer objeto que possa ser passado de mão em mão);
<ul style="list-style-type: none"> • Cones para marcar o percurso.
Atividades:
Explicação da Corrida de revezamento:
<ul style="list-style-type: none"> • Explique as regras do revezamento e a importância da troca do bastão.
Atividade principal:
<ul style="list-style-type: none"> • Divida os alunos em equipes de 4 alunos;
<ul style="list-style-type: none"> • Cada equipe deve completar um percurso passando o bastão entre os membros;
<ul style="list-style-type: none"> • Realize várias rodadas, podendo alterar o percurso ou adicionar obstáculos.
Encerramento:
<ul style="list-style-type: none"> • Reflexão sobre o que aprenderam e como podem melhorar;
<ul style="list-style-type: none"> • Abordar o conceito de esportes de marca e suas diferentes provas, implementando uma atividade prática que envolve um tipo de corrida focada na cooperação entre os participantes.
Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Alunos cadeirantes devem ser auxiliados pelos professores e/ou colegas em sua locomoção. Alunos com deficiência visual ou intelectual, podem realizar o percurso em dupla. Alunos com mobilidade reduzida, precisam de um tempo maior para a realização da atividade.

Plano de Aula 5: Esporte de precisão- Bocha (adaptada)
Materiais:
<ul style="list-style-type: none"> • Conjunto de bolas de bocha (incluindo bola-alvo), na ausência de bolas de bocha, pode adaptar;
<ul style="list-style-type: none"> • Cones para delimitar a área de jogo;
<ul style="list-style-type: none"> • Rampas de lançamento (se necessário para alunos com deficiência física).



Atividades:
Explicação da Bocha:
<ul style="list-style-type: none"> • Explique brevemente as regras básicas da bocha;
<ul style="list-style-type: none"> • O objetivo é lançar as bolas de forma que fiquem o mais próximo possível da bola-alvo;
<ul style="list-style-type: none"> • Cada jogador ou equipe lança uma bola por vez, alternando entre os times;
<ul style="list-style-type: none"> • Após todas as bolas serem lançadas, a equipe com a bola mais próxima da bola-alvo ganha pontos;
<ul style="list-style-type: none"> • Demonstre a técnica básica de lançamento.
Prática de Lançamento:
<ul style="list-style-type: none"> • Divida os alunos em grupos pequenos;
<ul style="list-style-type: none"> • Cada grupo pratica lançar as bolas, focando na precisão e no controle;
<ul style="list-style-type: none"> • Ofereça <i>feedback</i> individual e dicas de aprimoramento.
Jogo Adaptado:
<ul style="list-style-type: none"> • Divida a turma em equipes (2-4 alunos por equipe);
<ul style="list-style-type: none"> • Delimite a área de jogo com cones ou fitas;
<ul style="list-style-type: none"> • Se necessário, utilize rampas de lançamento para alunos com dificuldades motoras;
<ul style="list-style-type: none"> • Adapte à distância de lançamento conforme necessário para diferentes habilidades dos alunos.
Encerramento:
<ul style="list-style-type: none"> • Reúna os alunos para discutir a experiência do jogo.
<ul style="list-style-type: none"> • Explorar o esporte, abordando suas regras, técnicas e estratégias, além de esclarecer as dúvidas dos alunos para garantir um entendimento completo e prático da modalidade;
<ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar a importância de adaptar o jogo para todos os envolvidos na prática.
Adaptações para uma Educação Física Inclusiva: Para alunos com deficiência física, é recomendado o uso de rampas de lançamento para facilitar sua participação, permitindo que um assistente auxilie no posicionamento da bola e na



utilização da rampa, além de ajustar a área de jogo para acomodar cadeiras de rodas, se necessário. Rampas de acesso podem ser utilizadas. Para alunos com deficiência visual, sugere-se o uso de bolas sonoras para que possam localizar a bola pelo som, além da disponibilização de um parceiro guia para auxiliar na orientação e no lançamento, e da delimitação da área de jogo com fitas ou cordas táteis para melhor percepção espacial. Já para alunos com deficiência intelectual, é importante simplificar as regras e fornecer instruções claras e repetitivas, oferecendo *feedback* positivo e encorajamento constante, e utilizando demonstrações visuais e ajudas físicas para explicar as atividades de forma acessível.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da perspectiva apresentada neste trabalho, conclui-se que a verdadeira inclusão no ambiente escolar é muito mais do que simplesmente garantir que alunos com diferentes habilidades e características estejam presentes na sala de aula. Envolve criar um ambiente acolhedor, respeitoso e acessível, onde todos os alunos se sintam valorizados, aceitos e capazes de participar plenamente das atividades educacionais.

Isso significa reconhecer e respeitar a diversidade de habilidades, necessidades, culturas e identidades dos alunos, adaptando o currículo, os métodos de ensino e os recursos pedagógicos para atender às suas necessidades individuais. Além disso, envolve promover o respeito mútuo, a empatia e a compreensão entre todos os membros da comunidade escolar. A autêntica inclusão transcende a mera presença física na sala de aula, visando assegurar que todos os estudantes desfrutem de igualdade de acesso ao ensino, participação plena nas atividades escolares e possibilidades para alcançar seu pleno desenvolvimento. Isso demanda um compromisso constante com a equidade, a justiça social e a defesa dos direitos humanos dentro do ambiente escolar. Tenho convicção do potencial transformador da educação, direito universal.

Neste estudo, ao problematizar a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física, estabeleci como objetivo narrar ações pedagógicas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para inclusão de alunos com deficiência.

Como mencionado anteriormente, o estudo buscou também enumerar fatores que contribuem ou dificultam as práticas de ensino com alunos com deficiência na Educação Física Escolar, com o intuito de promover uma abordagem inclusiva nessa área. Além disso, procurou-se identificar as dimensões da acessibilidade no contexto escolar.

Sendo assim, perante as informações obtidas na pesquisa e através da minha própria experiência na instituição, constatei que uma abordagem inclusiva não apenas enriquece a vivência escolar dos alunos com deficiência, mas também promove um ambiente de aprendizado mais diverso e enriquecedor para todos os estudantes.



Concluí, portanto, que a Escola Estadual Benedito Valadares é uma instituição realmente inclusiva, que abraça a todos sem distinção e busca sempre incluir os alunos com deficiência em todos os projetos da instituição, tornando-os autônomos e sujeitos de sua própria história. Além da acessibilidade atitudinal, a instituição oferece acessibilidade física, permitindo que seus alunos usufruam de cada parte da escola. Como apontado pelos docentes entrevistados, os alunos com deficiência participam de todas as atividades regulares e eventos da escola e também têm acesso a atividades suplementares na sala de recursos. Além disso, quando necessário, contam com o auxílio dos professores de apoio e de materiais adaptados às suas necessidades. Os participantes também ressaltaram o apoio da gestão como fatores de sucesso na instituição. Todos apontaram o PDI, elaborado coletivamente, como um importante instrumento para o conhecimento dos alunos. Estes planos, elaborados coletivamente com a participação ativa de professores, equipe pedagógica e familiares, permitem que as necessidades individuais dos alunos sejam atendidas de maneira eficaz.

Ou seja, no âmbito comunicacional, a escola elimina obstáculos na comunicação, garantindo que todos possam se expressar e ser compreendidos, independentemente de suas necessidades. Metodologicamente, os métodos de ensino, trabalho e lazer são adaptados para atender a todos, respeitando as diferentes formas de aprendizado e participação. Quanto à acessibilidade instrumental, os recursos utilizados na escola são acessíveis e adaptados, permitindo que todos os alunos e funcionários possam utilizá-los de forma plena. Por fim, a escola se alinha às diretrizes programáticas, cumprindo as normas e políticas públicas voltadas para a acessibilidade, assegurando um ambiente inclusivo e igualitário para todos.

Como evidenciado, o caminho trilhado não é isento de desafios significativos, como a adaptação a alunos com diversas deficiências e a integração deles nas aulas. Dificuldades surgem devido ao apoio limitado de alguns professores de apoio e à falta de compreensão das famílias sobre a importância da Educação Física. Além de questionamentos se a formação dos professores é suficiente.

No entanto, os resultados obtidos demonstram que as abordagens educacionais inclusivas implementadas na Escola Estadual Benedito Valadares, como o uso de planos de desenvolvimento individual (PDI), a colaboração entre a



maior parte de professores regentes e de apoio, a criação de uma sala de recursos e a adaptação dos métodos de ensino, são eficazes em promover a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades individuais.

Quanto às práticas inclusivas bem-sucedidas realizadas nas aulas de Educação Física, foi demonstrado que pequenas adaptações podem ter um grande impacto na inclusão de alunos com deficiência. Exemplos dessas adaptações incluem a redução de percursos, simplificação de regras, auxílio dos colegas, substituição de materiais e a utilização de recursos adaptados, como sons e formas. O percurso não está livre de desafios, porém é essencial enfrentá-los com otimismo e determinação, buscando constantemente maneiras de aprimorar e inovar. A educação inclusiva representa uma jornada em constante evolução, marcada pelo aprendizado e pela adaptação. Observar o progresso dos alunos é gratificante, não apenas em relação às habilidades físicas, mas também em termos de autoestima, confiança e senso de pertencimento.

No contexto da minha autonarrativa, vejo essas práticas como um reflexo do compromisso contínuo com a equidade e a justiça social dentro do ambiente escolar. As minhas expectativas são de que essas iniciativas não apenas promovam uma Educação Física mais inclusiva, mas também inspirem outras instituições a adotarem abordagens semelhantes.

A criação do "Caderno de Práticas Pedagógicas Exitosas: por uma Educação Física Escolar Inclusiva" em formato PDF é um passo significativo nessa direção, oferecendo um recurso valioso para educadores que buscam implementar ações concretas em prol da inclusão. O objetivo de tal recurso é contribuir para a reflexão, a problematização e a implementação de ações concretas em prol da inclusão social dos alunos, não apenas no ambiente escolar em geral, mas também especificamente na Educação Física.

Inspirando-me nas palavras de Paulo Freire, que fala sobre o verbo "esperançar" como uma ação ativa de lutar por um mundo melhor, acredito que essas práticas e recursos pedagógicos são instrumentos de transformação. "Esperançar" significa não apenas ter esperança, mas agir e trabalhar incessantemente para construir uma realidade mais justa e inclusiva. A verdadeira inclusão transcende a mera presença física na sala de aula, buscando assegurar que todos os estudantes desfrutem de igualdade de acesso ao ensino, tenham



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

participação plena nas atividades escolares e possibilidades para alcançar seu pleno desenvolvimento.

Portanto, os resultados obtidos reforçam a necessidade contínua de implementar políticas e estratégias educacionais que garantam a participação plena e igualitária de todos os estudantes, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A Escola Estadual Benedito Valadares exemplifica como práticas inclusivas bem-sucedidas podem transformar o ambiente escolar e servir como inspiração para outras instituições, promovendo uma educação de qualidade para todos.

Em resumo, este estudo é relevante porque evidencia que a inclusão autêntica não apenas beneficia os alunos com deficiência, mas também enriquece a experiência educacional de todos os estudantes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Embora o estudo realizado na Escola Estadual Benedito Valadares apresente importantes percepções sobre práticas inclusivas na educação, ele possui limitações significativas. A generalização dos resultados é limitada, pois o estudo se concentra em uma única instituição, e seu foco principal em Educação Física pode não refletir a inclusão em outras disciplinas. A perspectiva dos professores, predominante na pesquisa, não abrange completamente as experiências dos alunos com deficiência e suas famílias.

Reconhecer essas limitações é importante para entender o contexto e a aplicabilidade dos resultados do estudo. Também oferece oportunidades para futuras pesquisas que possam abordar essas lacunas e expandir o conhecimento sobre práticas inclusivas eficazes em diferentes contextos educacionais.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, E. V. **Planejamento coletivo e o trabalho pedagógico de educação física na Escola de Educação Básica da UFU: avanços e possibilidades.** 1999. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade**, p. 95-103, 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/faeeba/v22n40/v22n40a09.pdf> Acesso em: 18 fev 2024.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. **Desporto adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade.** Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Indesp, 1998.

BARCELOS, Fernanda de Melo. **Acessibilidade e inclusão de deficientes físicos nas aulas de educação física no município de sombrio.** 2011. Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Educação Física, Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2011.

BEZERRA, Alex Fabiano Santos. **Estratégias para o ensino inclusivo de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.** Orientador: Prof. Dr. Eduardo José Manzini. 2010. 108p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: **Caderno Cede.** Ano XIX, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 24/01/2023.

BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 24/01/2023.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. Parecer nº 215/87, de 11 de março de 1987a.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 24/01/2023

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 24/01/2023.



BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 009, de 08 de maio de 2001.** Dispõe sobre as Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, cursos de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União: Seção 1, Brasília, DF, p. 31, 18 abr. 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>. Acesso em 25/01/2023.

BRASIL. Presidência da República. **Lei no 10.793**, de 1º de dezembro de 2003. Diário Oficial, Brasília, 2 dezembro 2003. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10793-1-dezembro-2003-497217-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 25/01/2023.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 01/10/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **O Desafio das Diferenças nas Escolas.** Boletim 21. MEC, 2006.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** Ministério da Educação / SECADI. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Brasília, DF. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>. Acesso em 25/01/2023.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm. Acesso em 26/01/2023.

BRASIL. **LEI Nº 13.146**, DE 6 DE JULHO DE 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 24/01/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em 24/01/2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Maria Célia; PEREIRA, Helena de Ornellas Sivieri; AQUINO, Orlando Fernández. Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente, **Revista Iberoamericana de Educación:** Vol. 59 Núm. 3 (2012).



BUENO, José Geraldo Silveira. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da educação especial?. In: BUENO, José Geraldo Silveira; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; SANTOS, Roseli Albino dos (Org.). **Deficiência e escolarização: novas perspectivas de análise**. Araraquara: Junqueira e Marin; Brasília, DF: Capes, 2008. p. 43-63.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais em classes comuns: avaliação do rendimento acadêmico**. UFSCar, São Carlos, 2001.

CARVALHO, Telma Cristina Pichioli. **Arquitetura escolar inclusiva: construindo espaços para educação infantil**. 2008. 342 f. Tese (Doutorado) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Carlos, São Carlos, 2008.

CATALDI, Carolina Lessa. **Os caminhos percorridos pela educação física inclusiva: uma reflexão a partir do perfil e propostas pedagógicas dos professores de Educação Física**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Eliana Lúcia Ferreira. 2013. 166p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós- Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora em parceria com a Universidade Federal de Viçosa, Juiz de fora, 2013.

CIDADE, Ruth Eugênia Amarante; FREITAS, Patrícia Silvestre de. **Introdução à Educação Física Adaptada para pessoas com deficiências**. Curitiba: Editora da UFPR, 2009.

COSTA, A. M. **A educação física e os desportos para pessoas portadoras de deficiência no Brasil no período de 1980 a 1992**. In: CARMO, A. A.; SILVA, R. V. S. (eds.). Educação física e a pessoa portadora de deficiência. Série especialização e monografia 2. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1997, p.269-339.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 27-42, 2004.

COSTA, Valdelúcia Alves da. As demandas da formação e da prática docente inclusiva sob a égide dos direitos humanos. In: SILVA, Aída Maria Monteiro; COSTA, Valdelúcia Alves da (Orgs.). **Educação inclusiva e direitos humanos: perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2015.

CUNHA, Eugênio. **Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

DARIDO, Suraya Cristina. Os conteúdos da Educação Física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas da educação física escolar**. UFF, v.2, n.1, p. 5-25, 2001.

DARIDO, Suraya Cristina. **Ensinar/aprender educação física na escola: influências, tendências e possibilidades**. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E. M. (Org.). **Pedagogia cidadã: Cadernos de formação: Educação Física**. São Paulo: UNESP,



FREITAS, Soraia Napoleão. **A formação de professores na educação inclusiva: construindo a base de todo o processo.** São Paulo. Summus. Editorial. 2006.

FILHO, Lino Castellani. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

GALVÃO FILHO, Teófilo. *et al.* **Conceituação e estudo de normas.** In: BRASIL, Tecnologia Assistiva. Brasília: Comitê de Ajudas Técnicas/SEDH/PR, 2009, p. 13-39. Disponível em http://www.galvaofilho.net/livro-tecnologia-assistiva_CAT.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2023.

GLAT, Rosana; NOGUEIRA, Mario Lucio de Lima. Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. **Comunicações**, v.10, n.1, p.134-142, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa; SILVA, Fernanda Duarte Lopes Lucas da. As ações afirmativas e os processos de promoção da igualdade efetiva. In: Seminário internacional as minorias e o direito, 2003, Brasília. **Anais eletrônicos.** Brasília: Série Cadernos do CEJ, 2003. Disponível em: https://bradonegro.com/content/arquivo/11122018_205135.pdf. Acesso em: 9 fev. 2024.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o “não mais” e o “ainda não”:** pensando saídas do não-lugar da EF Escolar II. Cadernos de Formação RBCE, p. 10-21, mar. 2010.

GORGATTI, Gabriela.; GORGATTI, Tiago. **O esporte para pessoas com necessidades especiais.** In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R. F. (Org.). Atividade física adaptada. São Paulo: Manole, 2005.

JÚNIOR, Paulo Ghirdelli. **Educação física progressista:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003. 63 p.

KOLOTOUCHKINA, Olga et al. Disability, Sport, and Television: Media Visibility and Representation of Paralympic Games in News Programs. **Sustainability**, v. 13, n. 1, p. 256, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su13010256>. Acesso em: 8 fev. 2024.

LAGE, Sandra Regina Moitinho; LUNARDELLI, Rosane Suely Alvares; KAWAKAMI, Tatiana Tissa. O Capacitismo e suas formas de opressão nas ações do dia a dia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 28, 2023. DOI: 10.5007/1518-2924.2023.e93040. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/93040>. Acesso em: 6 fev. 2024.



LEITE, Flávia Piva Almeida; RIBEIRO, Lauro Luiz Gomes; FILHO, Waldir Macieira da Costa. **Comentários ao Estatuto da Pessoa com Deficiência-** Lei n. 13.146/2015 / coordenação de Flávia Piva Almeida Leite, Lauro Luiz Gomes Ribeiro e Waldir Macieira da Costa Filho. –2. ed. –São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?:** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA, Francisco José de; SILVA, Fabiana Tavares dos Santos. Barreiras atitudinais: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. In: SOUZA, Olga Solange Herval (Org.). **Itinerários da inclusão escolar:** múltiplos olhares, saberes e práticas. Porto Alegre: Editora AGE, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? Por quê? Como fazer? Editora Moderna, 2ª edição. São Paulo, 2008.

MANZINI, Eduardo José. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um Programa de Pós-graduação em Educação. **Revista Percurso**, v. 4, n. 2, p. 149-171, 2012.

MARCHESAN, Andressa; CARPENEDO, Rejane Flepke. Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. **Revista Trama** v. 17 nº40, 2021: 45-55. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/download/26199/17003/100306> . Acesso em: 29 ago. 2023.

MARTIN, Mário Toboso. “Capacitismo”. In: PLATERO, R. Lucas; ROSÓN, Maria; ORTEGA, Esther (eds.): **Barbarismos queer y otras esdrújulas**. Barcelona. Bellaterra. 2017. p. 73- 81.

MAUER BERG-DECASTRO, Eliane. **Atividade física adaptada**. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Construindo um “lócus” de pesquisas sobre inclusão escolar. In: MENDES, Enicéia Gonçalves; ALMEIDA, M. A; WILLIAMS, L. C. de. **Temas em educação especial:** avanços recentes. São Carlos: EdUFSCAR, pp.221-230, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.



MOREIRA, Herivelton; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOREIRA, Marco Antonio; RIZZATTI, Ivanise Maria. Pesquisa em ensino. **Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática**, p. e020007-e020007, 2020.

MUNSTER, Mey de Abreu Van; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. **Um olhar sobre a inclusão de pessoas com deficiência em programas de atividade motora: do espelho ao caleidoscópio**. In: RODRIGUES, D. (Org.). *Atividade Motora Adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

NUNES, Ginete Cavalcante; NASCIMENTO, Maria Cristina Delmondes; LUZ, Maria Aparecida Carvalho Alencar. Pesquisa Científica: conceitos básicos. **Id on Line Revista de Psicologia**, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 144-151. ISSN 1981-1179.

OLABUENAGA, José Ignacio Ruiz; ISPIZUA, María Antonia. **La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa**. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

OLIVEIRA, Guilherme Saramago et al. Grupo focal: uma técnica de coleta de dados numa investigação qualitativa? **Cadernos da Fucamp**, Uberlândia, v.19, n.41, p.1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2208>. Acesso em: 18 Fev 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais**. 1994. Espanha: Salamanca, 1994.

PASQUALOTTI, Paulo; PASSERINO, Liliana Maria. (2006). **Critérios de Usabilidade e de Acessibilidade em software de construção de narrativas colaborativas**. IN: Anais do IBERDISCAP, 20-22.

PIRES, Vasco Filipe Moreira. **Educação Física inclusiva e suas implicações na Escola: pontos e contrapontos no olhar para a deficiência**. Orientadora: Maria Candida Soares Del-Masso. 2020. 116p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.

RESOLUÇÃO nº. 4, de 2 de outubro de 2009. **Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação especial**, Brasília: MEC, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em 14/10/2023.

RIBAS, João Baptista Cintra. **O que são pessoas deficientes**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RISSI, Simone. **O ambiente e a acessibilidade na escola e nas aulas de**



educação física: a perspectiva de uma aluna com deficiência **visual**. 2010. 79 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2010.

RODRIGUES, David; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Formação de professores e inclusão: como se reformam os reformadores?. **Educar em Revista**, n. 41, p. 41-60, 2011.

SALERNO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Educação física escolar como espaço inclusivo. In: **Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v.4, n. 4/5, p.01 – 12, jan./dez. 2004.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. **Psicologia em estudo**, Marília, v.10, n.2, p.227-234, 2005.

SANTOS, Martinha Clarete Dutra dos. O direito das pessoas com deficiência à educação inclusiva e o uso pedagógico dos recursos de tecnologia assistiva na promoção da acessibilidade na escola. **Revista InFor**, n.1, p. 51-60, 2015.

SANTOS, Natanniele Felício dos.; SOUZA, Janayna. Capacitismo no ambiente escolar: implicações para alfabetização científica do estudante com deficiência / Empowerment in the school environment: implications for scientific literacy of students with disabilities. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 9, p. 86920–86934, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n9-042. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/35441>. Acesso em: 23 jan. 2024.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO, em Belo Horizonte, 2020. MINAS GERAIS. **Resolução SEE nº 4.256**, de 9 de janeiro de 2020.

SHIMODA, Lindomar dos reis. **A inclusão de um aluno com síndrome de down nas aulas de educação física**. Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos de Moraes. 2020. 138p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos; [coordenação] Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Vitória, ES, 2020.

SILVA, Cláudio Silvério da; DRIGO, Alexandre Janotta. **A educação física adaptada:** implicações curriculares e formação profissional. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SILVA, João Paulo Vicente da. **Esporte adaptado e inclusão:** Tecendo olhares para as diferenças na formação docente. Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Dias. 2022. 105p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Natal, RN, 2022.



ANEXO 1

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO DA ESCOLA

Raul Soares, _____ de _____ de 2023.

Autorização para Realização de Pesquisa

Eu, _____, Diretora da _____, autorizo a realização da pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS DOS ANOS FINAIS DA ESCOLA ESTADUAL BENEDITO VALADARES” a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora Francielli de Barros Delazari, aluna do curso de Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF), polo UFMG, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFMG para a referida pesquisa.



ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Direcionado aos professores)

Título da pesquisa: “Educação Física escolar inclusiva- Práticas pedagógicas exitosas dos anos finais da Escola Estadual Benedito Valadares”

Pesquisadora Responsável: Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz

E-mail: bel.coimbra@hotmail.com Tel: (031) 98833-5982

Pesquisadora Corresponsável: Francielli de Barros Delazari

E-mail: francielli.delazari@educacao.mg.gov.br Tel: (033) 99126-0773

Você está sendo convidado (a) a participar voluntariamente da pesquisa científica intitulada “Educação Física Escolar Inclusiva- práticas pedagógicas exitosas da Escola Estadual Benedito Valadares da cidade Raul Soares- MG”, que tem como objetivo narrar ações pedagógicas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para inclusão de alunos com deficiência. Serão realizadas entrevistas individuais que poderão ser gravadas. Os espaços da escola poderão também ser fotografados.

Você será informado (a) sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terá que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na sua participação. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo. O risco aos envolvidos é baixo, visto que os mesmos não serão submetidos a nenhum procedimento invasivo, bem como constrangimento provocado por imagens ou pelas declarações nas entrevistas e questionários. Em caso de ocorrência de algum dano durante a participação dos voluntários, haverá assistência integral, e o envolvido poderá buscar indenização nos termos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12.1.3, que envolve seres humanos. Você sempre será consultado (a) sobre sua disposição em responder a entrevista e não será forçado (a) em momento algum a realizar qualquer ação relacionada à pesquisa.



Sua identidade será resguardada, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12, e você poderá sair da pesquisa a qualquer momento, e esta decisão não te trará nenhum tipo de penalidade. Você não será remunerado (a), visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntária, e não terá direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Durante o processo, você poderá expressar dúvidas gerais sobre a pesquisa, opiniões e sugestões e sempre poderá consultar as pesquisadoras através do e-mail, ligação e mensagem pelo WhatsApp. Telefones: (031) 98833-5982, (033) 99126-0773; e-mail: bel.coimbra@hotmail.com;

francielli.delazari@educacao.mg.gov.br. Ou ainda, entrar em contato com a pesquisadora responsável, situada na Avenida Antônio Carlos, 6627, Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional- EEEFTO, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP 31270-901. Para informações de caráter ético, entrar em contato com o COEP- UFMG - Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG, situado na Avenida Antônio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II, 2º andar sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP: 31270-901. Telefone: 34094592.

Os resultados da pesquisa fornecerão informações para o desenvolvimento de ações voltadas para os docentes, buscando a inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Caso esteja de acordo, por favor assine:

Eu, _____, portador (a) do RG _____ e inscrito (a) no CPF _____, residente e domiciliado (a) na _____, _____, li e compreendi as informações fornecidas. E por estar de acordo com as condições de estudo, como descritas, me disponibilizo a participar da pesquisa “Educação Física escolar inclusiva- Práticas pedagógicas exitosas dos anos finais da Escola Estadual Benedito Valadares”.

Ao assinar este termo, não estou desistindo de quaisquer direitos meus. Uma via deste termo me foi dada.

Raul Soares, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante



Pesquisadores:

Nós garantimos que este termo de consentimento será seguido e que responderemos a quaisquer questões que o (a) participante colocar, da melhor maneira possível.

Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz

Pesquisadora Responsável

Francielli de Barros Delazari

Pesquisadora Corresponsável



ANEXO 3

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

(Direcionado à direção e professor)

Eu, _____, portador (a) do RG _____ e inscrito (a) no CPF _____, residente e domiciliado (a) na _____, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso do meu depoimento especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz (pesquisador responsável) e Francielli de Barros Delazari (pesquisadora corresponsável) do projeto de pesquisa intitulado “Educação Física Escolar Inclusiva- práticas pedagógicas exitosas da Escola Estadual Benedito Valadares da cidade Raul Soares- MG” a colher depoimentos meus e gravá-los sem quaisquer ônus financeiros. Ao mesmo tempo, autorizo a utilização das fotos dos espaços da escola para fins científicos e de estudos (livros, revistas, artigos, slides, manual e para divulgação do trabalho), em favor dos pesquisadores acima especificados.

Raul Soares, _____ de _____ de 2023.

Pesquisadora Responsável

Pesquisadora Corresponsável

Participante

Pesquisadora Responsável: Isabel Cristina Vieira Coimbra Diniz
E-mail: bel.coimbra@hotmail.com Tel: (031) 98833-5982

Pesquisadora Corresponsável: Francielli de Barros Delazari
E-mail: francielli.delazari@educacao.mg.gov.br Tel: (033) 99126-0773



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

II. DADOS DO(A) ESTUDANTE

1. Nome _____

2. Data de Nascimento: _____ Idade: _____

3. Responsável pelo Estudante/Parentes _____

4. Ano de Escolaridade: _____

5. Deficiência informada: _____

6. É acompanhado por um profissional fora da escola? Qual especial

7. Faz uso contínuo de medicamento? Para quê? Causa efeitos colaterais? Quais?

8. Possui alguma necessidade espe

9. Tipo de atendimento:

Guia Intérprete Professor de LIBRAS

Intérprete de LIBRAS Sala de recursos

Professor de ACLTA

Outro? Qual?

10. Utiliza recurso de Acessibilidade? Descr:

11. Como gosta de se divertir

III. CONSIDERAÇÕES DA FAMÍLIA:



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

IV. HISTÓRICO DE ESCOLARIZAÇÃO

1. Com que idade o aluno começou a frequentar a es _____
2. Onde e como foi o percurso escol _____

3. Frequenta sala de recurs(_____ Qual a frequência do atendimento (dia/horas: _____
4. Frequenta Educação Inte(_____

V. LIMITES E AGRESSIVIDADE

- Apresenta Auto-agressividade Apresenta indisciplina
- Apresenta Heteroagressividade Apresenta desobediência às regras e/ou combinados
- Apresenta apatia

Obs.:

VIII. COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

1. Apresenta intenção comunicativa:

- Sim Não

2. Utiliza a comunicação:

- Para fazer comentários Para obter atenção
- Para fazer solicitações Realizar escolhas
- Para necessidades básicas Realizar pequenas narrativas

3. Recursos utilizados pelo estudante para Comunicação Suplementar Alternativa:

- Alfabeto Móvel Não Faz uso de nenhum recurso suplementar para a comunicação
- Alta Tecnologia Pictograma
- Baixa Tecnologia Prancha de Comunicação
- Figuras Avulsas Prancha Temática
- Fotos
- Numerais



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

4. Expressa-se por/como/com:

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Gestos caseiros | <input type="checkbox"/> Gagueira |
| <input type="checkbox"/> Língua de Sinais Brasileira - Libras | <input type="checkbox"/> Lentidão na fala |
| <input type="checkbox"/> Palavras | <input type="checkbox"/> Nomeia objetos |
| <input type="checkbox"/> Sons | <input type="checkbox"/> Omite fonemas |
| <input type="checkbox"/> Demonstra timidez ao se expressar | <input type="checkbox"/> Troca fonemas |
| <input type="checkbox"/> Descreve gravuras | <input type="checkbox"/> Distorce fonemas |
| <input type="checkbox"/> Ecolalia | <input type="checkbox"/> Conversa espontaneamente |
| <input type="checkbox"/> Expressa-se com clareza | <input type="checkbox"/> Reconta histórias |
| <input type="checkbox"/> Expressa-se muito rápido | <input type="checkbox"/> Repete a fala dos adultos |
| <input type="checkbox"/> Expressa-se pelo som final das palavras | <input type="checkbox"/> Demonstra entender o que é proposto |
| <input type="checkbox"/> Frases completas | <input type="checkbox"/> Tom de voz baixo |
| <input type="checkbox"/> Frases curtas | <input type="checkbox"/> Tom de voz alto |

5. Escrita:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Garatujas | <input type="checkbox"/> Observa e relaciona parte dos nomes |
| <input type="checkbox"/> Escrita pré-silábica | <input type="checkbox"/> Procura formar palavras e tenta ler |
| <input type="checkbox"/> Escrita silábica | <input type="checkbox"/> Escreve frases |
| <input type="checkbox"/> Escrita silábica-alfabética | <input type="checkbox"/> Escreve textos |
| <input type="checkbox"/> Escrita alfabética | <input type="checkbox"/> Letra cursiva |
| <input type="checkbox"/> Diferencia desenho da escrita e dos números | <input type="checkbox"/> Letra impressa |
| <input type="checkbox"/> Identifica rótulos | <input type="checkbox"/> Letra legível |
| <input type="checkbox"/> Conhece algumas letras | <input type="checkbox"/> Relaciona letras de vários tipos e tamanhos |
| <input type="checkbox"/> Conhece todas as letras | <input type="checkbox"/> Tenta atribuir um sentido num texto por meio de pistas |
| <input type="checkbox"/> Identifica letras iguais | <input type="checkbox"/> Escreve com apoio/adaptação |
| <input type="checkbox"/> Reconhece a letra inicial do seu nome | <input type="checkbox"/> Recusa escrever dizendo que não sabe |
| <input type="checkbox"/> Reconhece seu nome em frases | |
| <input type="checkbox"/> Reconhece o nome dos pais e colegas | |
| <input type="checkbox"/> Escreve nome de familiares e amigos | |

6. Leitura

- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Lê palavras | <input type="checkbox"/> Leitura fonética (silabada) com dificuldade no entendimento da palavra |
| <input type="checkbox"/> Lê frases | <input type="checkbox"/> É capaz de imitar a leitura a partir de um texto conhecido oralmente (música/parlenda/poesia) |
| <input type="checkbox"/> Lê textos | |
| <input type="checkbox"/> Leitura global (compreensão, inferência, comparação) | <input type="checkbox"/> Não lê |



	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z	AA	AB	AC	AD	AE	AF	AG	AH	AI	AJ	AK	AL	AM	AN	AO	AP	AQ	AR	AS
1																																													
2	VI. ASPECTOS PSICOMOTORES OBSERVADOS:																																												
3																																													
4																																													
5																																													
6																																													
7																																													
8																																													
9																																													
10																																													
11																																													
12																																													
13																																													
14																																													
15																																													
16																																													
17																																													
18																																													
19																																													
20																																													
21																																													
22																																													
23																																													
24																																													
25																																													
26																																													
27																																													
28																																													
29																																													
30																																													
31																																													

Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)



IX. PLANEJAMENTO BIMESTRAL:

ESTUDANTE:		TURMA:	
COMPONENTE CURRICULAR:	Educação Física	PROFESSOR(A):	
SEMESTRE:	() 1º () 2º		
Objetivo geral do Componente Curricular para a turma:			
Objetivo geral do Componente Curricular para o estudante:			
Qual o conteúdo será trabalhado na disciplina?	Qual a habilidade a ser construída/desenvolvida?	Descreva a metodologia de trabalho e os materiais a serem utilizados para que o estudante adquira a habilidade ou aprendizado.	Qual habilidade/aprendizado adquirida pelo(a) estudante no final deste bimestre em cada conteúdo?
<p>*CORREÇÃO DE RUMOS: Os conteúdos trabalhados e não assimilados pelo estudante, deverão ser constantemente avaliados e revistos ao longo do bimestre, de forma que possam ser apresentadas novas propostas didático-pedagógicas, possibilitando a consolidação da habilidade/aprendizado durante o bimestre. Caso o aprendizado do conteúdo não se consolide durante o bimestre, deverá ser apresentada proposta de Intervenção Pedagógica para auxílio no processo de aprendizado do estudante.</p>			



X. AVALIAÇÃO:

AVALIAÇÃO						
Etapa	Valor	Nota alcançada	Grau de autonomia para realizar a atividade		Metodologia utilizada (descrever como foi realizada a avaliação)	Qual o diagnóstico pedagógico do estudante nessa habilidade? (descreva potenciais e desafios)
1º Semestre			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		
			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		
			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		
2º Semestre			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		
			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		
			<input type="checkbox"/> muito suporte	<input type="checkbox"/> alta compreensão		
			<input type="checkbox"/> pouco suporte	<input type="checkbox"/> pouca compreensão		

XI. RELATÓRIO PEDAGÓGICO DO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE / SEMESTRAL

Relatório Pedagógico DESCRITIVO de até uma lauda, elencando os aspectos cognitivos, sociais, comunicacionais e motores de desenvolvimento do estudante durante o semestre:

Assinatura Direção:

Assinatura especialista:

Assinatura Regente de turma/aula:

Raul Soares, de de .



APÊNDICE

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

A entrevista a seguir elaborada pela mestranda Francielli de Barros Delazari para a pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Física (PROEF-UNESP/UFMG) intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA- PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EXITOSAS DA ESCOLA ESTADUAL BENEDITO VALADARES DA CIDADE RAUL SOARES-MG” tem como objetivo narrar ações pedagógicas exitosas de professores de Educação Física da Escola Estadual Benedito Valadares para inclusão de alunos com deficiência, bem como enumerar fatores que contribuem ou dificultam as práticas de ensino com alunos com deficiência na Educação Física Escolar, além de identificar as dimensões da acessibilidade no contexto escolar. A participação dos envolvidos ocorrerá de forma voluntária e não haverá risco à segurança e ao bem-estar dos sujeitos da pesquisa. Os participantes poderão sair da pesquisa a qualquer momento. Nenhum nome será revelado e os participantes serão resguardados de qualquer constrangimento seja por imagens ou pelas declarações nas entrevistas. O presente estudo pretende contribuir positivamente para a produção de conhecimento sobre a Educação Física inclusiva.

Diretora:

- 1- A escola atende alunos de que faixa etária?
- 2- Quantos alunos há na Escola Estadual Benedito Valadares?
- 3- Quando a escola recebeu o primeiro aluno com deficiência?
- 4- Quantos alunos a escola tem hoje com algum tipo de deficiência?
- 5- E que tipo de deficiência esses alunos têm? Todos esses alunos têm direito ao AEE?
- 6- A Escola conta com uma sala de recursos. Há quanto tempo ela foi criada?
- 7- A sala de recursos atende alunos de outra instituição? Quantos alunos são atendidos ao todo na sala de recursos?
- 8- Que tipo de atividade é realizada na sala de recursos?



- 9- Quantos professores de apoio há na escola?
- 10- Fale sobre a importância dos professores de apoio.
- 11- É realizado planejamentos diferenciados para os alunos com deficiência?
- 12- É realizado algum trabalho para que os demais alunos desenvolvam a aceitação dos alunos com deficiências?
- 13- Como acontece a acolhida das famílias dos alunos com deficiências?
- 14- Fale sobre a acessibilidade na escola Estadual Benedito Valadares (quais recursos a escola possui para atender os alunos com algum tipo de deficiência).
- 15- Para você, quais os principais desafios ou barreiras em relação a Educação inclusiva?
- 16- Como a escola atua para minimizar esses desafios?
- 17- Como você define inclusão no ambiente escolar?
- 18- Quais as principais mudanças (atitudinais e arquitetônicas) que aconteceram na escola Estadual Benedito Valadares desde a inserção de alunos com deficiências? E o que é feito quando faltam recursos materiais?
- 19- Na sua opinião, o que torna a Escola Estadual Benedito Valadares uma instituição referência em Educação inclusiva?
- 20- O que é mais gratificante no trabalho com alunos com deficiência?
- 21- Em sua opinião, o que poderia ser feito para que a inclusão acontecesse da melhor maneira em todas as instituições?

Professora de Educação Física

- 1- Você trabalha com alunos de que idade?
- 2- Quantos alunos com deficiência você tem?
- 3- Que tipo de deficiência eles têm?
- 4- Eles participam das aulas de Educação Física?
- 5- Como os alunos com deficiência participam das suas aulas? Você realiza adaptações?
- 6- Os demais alunos incluem os alunos com deficiência em suas aulas?



- 7- Você trabalha na Escola Estadual Benedito Valadares desde antes dela se tornar referência em Educação inclusiva?
- 8- Você considera que os professores de apoio são essenciais para uma Educação Física inclusiva?
- 9- A quadra é acessível?
- 10- Há materiais adaptados?
- 11- O que você faz quando faltam recursos materiais?
- 12- Fale sobre a acessibilidade na Escola Estadual Benedito Valadares nas aulas de Educação Física.
- 13- Para você, quais os principais desafios ou barreiras em relação a Educação inclusiva nas aulas de Educação Física?
- 14- Como a escola auxilia os professores para que esses desafios sejam minimizados?
- 15- Como você define inclusão na Educação Física Escolar?
- 16- Para você, o que é mais gratificante no trabalho com alunos com deficiência nas aulas de Educação Física?

Professores de apoio

- 1- Há quanto tempo você trabalha como professora de apoio?
- 2- Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual Benedito Valadares?
- 3- Você já trabalhou na sala de recursos? Se sim, qual trabalho você realizava lá?
- 4- Qual a formação exigida para ser professor de apoio?
- 5- Qual a sua formação?
- 6- Você já atendeu alunos com quais tipos de deficiências?
- 7- Qual trabalho você realiza como professora de apoio (como é seu planejamento)?
- 8- Para você, o que é ser professora de apoio? Qual a importância do trabalho que vocês realizam na escola?
- 9- Como é a sua relação com a família dos seus alunos?



Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

- 10- Quais recursos a escola oferece para você desenvolver o seu trabalho?
- 11- Para você, o que é mais desafiador no trabalho com alunos com deficiências?
- 12- Como é a sua relação com os demais professores (regentes e demais professores de apoio)? Realizam planejamentos em conjunto?
- 13- Quais práticas pedagógicas você considera exitosas em relação a educação inclusiva da Escola Estadual Benedito Valadares?
- 14- Como você define inclusão no ambiente escolar?
- 15- O que é mais gratificante no trabalho com alunos com deficiência?
- 16- Quanto à Educação Física, você acredita que os alunos com deficiência são incluídos nas atividades?
- 17- Para você, qual a importância do profissional de Educação Física para a inclusão escolar?
- 18- Qual a importância da formação do licenciado em educação física no âmbito das ações afirmativas?
- 19- Gostaria de acrescentar algo?

Vice-diretor/ professor de Educação Física

- 1- Há quanto tempo você trabalha na Escola Estadual Benedito Valadares? Você trabalha na instituição desde antes dela se tornar referência em Educação inclusiva?
- 2- Há quanto tempo você está na vice-direção da Escola Estadual Benedito Valadares?
- 3- Qual a sua formação?
- 4- Como professor, você já atendeu alunos com quais tipos de deficiências na Escola Estadual Benedito Valadares?
- 5- Em relação a acessibilidade, por quais melhorias a escola tem passado nos últimos anos, para que os alunos com deficiência tenham suas necessidades (de locomoção, aprendizagem, higiene, entre outras) supridas?
- 6- Para você, qual o papel da gestão escolar para uma educação inclusiva?

